

PELES DE IMAGENS:
O TEXTO COMO LEITURA
E PRODUÇÃO DE MUNDOS

Rafael Batista de Sousa
Jaqueline Coêlho
Carolina Soares Mendes



PELES DE IMAGENS:
O TEXTO COMO LEITURA
E PRODUÇÃO DE MUNDOS

Brasília-DF
IFB Editora
2023

PELES DE IMAGENS:
O TEXTO COMO LEITURA
E PRODUÇÃO DE MUNDOS

Rafael Batista de Sousa
Jaqueline Coêlho
Carolina Soares Mendes

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA

REITORA
Veruska Ribeiro Machado

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO
Cláudia Sabino Fernandes

PRÓ-REITORA DE ENSINO
Rosa Amélia Pereira da Silva

PRÓ-REITOR DE GESTÃO
DE PESSOAS

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO
E CULTURA
Diene Ellen Tavares Silva

José Anderson de Freitas Silva

PRÓ-REITORA DE PESQUISA
E INOVAÇÃO
Simone Braz Ferreira Gontijo

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES
Daniele dos Santos Rosa

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Jefferson Sampaio de Moura

REDAÇÃO
Rafael Batista de Sousa
Jaqueline Coêlho
Carolina Soares Mendes

REVISÃO
Maíra Basso Motta

PROJETO GRÁFICO | DIAGRAMAÇÃO | ARTE FINAL
Marcos Hartwich

EDITORA



Reitoria - Setor de Autarquias Sul - Quadra 2 - Bloco F Edifício
Siderbrás - CEP: 70.070-020 - Asa Sul - Brasília-DF
www.ifb.edu.br - Fone: + 55 (61) 2103-2110 - editora@ifb.edu.br

2023 Editora IFB



A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos nos capítulos são de exclusiva responsabilidade dos autores. Todos os direitos desta edição são reservados à Editora IFB. É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. É proibida a venda desta publicação.

S725 Sousa, Rafael Batista de.
Peles de imagens: o texto como leitura e produção de mundos
[recurso eletrônico] / Rafael Batista de Sousa; Jaqueline Coêlho;
Carolina Soares Mendes. - Brasília: Editora IFB, 2023.
1 E-book : 178 p. : il. ; PDF.

Edição digital.
ISBN 978-65-6074-001-3

1. Produção textual. 2. Processo de aprendizagem. 3. Linguagem.
I. Coêlho, Jaqueline. II. Mendes, Carolina Soares. III. Título.

CDU 808.1

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Cartaz do curta “Vida Maria”	26
Imagem 2	Cartaz do filme “Atlântico negro: na rota dos Orixás”	44
Imagem 3	Árvore genealógica segundo alguns aspectos do heredograma	46
Imagem 4	Detalhe da capa do caderno A serpente e a canoa: Flecha 1	48
Imagem 5	Lani - Campanha “Retratos da Real Beleza”	57
Imagem 6	Shelly - Campanha “Retratos da Real Beleza”	57
Imagem 7	Maria - Campanha “Retratos da Real Beleza”	58
Imagem 8	Florence - Campanha “Retratos da Real Beleza”	58
Imagem 9	Sandra - Retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade	63
Imagem 10	Sílvia - Retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade	64
Imagem 11	Tatiana - Retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade	64
Imagem 12	Kátia - Retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade	64
Imagem 13	Organização dos Retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade	68
Imagem 14	Logo aplicativo Hand Talk	71
Imagem 15	Logo aplicativo Domlexia	71
Imagem 16	Logo aplicativo Wheelmap	71
Imagem 17	Alfabeto em língua de sinais	78
Imagem 18	Exemplo de cartaz “É coisa de preto”	109
Imagem 19	Exemplo de mapa mental	123
Imagem 20	Projeto Museu da Imagem Itinerante da Maré (MIIM)	128
Imagem 21	Atlas náutico do mundo, dito atlas Miler, presumidamente por Lopo Homem, 1519, folha 5	144
Imagem 22	População Total do Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2007	144
Imagem 23	América Invertida de Joaquín Torres García, 1943	145
Imagem 24	Pegada ecológica - hectares globais por pessoa, 2019	145

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Conceição Evaristo por Léo Martins – Portal Geledés	31
Foto 2	Henedina, avó de Stela Barbieri. Arquivo da autora	33
Foto 3	Abraão Batista, avô de Jarid Arraes, por Pedro Philippe para Cariri Revista	34
Foto 4	Davi Kopenawa durante filmagens da campanha do ISA #PovosDaFloresta, em Presidente Figueiredo (AM), fevereiro de 2019 por Daniel Klajmic/Pródigo	36
Foto 5	A escritora Ana Maria Gonçalves, por Editorial Record	42
Foto 6	Cristiane Sobral	60
Foto 7	Carol Rossetti	65
Foto 8	Natives Hair Dressing, Zanzibar por Gomes & Sons, A. C. 1870-1900	80
Foto 9	Comoro girl, por Coutinho Brothers Photographers, 1906	80
Foto 10	CO 1069-176-9, por Coutinho Brothers Photographers, Zanzibar	81
Foto 11	Natives dressing hair, por Coutinho Brothers Photographers, Zanzibar, 1908	81
Foto 12	Swahili girl, por Coutinho Brothers Photographers, 1906	82
Foto 13	Scholastique Mukasonta, por Editora Nós	86
Foto 14	Noite da Beleza Negra, de André Frutuoso	89
Foto 15	Noite da Beleza Negra, de André Frutuoso	89
Foto 16	Carolina Maria de Jesus assinando seu livro Quarto de Despejo em 1960	102
Foto 17	Françoise Ega	107
Foto 18	Meimei Bastos, por Bento Viana para a Revista Traços	112
Foto 19	Renata Florentino. Arquivo da autora	118
Foto 20	GOG, por Marcos Caviccioli para a Revista Piauí	122
Foto 21	Nego Bispo	126
Foto 22	Carlos Drummond de Andrade, por Rogério Reis / Instituto Ling	139
Foto 23	Adriana Lisboa, por Julie Harris	150
Foto 24	Ailton Krenak, por Eduardo Fujise e Gideoni Junior/Itaú Cultural	159

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
ANTES DO COMEÇO - PELES DE IMAGENS	17
Espirando o processo	18
1. ANCESTRALIDADE	23
Começando a conversa	25
Leitura e produção de texto - Vida Maria	25
Leitura e interpretação de texto - Vozes-mulheres	30
Leitura e entrevistas - Conhecendo as mais velhas e os mais velhos	33
Leituras e escrita - O delicado retorno à ancestralidade	39
Produção visual - Árvore ancestral	45
Reflexão e projeto - Cosmogonia	48
Biblioteca	50
Sessão de cinema	51
2. CORPO	53
Começando a conversa	55
Reflexão coletiva - Descrições de corpos e estética	55
Produção de textos - Retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade	61
Reflexão, discussão e pesquisa - Capacitismo	69
Vivência e produção escrita - Reivindicando acessibilidade	72
Produção de mensagens - O que o corpo pode dizer	77
Leituras e escrita - Cabelos, tranças, existências e resistências	79
Produção de belezas - O Ilê Ayiê	87
Produção audiovisual - Triste, louca ou má	90
Biblioteca	91
Sessão de cinema	92
3. COMUNIDADE	95
Começando a conversa	97
Leitura, reflexão e construção de espaços - Quarto de despejo	98

Leitura, pesquisa e produção escrita - Ecos de Carolina Maria de Jesus, Coisas de preto e Programas de índio	105
Leitura, reflexão e produção de textos - Periferias e centros	110
Reflexão, discussão e argumentação - Mobilidade urbana	117
Música, reflexão e produção visual - Periferia em mapa mental	121
Reflexão, leitura e descrição - Periferias não urbanas	124
Reflexão e projeto - Nosso museu	128
Biblioteca	130
Sessão de cinema	131
4. MUNDO	133
Começando a conversa	135
Leitura e análise - O homem; as viagens e seu texto, contexto e intertextos	136
Leitura e reflexão - O mundo em mapas e o que eles nos dizem	142
Reflexão e produção audiovisual - Nossa relação com o mundo	146
Declamação, escuta e compreensão de texto - Répteis	149
Leitura e produção de texto - Pirahãs	151
Leitura e produção de textos - Carta às futuras gerações	156
Reflexão e projeto - Intervenções	161
Biblioteca	163
Sessão de cinema	164
GLOSSÁRIO	165
REFERÊNCIAS	167
AUTOR E AUTORAS	173

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.”

Tierno Bokar

“O futuro é ancestral.”



APRESENTAÇÃO

Peles de imagens: o texto como leitura e produção de mundos é uma proposta de trabalho que articula leitura, análise e produção textual com foco no protagonismo de estudantes que, por meio de suas vivências reais e do enfrentamento de questões sociais contemporâneas, são provocados/as a desenvolver as competências leitora e de escrita, com a criticidade e a autonomia necessárias para a compreensão de si e da realidade circundante.

Peles de imagens é uma tradução para o português do termo *utupa siki*, que, em Yanomami, faz referência a páginas escritas e a documentos impressos. Escrever, para os Yanomami, tem relação direta com a pintura. Esta, por sua vez, está relacionada a dimensões amplas das manifestações do pensamento e do ser. Os corpos assumem o lugar do papel e, onde a visão míope ocidental procura o alfabeto, encontram-se traços, pontos

e sinusóides. A escrita, *tRë ã oni*, é assim “um desenho de palavras”. Davi Kopenawa, em “A queda do céu”, subverte a lógica hegemônica que compreende a escrita como uma evolução humana e nos oferece uma ampliação de leitura de mundos que abarca diferentes saberes e formas de registro de pensamentos, não indicando uma relação de superioridade, mas de complementaridade ou apenas diferença.

Ao nomearmos este livro *Peles de imagens*, reverenciamos a complexidade do pensamento Yanomami e reconhecemos nossa limitação em escapar da produção acadêmica tão fechada em desenhos de palavras materializados em peles de imagens. Por outro lado, ansiamos pela possibilidade mínima de alteridade, em que não precise haver negação ou silenciamento de saberes em detrimento de outros, lançando uma aposta miúda e apaixonada de encontro e de fortalecimento mútuos.

Este livro parte da compreensão de que textos são manifestações da linguagem capazes de transmitir informações de sentido completo. Desse modo, os textos participam das ações, intermediando e organizando as práticas humanas. Os textos, assumidos enquanto discurso, permitem a compreensão do uso da linguagem como prática social, um modo de ação sobre o mundo e a sociedade, reflexo de variáveis estruturais e estruturantes, nunca como atividade puramente individual.

A assunção da relação dialética entre discurso (incluindo formas variadas de semiose) e outros elementos da prática social é orientadora das atividades e reflexões que buscamos compartilhar a partir deste material que propõe *o texto como leitura e produção de mundos*, ou seja, por meio do texto modificamos o mundo enquanto somos por ele nós mesmos/as modificados/as. Para isso, é imprescindível explorar temas tão presentes da vida social, mas que muitas vezes são renegados dos ambientes institucionais. Almejamos o desprendimento da ideia de universalidade, de unicidade, de homogeneidade para lançarmo-nos à pluriversidade, à diversidade, ao respeito e ao reconhecimento das diferenças.

O material aqui disponível tem a flexibilidade necessária para ser trabalhado em diferentes componentes curriculares ligados à leitura

e produção de texto de diferentes segmentos, desde o Ensino Médio e Ensino Médio Integrado, passando por cursos Técnicos Concomitantes e Subsequentes, na Educação de Jovens e Adultos, em cursos de Formação Inicial e Continuada ou em cursos livres. Ademais, pode ser também aproveitado em oficinas ou projetos envolvendo diferentes áreas de conhecimento, propiciando experiências multi, trans e interdisciplinares. Foi organizado de maneira que as atividades propostas possam ser realizadas linearmente, a partir da temática que as orienta, ou separadamente de acordo com as necessidades de discentes e docentes. Além disso, ainda é acompanhado de sugestões de materiais alternativos, nas seções Biblioteca e Sessão de cinema, que podem apresentar caminhos para outros aprofundamentos nas temáticas.

Assim, a proposta é fazer com que estudantes possam circular por diferentes gêneros textuais, possibilitando uma formação mais próxima possível dos usos sociais da língua, necessária à plena vivência cidadã, mas que também propicie experiências de autoconhecimento e de reflexão acerca das estruturas que moldam as diferentes dimensões da vida social. Partindo da concepção de Bakhtin (2000, p. 279), mas especialmente em vista da experiência das autoras e do autor junto a estudantes de diversos cursos, da experimentação de atividades em sala de aula e de sua contínua avaliação, os gêneros textuais são apresentados a partir do vínculo intrínseco entre os usos da língua e a multiplicidade dos eventos que organizam a vida e que materializam as interações entre os sujeitos.

De acordo com Fiorin, a literatura nos leva “a apreender as relações sociais, os modos de sentir e de agir numa determinada época”, além de ela ter uma “função subversiva”, na medida em que nos leva a “perceber que a realidade em que vivemos não é natural nem é destino, mas é construção humana e poderia, portanto, ser alterada” (FIORIN, 2007, p. 106). Assim, a literatura surge não como pretexto, mas como texto que possibilita conhecer a potencialidade criativa da língua e como meio de conhecer a realidade. Desse modo, a leitura em sala de aula é encarada a partir do tríptico texto-contexto-intertexto (COSSON, 2010), em que se articulam a linguagem e os muitos recursos potencializadores de sentido, o mundo que a obra comunica e a relação dialógica que os textos estabelecem ao longo do tempo.

É nesse sentido de construção humana, processual e contínua, que esta obra se propõe a refletir a partir de outras óticas, além das hegemônicas, e de uma diversidade de materiais, promovendo discussões e propondo atividades e projetos ligados ao ensino de cultura afro-brasileira e indígenas, com propostas antirracistas, antissexistas, anticapacitistas e contra qualquer forma de discriminação.

Nilma Lino Gomes (2012) pontua a importância de um processo de mudança epistemológica do currículo escolar brasileiro, no sentido de reconhecer a produção de conhecimentos de sujeitos historicamente invisibilizados. São esses mesmos sujeitos os porta-vozes de uma série de demandas políticas, de valores, de saberes, de condições de vida e que são capazes de reorganizar as práticas transformadoras da vida social. A autora afirma que o processo de descolonização do currículo inclui produzir propostas pedagógicas criativas que “dialoguem, de fato, com a realidade sociocultural brasileira, articulando conhecimento científico e os outros conhecimentos produzidos pelos sujeitos sociais em suas realidades sociais, culturais, históricas e políticas” (GOMES, 2012, p. 99). Nesse sentido, o questionamento e os novos paradigmas epistemológicos exigem propostas emancipatórias que demandem mudanças de representações e de práticas, de modo a integrar as relações étnico-raciais e as concepções de educação no âmbito da formação humana e cidadã.

Desse modo, o material está organizado a partir de uma atividade de reflexão inicial que reverbera em uma atividade final, além de outras quatro unidades, a saber: 1. Ancestralidade; 2. Corpo; 3. Comunidade; e 4. Mundo. Nesse sentido, a/o estudante é convidada/o a fazer um caminho que parte do que veio antes, passando por si e compreendendo sua relação com o mundo, e que percorre desde a reflexão sobre as heranças ancestrais e seu espaço físico - tanto o que a/o constitui quanto o que ela/ele habita - até a projeção de vida futura e de caminhos para a posteridade. Inspiradas e inspirado em Drummond, desejamos, assim, provocar e convidar docentes e discentes para “A difícilíssima e perigosíssima viagem De si a si mesmo”. Isto não impede que aqueles que cheguem a esta obra optem por trilhar caminhos outros, sem se inquietarem com uma sequência pré-determinada.

Antes das unidades, fazemos a proposição de uma atividade que pode acompanhar todo o processo proposto pelo livro, que se trata da construção de um glossário, um material que ao fim da jornada pode ser recuperado e ressignificado.

A unidade 1 propõe que a/o estudante perceba sua história como resultado de uma tessitura muito antiga, cujas raízes remontam às memórias dos mais velhos, constituindo uma grande rede que demonstra que as narrativas e os saberes ancestrais fundam mundos. Mundos a serem (re)descobertos e potencializadores de uma visão mais ampla da vida.

Na unidade 2, convidamos as/os estudantes a refletir e produzir conhecimento a partir do debate sobre o Corpo. Trata-se do corpo compreendido como a primeira escrita dos sujeitos. Para tanto, é imprescindível refletir sobre a estrutura social que aprisiona os corpos em padrões estéticos historicamente concebidos como retratos hegemônicos. Assim, as leituras e atividades propostas possibilitam múltiplas leituras de si e escritas que questionem padrões e paradigmas.

A unidade 3 volta seu olhar para os espaços habitados pelos sujeitos, para suas comunidades - aqui entendidas como lugar de pertencimento e identidade comum -, percebendo as relações entre centros e periferias e diferentes questões que emergem de suas conexões e desconexões. Neste sentido, busca-se compartilhar olhares críticos que ampliem perspectivas sobre os espaços periféricos urbanos.

Na unidade 4, parte-se de leituras do mundo para uma reflexão crítica posicionada sobre a relação da humanidade com o mundo, questionando nossa conexão com ele na contemporaneidade e esperando perspectivas de futuro nesta complexa ligação.

A partir da compreensão de que textos são manifestações diversas da linguagem, esta proposta de trabalho também se organiza para a produção de textos que não estão circunscritos à palavra escrita no papel. Assim, partindo de reflexões individuais e coletivas que possibilitem a construção do conhecimento, poderão ser imaginados e realizados textos

escritos em diversos gêneros, mas também produções orais, audiovisuais, projetos e trabalhos interdisciplinares que apenas entrevemos e que estão por ser concebidos por docentes de diferentes áreas.

Esta obra, reflexo e reflexão de nossas realidades enquanto docentes, é também o compartilhamento de nosso desejo de que a escola cada vez mais se constitua como o espaço de transformação que de fato pode ser, de que os lugares de aprendizagem façam sentido e de que cada vez mais percebamos que ler e escrever são atitudes transformadoras de nós mesmos e da realidade. O convite está feito.



ANTES DO COMEÇO - PELES DE IMAGENS

O nome deste livro (*Peles de imagens: o texto como leitura e produção de mundos*) é uma tradução para o português do termo *utupa siki*, que em Yanomami faz referência às páginas escritas e aos documentos impressos. Ele foi escolhido como forma de reverência aos pensamentos, conhecimentos e produções não acadêmicos de tantos lugares do mundo que ainda estamos descobrindo em sua riqueza e diversidade.

A linguagem faz parte da necessidade humana de se relacionar. Quando nos comunicamos, existimos em sociedade. É comum no nosso cotidiano experimentarmos e mobilizarmos os sentidos para transmitir mensagens e fazemos isso por meios diversos. A escrita em papéis é apenas uma das formas de produzir textos. Se prestarmos atenção, podemos perceber que estamos cercados/os de textos o tempo todo. Este livro é um texto cheio de outros pequenos textos. Acho que nisso concordamos,

não é mesmo? Mas, além dos textos escritos em papéis, você já reparou em outras formas de leitura? Já pensou que podemos ler usando outros sentidos para além da visão? Que um pequeno toque no ombro pode ser uma mensagem? Que o barulho de um estalar de dentes pode ser uma resposta, ou que um assobio pode ser um chamado? Que o cheiro de uma comida também pode dizer algo? Que o gosto pode despertar uma memória? Todos esses exemplos revelam sentidos que permeiam nossa existência e as escolhas de registro dessas mensagens variam de acordo com cada cultura.

1. Em grupos, reflitam sobre quais são os tipos de textos que podemos acessar e produzir e que não estão escritos. Façam uma lista sem compará-los em suas diferenças. O importante é que sejam textos enquanto meios de transmitirmos mensagens e nos comunicarmos.

2. A partir da lista, escolham alguns destes textos não escritos e representem-os em imagens - fotos, desenhos, ícones etc. - ou com alguma outra estratégia que vocês julguem apropriadas para o que está sendo representado.

3. Para cada representação, criem um título que reflita sobre como o que está sendo representado é um texto.

ESPIRALANDO O PROCESSO

Por abordar formas de pensar muitas vezes não referenciadas no ambiente escolar institucional, não será estranho deparar-se com palavras, termos e conceitos desconhecidos neste livro. Talvez você não goste da sensação de não saber algo e possa até mesmo experimentar um certo incômodo frente às dúvidas. Saiba que esses sentimentos são muito comuns quando nos percebemos em ambientes que exigem de nós respostas únicas, verdades absolutas, desempenho padrão e a troca do sentido de cooperação pelo de competição. Por outro lado, quando abandonamos a necessidade de responder aos estímulos de disputa e de performance, podemos encarar aquilo que desconhecemos como oportunidade de

expansão e as dúvidas tornam-se possibilidades de encontro com o novo. Olhando por esse lado, percebemos que nossas grandes aliadas no processo infinito de aprendizagem são mais as perguntas do que as respostas. Isso significa que se você sair dessas atividades com mais perguntas do que quando entrou, saiba que o caminho é esse mesmo: o de perguntar, de encontrar novas perspectivas, de caminhar mais um passo, de questionar mais uma vez, de dar outro passo e de seguir refletindo, questionando, curiando e expandindo. Isso quer dizer que entendemos que aprender não é andar em uma linha reta com início, meio e fim, mas sim um processo parecido a uma dança espiralar em que nos movimentamos em círculos e, ainda que algumas vezes tenhamos a sensação de que estamos voltando a lugares onde já estivemos antes, estamos em voltas que sempre nos levarão a um círculo maior, guiadas e guiados por forças centrífugas de aprendizagem.

Não sabemos o que você levará como novidade deste nosso encontro, pois a experiência é íntima, assim como o conhecimento que você já possui e carrega consigo. Contudo, temos uma sugestão de atividade para acompanhar todo o seu processo com este despretensioso livro: a construção de um glossário.

Um glossário também pode levar o nome de elucidário e, como este outro nome sugere, é uma lista de palavras desconhecidas com o intuito de elucidá-las. Ou seja, sugerimos que você anote os termos que não conhece e tente explicá-los com suas próprias palavras. O seu glossário poderá ser composto não só por verbetes até então desconhecidos, mas também por termos, ideias e conceitos que se mostram mais evidentes ou que venham a ser considerados mais relevantes para as reflexões que acontecerão no decorrer da nossa caminhada.

Assim, recomendamos uma escuta atenta e aberta às palavras, às ideias e aos pensamentos que surjam não só nos textos, mas também a partir das reflexões e discussões. Anote-as em um mesmo local e prometemos voltar a elas após a seção 4 deste livro. Desta forma, perceberemos que quando terminarmos o livro, voltaremos ao início, completando mais uma volta na nossa espiral, seguindo a dança.

Para ajudar no processo, selecionamos como um exemplo de glossário o criado pela Plataforma Ancestralidades, uma parceria entre a Fundação Tide Setubal e o Itaú Cultural, que pretende disponibilizar materiais de forma gratuita e ser espaço destinado ao debate e à reflexão acerca dos saberes, histórias e culturas da população negra e dos povos originários. Na Plataforma Ancestralidades é possível encontrar um glossário de termos e conceitos sobre a temática étnico-racial brasileira organizados alfabeticamente. Além do significado de tais termos e conceitos, a plataforma também oferece uma descrição mais ampla e a bibliografia utilizada como referência.

Você pode seguir o exemplo da Plataforma Ancestralidades e criar o seu elucidário em forma de planilha, ou, se preferir, pode criá-lo em forma de lista simples. Lembre-se apenas de mantê-lo em local acessível e de usá-lo sempre que se deparar com o novo por aqui.

Deixamos o link da Plataforma para inspiração e também para consultas: **<https://www.ancestralidades.org.br/home>**



1 ANCESTRALIDADE

COMEÇANDO A CONVERSA

Ancestralidade é uma palavra nova para você? Embora muitas pessoas não conheçam e ela pareça uma novidade, na realidade, ancestralidade traz em si o sentido de passado, de origem e de herança, de algo histórico, mas que segue ainda presente em cada um de nós.

Nesta seção propomos então pensarmos em quem somos a partir daqueles e daquelas que vieram antes de nós e abriram caminhos. Assim, vamos considerar não só aspectos familiares, mas também povos, culturas e conhecimentos que nos antecederam e que podem seguir por meio de nós.

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO - VIDA MARIA

O que você entende por texto? Embora estejamos acostumados a reconhecer textos como produções escritas, é importante perceber que

produções orais ou audiovisuais também são tipos de textos. Isto é, texto é tudo aquilo que podemos ler. E no dia a dia nós não lemos apenas a palavra escrita. Lemos gestos, imagens, fotografias, símbolos etc. Assim, iniciamos o trabalho a partir de um texto em forma de filme.

Assista ao curta-metragem “Vida Maria”, de Márcio Ramos. O filme, produzido em 2006, ganhou dezenas de prêmios desde o seu lançamento.

Link: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4



Imagem 1 - Cartaz do curta “Vida Maria”. Disponível em www.imdb.com

Filme Vida Maria

(BRA, 2006, Márcio Ramos)

O filme “Vida Maria” retrata o estilo de vida e o cotidiano de uma família de “Marias” do sertão cearense em que várias gerações reproduzem um modo de vida marcado por grande escassez, sem que haja oportunidades de mudanças na vida material, pessoal e profissional.

A trama do filme problematiza o cotidiano de inúmeras famílias daquela região, marcadas pela ausência de oportunidades de escolarização, baixos recursos financeiros e ausência de oportunidades de ter uma vida com mais dignidade e recursos.

Na história, Maria José, uma menina de cinco anos de idade, protagonista do filme, é levada a largar os estudos para trabalhar arduamente no ambiente doméstico.

Na cena inicial, a menina, diante de uma janela, ajoelhada em um banco de madeira, “desenha” seu nome em um caderno velho, quando é surpreendida pela mãe, que diz de forma enérgica:

Maria José...Oh Maria, num tá me ouvindo chamar não, menina? Tu num sabe que aqui não é lugar pra ficar não? Em vez de ficar aqui perdendo tempo desenhando nome vá lá pra fora que tem muito o que fazer...tem que varrer o pátio, dá água pros bichos...Vá menina, vê se tu me ajuda Maria José!

Enquanto trabalha, Maria José cresce, se casa, tem filhos e envelhece. Nessa dinâmica, os filhos daquele núcleo familiar reproduzem os trabalhos dos pais: os meninos acompanham o trabalho externo ao lado da figura paterna e as meninas realizam os trabalhos domésticos sob supervisão da figura materna. Enfrentando a labuta precoce e contínua, os irmãos crescem naquele cenário e se casam. Na história, a herança cultural faz com que o modelo de família se perpetue.

O filme mostra a passagem voraz do tempo, que faz com que a vida de Maria José seja uma repetição das outras tantas Marias que compõem o passado da família, todas marcadas pela mesma triste realidade.

A última cena deixa ver o caderno na janela com o nome de Maria de Lourdes. As páginas passadas pelo vento, vão mostrando as Marias que a antecederam. Maria José, Maria Aparecida, Maria de Fátima, Maria das Dores, Maria da Conceição, Maria do Carmo... Fazendo uma referência às tantas meninas que foram privadas dos estudos e tiveram suas trajetórias de vida regidas por uma realidade dura, cuja única possibilidade que se coloca é a de casar, parir, trabalhar e viver uma vida de amargura, sem perspectivas de melhora.

Vida Maria fala, portanto, da história de muitas mulheres, presentes no Brasil inteiro, que compartilham das mesmas opressões. O filme apresenta um triste final, sinalizando para a permanência da situação na vida das Marias que ainda hão de vir, caso não haja uma transformação radical na estrutura da sociedade.

RIGUEIRA, Marta Maria Gonçalves; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Vida Maria: configuração familiar e herança cultural em uma comunidade nordestina. (Com adaptações). Disponível em: <http://www.ppged.ufv.br/seminariofamiliapoliticassociais>

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

O texto que você acabou de ler é um exemplo de artigo. Existem pelo menos dois tipos de artigo: **artigo científico** e **artigo de opinião**.

O **artigo científico** é um gênero textual que tem como objetivo principal divulgar problemas, métodos e resultados de pesquisas acadêmicas das mais diversas áreas do conhecimento ou análises em torno de um determinado objeto (livro, filme, obra de arte etc.). Circula em geral em periódicos científicos, em sites especializados e aparece frequentemente no ambiente escolar. Suas principais características são:

- linguagem formal (ou seja, coloquialismos, gírias e regionalismos são evitados em nome da padronização da linguagem textual);
- busca de impessoalidade (evita-se a marcação discursiva da 1ª pessoa - eu e nós);
- estrutura mais padronizada de acordo com o tipo de pesquisa desenvolvida (introdução, desenvolvimento, considerações finais).

Já o **artigo de opinião** é um texto de natureza argumentativa, que apresenta o ponto de vista de um autor acerca de determinado assunto de interesse social. Por isso mesmo, ele é um gênero típico de jornais, revistas e blogs. Apresenta como características principais:

- apresentação de ponto de vista do autor (tese a ser defendida no texto);
- organização das ideias em forma de argumentos que sustentam o ponto de vista;
- linguagem formal (mas, a depender do público a que se dirige, pode valer-se de uma linguagem mais coloquial ou da utilização de termos típicos de um determinado grupo social).

Após assistir ao filme “Vida Maria” e ler o texto a respeito dele, a proposta de produção textual é uma reescrita do final da história. No filme, a trajetória das muitas Marias acaba repetindo um ciclo de opressão. Escreva um outro final para a menina Maria de Lourdes. Pense em como a história poderia romper esse ciclo tão violento e fazer com que a vida da menina Maria seja diferente. Use a criatividade! Bom trabalho!

PARA REVISAR O TEXTO:

Antes de entregar o seu texto, faça a seguinte checagem:

- A minha letra está legível.
- O texto está visualmente organizado.
- Os parágrafos têm tamanhos parecidos, isto é, estão proporcionais.
- Eu percebo uma relação lógica entre os parágrafos.
- Eu li em voz alta o texto para mim mesmo.
- O texto está ligado ao filme e apresenta um outro final para a história.

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

Muitas vezes temos a impressão de que textos escritos são o resultado de um único momento de escrita, de que escritoras e escritores são pessoas inspiradas e que colocam suas palavras no papel ou na tela do computador de uma única vez, já de maneira adequada, correta. Esta impressão está equivocada.

A escrita é sempre um processo contínuo, nunca algo definitivo. Ela demanda construção, revisão e reconstrução. Assim, é importante considerar que a primeira versão de um texto dificilmente será sua forma final. O primeiro passo para a escrita é o planejamento do texto, o que comumente chamamos de rascunho. Rabisque as ideias, corra o papel anotando o que acha relevante sobre aquilo que vai escrever, crie possibilidades, faça anotações diversas. Assim, o texto vai começando a ganhar forma.

Separe tempo para revisar - mais de uma vez. Uma escrita bem-sucedida não resulta de se escrever perfeitamente ao tocar a caneta no papel, mas está no aprimoramento, nos ajustes, nos detalhes que são modificados a cada nova leitura e reescrita.

Assim, considere que a estrutura aqui proposta para a revisão do texto pode ser adaptada para várias outras atividades escritas que você venha a fazer, e pode ser imprescindível para o aprofundamento de suas ideias. Sinta-se livre para usá-la com outros textos.

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO - VOZES-MULHERES

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser realizada interdisciplinarmente com as áreas de biologia e sociologia, considerando aspectos da ancestralidade a partir da genealogia e de uma construção cultural.

Ainda pensando nas muitas Marias que povoam a história da sociedade brasileira, leia abaixo o poema “Vozes-Mulheres”, da escritora mineira Conceição Evaristo.

Vozes-Mulheres

Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda

ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

EVARISTO, Conceição. Poemas de recordação e outros movimentos.
Belo Horizonte: Nandyala, p. 10-11.

AUTORAS E AUTORES

Maria da **Conceição Evaristo** de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-RJ e Doutora em Literatura Comparada na UFF-RJ.



Foto 1 - Conceição Evaristo por Léo Martins. Disponível em www.geledes.org.br

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série Cadernos Negros. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Definiu a sua escrita a partir do termo “Escrevivência”, cuja forma de narrar se liga às vivências pessoais e coletivas das mulheres negras, em constante processo de resistência e de valorização das memórias.

Adaptado de letras.ufmg.br

Atividade - Compreendendo o poema

1. O poema é um gênero textual muito especial. Ele utiliza uma linguagem própria para traduzir artisticamente os sentimentos humanos, dando forma às experiências humanas pela materialidade das palavras. Sabendo disso:

- a) Leia o poema com muita calma tentando saborear cada uma das palavras.
- b) Agora, releia o poema em voz alta. Tente captar os sentimentos que ele apresenta.
- c) Escreva o que você sentiu ao fazer esse exercício.

2. Após esse exercício de leitura e releitura, responda: por que você acha que o poema se chama “Vozes-mulheres”?

3. Uma das características mais marcantes de um poema é o ritmo. O ritmo se faz presente de diferentes maneiras (repetição de palavras ou expressões, exploração de sons semelhantes, rimas, tamanho dos versos, organização das estrofes etc.). Você consegue reconhecer elementos que dão ritmo ao poema de Conceição Evaristo? Se sim, quais?

4. O poema traça a trajetória de muitas mulheres de uma mesma linhagem familiar. O que, em geral, essas mulheres têm em comum?

5. Nas duas últimas estrofes do poema, a filha é apresentada como a voz que rompe com as opressões. Porém, o grito de liberdade reúne força pelas vozes “mudas caladas engasgadas nas gargantas” de suas antepassadas. Em sua opinião, como a memória de sua mãe e de suas avós, ou de outras ancestrais, pode lhe ajudar a quebrar ciclos de violência?

LEITURA E ENTREVISTAS - CONHECENDO AS MAIS VELHAS E OS MAIS VELHOS

Você conhece seus antepassados? Quem são os mais velhos na sua comunidade? Estes dois textos são descrições de antepassados que os descrevem e falam um pouco sobre as heranças que deixaram que não estão só nas características físicas.

Leia os textos abaixo.

“Este é o retrato da avó Henedina que sempre esteve na parede do quarto de minha mãe. Esta vizinha que nunca conheci mora em minha memória pelas histórias que me contam dela.

Ela vivia em minha casa um ano antes de eu nascer e me abraça nas doces recordações que deixou. Bala de coco, música dos pintainhos, rosca com passas e creme de nata, reza que protege contra todas as coisas são presenças desta vizinha querida, sempre atualizadas por minha mãe e meus irmãos, que fazem com que ela viva nitidamente em mim.

A avó Henedina era delicada, caprichosa, amorosa e estes são valores pra nós!” (Texto de Stela Barbieri)



Foto 2 -
Henedina, avó
de Stela Barbieri.
Disponível em
**blogdasletrinhas.
com.br**



Foto 3 - Abraão Batista, avô de Jarid Arraes, por Pedro Philippe para Cariri Revista. Disponível em www.blogdasletrinhas.com.br

“O nome do meu avô é Abraão Batista. Ele foi um dos primeiros responsáveis pelo meu interesse pela literatura, especialmente a de cordel, e pela arte no geral. Eu gostava de ouvir o que ele falava pra mim, tudo sempre cheio de lições poéticas e filosofia. Muitas vezes declamava cordéis pra mim, de cabeça, e aquilo era um encanto.

Agradeço ao meu avô Balalão por ter me deixado duas heranças: a arte e a vontade de pensar profundamente sobre tudo.”

(Texto de Jarid Arraes) Fonte: <https://www.blogdasletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Sete-autores-contam-as-licoes-que-receberam-dos-avos> (Com adaptações).

Atividade - Entrevista com os/as mais velhos/velhas

A oralidade e a escrita são formas de variações linguísticas. Elas não são opostas, pelo contrário, são complementares. A escrita e a documentação dos textos são muito recentes na história da humanidade e nem todas as sociedades utilizam-se dos mesmos métodos de registros escritos alfabeticamente. Os livros e as produções por meio de prensa tipográfica, por exemplo, datam de aproximadamente 500 anos, enquanto outros meios como pinturas, pergaminhos, papiros, registros rupestres, tecelagem, pinturas corporais e pessoas contadoras de história salvagam as memórias coletivas de suas comunidades desde os primórdios. Vale ressaltar que a escrita é um tipo de inscrição, assim como todas essas exemplificadas, e que nenhuma é superior a outra, apenas possuem propósitos diferentes.

Vamos ler o que o Xamã dos Yanomami, Davi Kopenawa, diz a respeito da escrita para os povos brancos:

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte. O mesmo ocorre com as palavras dos espíritos xapiri, que também são muito antigas. Mas voltam a ser novas sempre que eles vêm de novo dançar para um jovem xamã, e assim tem sido há muito tempo, sem fim. Nossos xamãs mais antigos nos dizem: 'Agora é sua vez de responder ao chamado dos espíritos. Se pararem de fazê-lo, ficarão ignorantes. Perderão seu pensamento e, por mais que tentem chamar a imagem de Teosi para arrancar seus filhos dos seres maléficos, não conseguirão'.

As palavras de Omama e as dos xapiri são as que prefiro. Essas são as minhas de verdade. Nunca irei rejeitá-las. O pensamento dos brancos é outro. Sua memória é engenhosa, mas está enredada em palavras esfumadas e obscuras. O caminho de sua mente costuma ser tortuoso e espinhoso. Eles não conhecem de fato as coisas da floresta. Só contemplam sem descanso as peles de papel em que desenharam suas próprias palavras. Se não seguirem seu traçado, seu pensamento perde o rumo. Enche-se de esquecimento e eles ficam muito ignorantes. Seus dizeres são diferentes dos nossos. Nossos antepassados não possuíam peles de imagens e nelas não inscreveram leis. Suas únicas palavras eram as que pronunciavam suas bocas e eles não as desenhavam, de modo que elas jamais se distanciavam deles. Por isso os brancos as desconhecem desde sempre.

Eu não aprendi a pensar as coisas da floresta fixando os olhos em peles de papel. Vi-as de verdade, bebendo o sopro de vida de meus antigos com o pó de yãkõana que me deram. Foi desse modo que me

transmitiram também o sopro dos espíritos que agora multiplicam minhas palavras e estendem meu pensamento em todas as direções. Não sou um ancião e ainda sei pouco. Entretanto, para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles afinal as entendam, e depois deles seus filhos, e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos. Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir. Se isso ocorrer, os nossos não mais morrerão em silêncio, ignorados por todos, como jabutis escondidos no chão da floresta.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu*, 2015, p. 75-76.



Foto 4 - Davi Kopenawa durante filmagens da campanha do ISA #PovosDaFloresta, em Presidente Figueiredo (AM), fevereiro de 2019 por Daniel Klajmic/Pródigo. Disponível em www.conexaoplaneta.com.br

AUTORAS E AUTORES

Davi Kopenawa Yanomami nasceu por volta de 1956, em Marakana, grande casa comunal situada na floresta tropical de piemonte no alto rio Toototobi, no norte do estado do Amazonas, próximo à fronteira com a Venezuela. Desde 2004, é presidente fundador da associação Hutukara, que

representa a maioria dos Yanomami no Brasil. Em 2008, recebeu uma menção de honra especial do prestigioso prêmio Bartolomé de Las Casas, concedido pelo governo espanhol pela defesa dos direitos dos povos autóctones das Américas e, em 2009, foi condecorado com a Ordem do Mérito do Ministério da Cultura Brasileiro.

In. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

A entrevista é um gênero textual específico, ou seja, trata-se de uma prática social e comunicativa que se materializa em forma discursiva. Desse modo, uma entrevista possui características próprias. Vejamos:

- Trata-se de um ato de comunicação entre, pelo menos, duas pessoas – entrevistador/a(es/as) e entrevistado/a(es/as).
- O papel de quem entrevista é propor questões, fazer perguntas, sugerir diálogos em torno de um assunto específico ou sobre assuntos diversos que interessem ao público.
- Embora a entrevista seja muito comum entre os gêneros textuais jornalísticos, presente em veículos como revistas, jornais, internet, telejornais e rádio, existem outros tipos, tais como a entrevista de emprego ou de pesquisas científicas.
- Sendo assim, ela pode aparecer de forma escrita (no caso dos textos impressos) ou pode ser apenas oralizada (na TV ou em um podcast, por exemplo).
- Por se tratar de um diálogo entre interlocutores, a linguagem da entrevista permite coloquialismos e informalidades.
- Quando a entrevista é reproduzida de forma escrita, as respostas do/a(s) entrevistados/as(s) devem ser transcritas de maneira mais fiel possível. A essa reprodução da fala de outrem chamamos **discurso direto**.

Em linhas gerais, o discurso direto é quando a fala de um sujeito é expressa por suas próprias palavras. Em um texto, comumente o discurso direto de um personagem é antecedido por verbos de elocução (ex: dizer, responder, perguntar, comentar etc.) e por sinais gráficos como dois pontos e travessão. Veja o exemplo:

“Dava umas pancadas na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas:

- Deus engendrou um ovo, o ovo.” (Machado de Assis).

Note que, no exemplo, há a voz do narrador e, em seguida, a reprodução da fala do personagem, isto é, o seu discurso direto.

Já no **discurso indireto**, a voz do sujeito é apresentada não por ele mesmo, mas por um narrador que incorpora em seu discurso a fala do personagem. Observe:

“O padre Lopes confessou que não imaginava a existência de tantos doidos no mundo.” (Machado de Assis).

Perceba que, no exemplo, a confissão do padre Lopes aparece incorporada ao discurso do narrador. Neste caso, temos o discurso indireto.

ASSIS, Machado. O alienista. In. 50 contos de Machado de Assis São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

Para fazer uma entrevista é importante:

- Elaborar um roteiro que defina o tema geral da entrevista e anotar possíveis perguntas.
- Criar um ambiente agradável para que o/a(s) entrevistado/a(s) se sintam confortável(eis) para responder ao que for proposto.
- Ficar atento ao roteiro, mas estar aberto também às possibilidades de interação que podem sugerir novas questões.
- No caso de uma entrevista que será reproduzida por escrito, é importante revisar o texto com cuidado.

Você já realizou entrevistas? Pesquise, na internet ou em outros veículos, exemplos de entrevistas e observe as suas características mais marcantes e mais recorrentes.

Atividade

1. Após as leituras e discussões sobre ancestralidade e as heranças culturais das pessoas mais antigas, em duplas, elaborem um roteiro para uma entrevista com pessoas mais velhas pensando em como

a fala dessa pessoa pode representar os saberes e experiências dignos de serem compartilhados, sobretudo com os mais jovens. Criem as questões para entrevistar, pensem no tempo e nas condições necessárias para a realização da entrevista.

2. Após decidirem sobre as questões, façam uma simulação em que uma das pessoas representa alguém mais velho, para testar a clareza das entrevistas e se preparar para o momento de aplicá-la.

3. Escolha um/a mais velho/a da sua família ou da sua comunidade e se prepare para entrevistá-lo/a. Escreva uma breve descrição dele/a, falando também das heranças afetivas que ele/ela deixou para você.

4. Após a entrevista, organize-se para apresentar a pessoa escolhida para a turma. Lembre-se de que a sua turma conhecerá a pessoa entrevistada a partir do seu trabalho. Portanto, capriche na apresentação. Você pode fazer uma apresentação oral, construir um podcast (um arquivo de áudio, como um programa de rádio), levar objetos que representem parte da história dessa pessoa, fazer slides ou mostrar imagens.

LEITURAS E ESCRITA - O DELICADO RETORNO À ANCESTRALIDADE

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser realizada interdisciplinarmente com as áreas de história e geografia, explorando os processos históricos de deslocamento de pessoas negras pelo Oceano Atlântico, bem como especificidades da geografia do continente africano.

A longa história de escravização de africanos nas Américas é marcada por uma série de desdobramentos que traumatizaram ambos os continentes. O Oceano Atlântico tornou-se caminho de separação por

onde milhões de pessoas foram sequestradas e vendidas como escravas ao longo de mais de três séculos. Mas essa rota cruzada por pessoas negras não aconteceu apenas nos porões dos navios que faziam o trajeto de África ao Brasil. A partir do final do século XVIII, africanas, africanos, afrobrasileiros e afrobrasileiras que venceram a escravidão conquistando suas alforrias voltaram a África como passageiros no convés de navios e formaram comunidades de retornados em áreas próximas ao litoral atlântico, nas zonas portuárias do Golfo da Guiné, conhecidas como Costa dos Escravos ou Costa da Mina. Essas pessoas que retornavam à África, seu continente de origem e ancestralidade, eram conhecidas como retornados, agudás, tabons e até mesmo como brasileiros.

No romance “Um defeito de cor”, a escritora Ana Maria Gonçalves nos oferece a possibilidade de transitar e conhecer o conturbado Brasil do século XIX por meio da personagem Kehinde, inspirada em Luísa Mahin. No livro, podemos perceber que a viagem de retorno ao continente africano nem sempre era uma viagem agradável, tampouco permitia o regresso às famílias e às comunidades a que cada pessoa pertencia antes do tráfico. No início, o processo de retorno se dava por conta do fortalecimento do comércio realizado por ex-escravizados, no qual mercadores enviavam libertos ou cativos de sua confiança como representantes de seus negócios. Essas pessoas voltavam ao continente, mas a lugares muito diferentes dos que haviam vivido antes de serem sequestradas e, desta maneira, acabavam criando novas comunidades, formando famílias e relações nas quais o que tinham em comum era a conexão com o Brasil. Além desse grupo, havia também os retornados que haviam sido deportados do Brasil devido ao seu envolvimento com rebeliões contra a escravidão, como foi o caso da Revolta dos Malês, na Bahia. O século XIX foi marcado por um forte sentimento antiafricanista no Brasil e várias africanas e africanos foram expulsos do país, sendo obrigados a deixar, mais uma vez, os afetos que tinham construído para trás. O sentimento de não pertencimento foi uma entre as tantas marcas dolorosas da escravidão: essas pessoas não eram brasileiras e muitas vezes não eram vistas como africanas propriamente quando retornavam. Desta forma, procuraram manter vivas as memórias e práticas que remetesse ao Brasil, reforçando laços baseados em uma identidade brasileira a partir de suas memórias. Assim, ainda hoje

é possível encontrar costumes de um Brasil africanizado nesses lugares, como práticas religiosas de referência católica, o batismo de seus filhos com nomes brasileiros, e a realização de festividades como o Carnaval, o Bumba Meu Boi e a Festa do Bonfim, por exemplo.

Selecionamos um trecho do romance “Um defeito de cor” que demonstra um pouco do sentimento compartilhado pelos retornados em Uidá, cidade localizada na África Ocidental, na atual República do Benim:

Como sabíamos da chegada do navio, fomos até o desembarcadouro, e me espantei com a multidão que estava esperando pelos passageiros. Eu já tinha ouvido falar nisso, que os retornados iam à procura dos parentes e conhecidos que também poderiam estar retornando, mas nunca tinha visto. Como o navio da minha volta, o Sunset, era apenas um navio de carga, não tinham sido muitas as pessoas que souberam que alguns passageiros iam desembarcar. Mas daquela vez parecia que o mercado tinha se mudado para a praia, lembrando muito os portos da Bahia e de São Sebastião, com muita gente vendendo e muita gente comprando, e falando dos lugares e das pessoas que conheciam no Brasil. Não sei como eles ficavam sabendo, mas essas chegadas também serviam para reunir os poucos brasileiros que não viviam nas cidades, que deixavam as fazendas e as aldeias e passavam um dia de festa em Uidá. Não importava se iam encontrar alguém conhecido ou não, mas sim o fato de estarem ali para conversar com os que retornavam, oferecendo casa, comida, roupa e amizade em troca de notícias recentes. Além das notícias, os que chegavam geralmente tinham fumo, cachaça, carne e farinha, do que muitos sentiam falta, e a festa da recepção durava até dois ou três dias. Mas nem sempre a recepção era feliz, como tinha acontecido no caso de um navio em que o capitão se esqueceu de repor a água no porto de embarque, causando a morte de mais de metade dos passageiros durante a travessia. No navio do Rafiki e do Felipe tinham morrido três, mas talvez eles já tivessem embarcado doentes.

Acho que não entenderam nada quando, assim que os vi descendo do escaler, corri na direção deles e dei um abraço como se estivesse há anos esperando por aquele momento. Não era só a felicidade de finalmente poder começar a casa, e entendi por que tanta gente estava ali, à procura da mesma emoção. Foi muito bom saber que eles estavam chegando do Brasil, da Bahia, que as últimas coisas que seus olhos tinham visto, antes de muita água e dos canais de Uidá, foram aquelas paisagens de que meus olhos tinham tanta saudade. Eles cheiravam diferente, e era bem possível que eu estivesse enganada, mas ao abraçá-los, pude sentir cheiro de frutas e peixes que só existiam daquele outro lado do mar. [...]

Não só naqueles dias, mas durante todo o tempo desde que voltei, ouvi histórias muito tristes de gente que tinha tentado voltar para aldeias que não existiam mais, de gente que procurava por parentes que tinham morrido ou se mudado, de gente que queria voltar para o Brasil a qualquer custo. Ouvi também muitas histórias antigas, que provavelmente continuarão a ser contadas através dos anos, sabe-se lá até quando.

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Editora Record, Rio de Janeiro. 2019. p. 803-804, 816.



Foto 5 - A escritora Ana Maria Gonçalves. Disponível em www.record.com.br

AUTORAS E AUTORES

Ana Maria Gonçalves nasceu em Ibiá, MG, em 1970. Trabalhou com Publicidade até 2001, quando se mudou para a Ilha de Itaparica e escreveu “Ao lado e à margem do que sentes por mim” e “Um defeito de cor” (Editora Record), ganhador do Prêmio Casa de las Américas (Cuba, 2007). Já publicou em Portugal, Itália e nos EUA, onde ministrou cursos e palestras sobre

relações raciais e escrita criativa, e fez residência em universidades como Tulane, Stanford e Middlebury. Mora em São Paulo, onde escreve também para teatro, cinema e televisão.

Atividade

1. Que sensações e sentimentos você experimenta ao ler os trechos de “Um defeito de cor”? Como era a recepção dos retornados? Como você imagina que Rafiki e Felipe se sentiram ao serem recebidos?

2. O trecho lido chama a atenção para desencontros no processo de retorno ao continente africano, “aldeias que não existiam mais, de gente que procurava por parentes que tinham morrido ou se mudado”. No entanto, podemos imaginar também que houve alguns encontros neste processo de retorno à terra natal. O que você imagina que os retornados tenham reencontrado no continente africano?

3. O filme “Atlântico Negro - na Rota dos Orixás”, com direção de Renato Barbieri e roteiro de Victor Leonardi e Renato Barbieri, é um documentário que mostra distanciamentos e similitudes entre a cultura e religiosidade de determinadas regiões do continente africano e do Brasil. Assista ao filme e, de acordo com o que é apresentado nele, anote:

- a) distanciamentos, diferenças entre África e Brasil;
- b) similitudes, aproximações entre África e Brasil;
- c) curiosidades, aspectos da cultura e da religiosidade que você desconhecia;
- d) perspectivas, questões que você gostaria de conhecer um pouco mais.

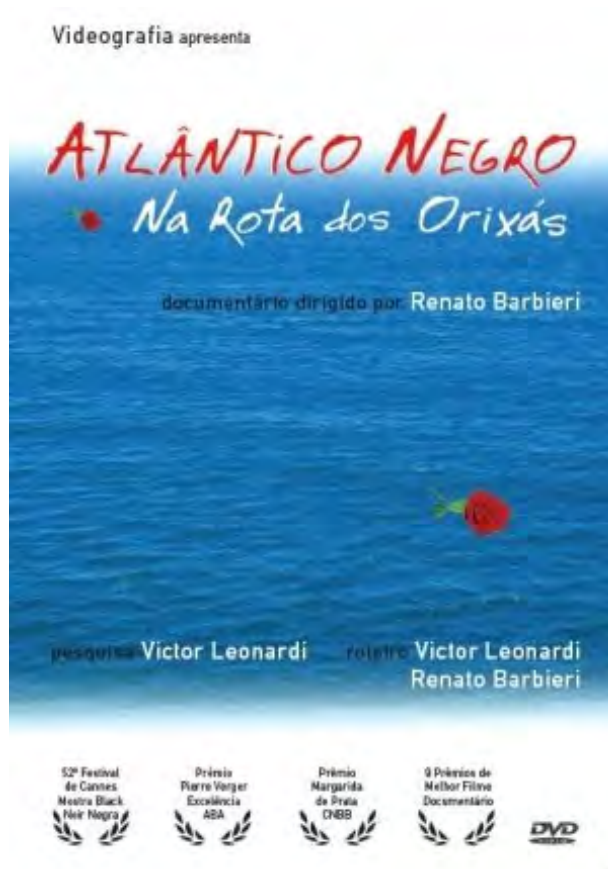


Imagem 2 - Cartaz do filme "Atlântico negro: na rota dos Orixás". Disponível em www.adorocinema.com/filmes

4. Neste momento você vai imaginar que é Rafiki ou Felipe e que vai enviar notícias suas para amigos no Brasil por meio de uma carta. Considere a descrição da chegada ao desembarcadouro e suas impressões sobre este momento. Examine suas observações a respeito dos distanciamentos e aproximações entre África e Brasil e ainda aspectos curiosos e desconhecidos. Conte aos amigos como foi o processo de retorno, quais foram os encontros e os desencontros, como você se sente em relação à ancestralidade e ao processo de (re)aproximação com ela.

Lembre-se:

Existem vários tipos de carta: carta pessoal, carta comercial, carta aberta, carta de leitor etc. A carta pessoal é um gênero, cujas características essenciais são:

- **Local e data.** Uma carta sempre se inicia localizando de onde e quando o sujeito que escreve está produzindo sua mensagem;
- **Vocativo.** É o chamamento a quem a carta se dirige (Caro amigo; Prezado diretor; Querida tia etc.)
- **Mensagem.** É o teor da carta, o conteúdo, o que se diz. Em se tratando de uma carta pessoal, a linguagem utilizada pode ser menos formal ou admitir coloquialismos e formas mais despojadas de escrita.
- **Fecho.** Trata-se da saudação que encerra a carta (Um grande abraço; Saudades; Com carinho etc.).
- **Assinatura.** Nome de quem escreve a mensagem.

PRODUÇÃO VISUAL - ÁRVORE ANCESTRAL

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser realizada interdisciplinarmente com as áreas de biologia e sociologia, considerando aspectos da ancestralidade a partir da genética, da genealogia e da formação de identidades em vista de aspectos da cultura e da sociedade.

Você já ouviu falar em árvores genealógicas? Esse termo é estranho para você? É possível que você já tenha visto algumas delas e não sabia que se tratavam de árvores genealógicas. Elas são comumente utilizadas para representar relações de parentesco e ancestralidade entre indivíduos de uma mesma família, geralmente representando linhagens biológicas. Abaixo você pode ver o exemplo de uma árvore genealógica na qual as pessoas estão organizadas de maneira que possamos compreender suas relações de parentesco.

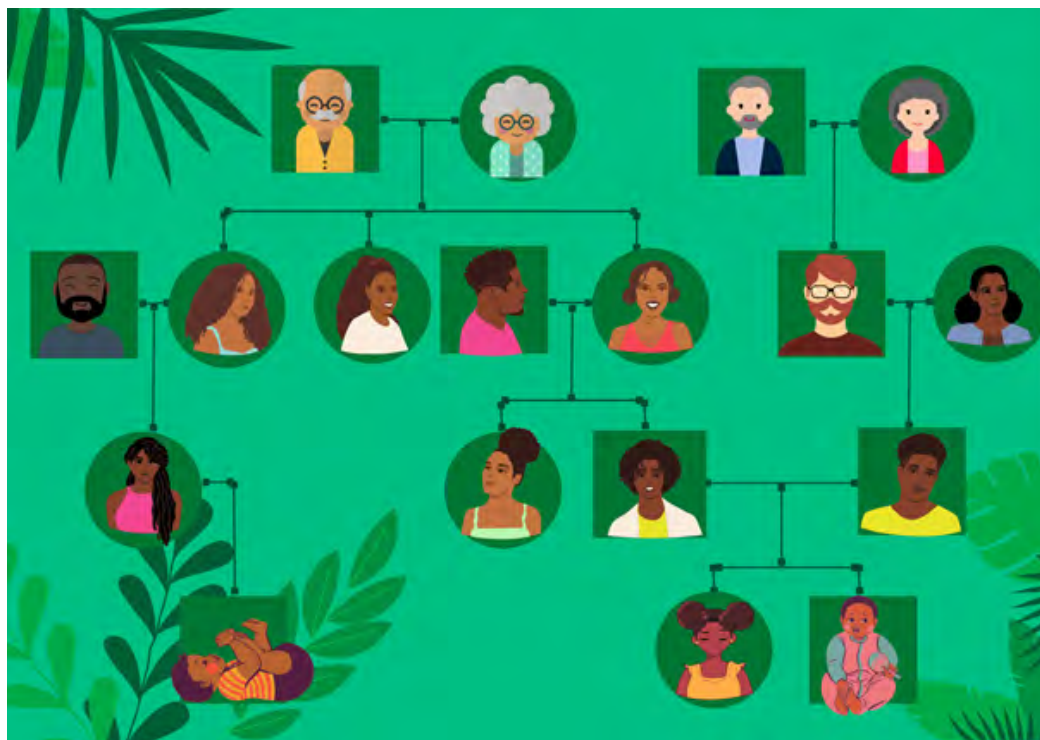


Imagem 3 - Árvore genealógica segundo alguns aspectos do heredograma.

Como você pode ver, a árvore genealógica nem sempre se assemelha a uma árvore, mas muitas vezes a um gráfico, e frequentemente segue regras de organização de um heredograma. Segundo estas regras, cada nível do gráfico representa uma geração. Além disso, as linhas são organizadas de tal maneira que podemos perceber que algumas relações são criadas a partir de matrimônios, outras são relações de filiação e há ainda aquelas que são relações de parentesco entre irmãos e irmãs. Olhe novamente os exemplos e veja se você consegue perceber como as linhas são feitas para deixar estas relações mais evidentes.

Árvores genealógicas também podem trazer informações, tais como nomes e sobrenomes, fotos das pessoas, datas e locais de nascimentos, de casamentos e de óbitos (se for o caso). Algumas podem incluir até mesmo indicações, como profissão e escolaridade, entre outras.

Embora sejam uma organização gráfica, seguimos chamando-as de árvores. Isto acontece porque a ideia de árvore, com seus galhos que se estendem e subdividem, acaba sendo uma metáfora apropriada para a compreensão de linhagem biológica.

Por outro lado, as árvores genealógicas convencionais, tal como geralmente são construídas, acabam deixando de fora sujeitos, espaços, pensamentos que não possuem relações de parentesco conosco, mas que fazem de nós quem somos e, que de alguma maneira, constituem nossa ancestralidade, formando famílias que vão muito além de laços genéticos e expandem nossa compreensão de relações familiares. Que pessoas, locais e conhecimentos fazem parte da sua ancestralidade e não estão visíveis na sua árvore genealógica convencional? Como uma árvore poderia ser construída de maneira diferente de forma a representar estes aspectos que estão invisíveis nas representações mais comuns?

Atividade

1. Considerando a reflexão que fizemos até aqui, construa sua própria árvore ancestral. Mas esta árvore é diferente, pois não precisa seguir as regras das árvores genealógicas em geral. Assim, você pode:

- criar a imagem da sua árvore da maneira que preferir, usando desenhos, colagens, pinturas etc.;
- colocar nela pessoas que não fazem parte da sua linhagem genética, mas que você percebe que contribuíram para ser quem você é hoje;
- indicar espaços e pensamentos que fizeram a diferença para a pessoa que você é;
- acrescentar imagens;
- incluir elementos que ainda nem foram mencionados, mas que você entende que representam sua ancestralidade tal como você a percebe.

2. Use sua criatividade, explore materiais e formatos. O único limite é que sua árvore ancestral deve ser construída de maneira a poder ser apresentada a um grupo de pessoas.

3. Em grupos, compartilhe sua árvore ancestral. Perceba: Há semelhanças entre as ancestralidades representadas? O que podem significar pontos em comum em nossas ancestralidades?

REFLEXÃO E PROJETO - COSMOGONIA

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser realizada interdisciplinarmente com as áreas de biologia, história e sociologia considerando aspectos da genética e ainda da constituição de mitos da criação do mundo e suas relações com as ciências.



Imagem 4 - Detalhe da capa do caderno A serpente e a canoa: Flecha 1. Disponível em www.selvagemciclo.com.br

Assista ao filme “Flecha 1 - A serpente e a canoa”.

Link: <http://selvagemciclo.com.br>

SOBRE FLECHA SELVAGEM:

É um filme de quinze minutos que projeta o SELVAGEM para a linguagem audiovisual. Um sonho que @_ailtonkrenak teve para adiar o fim do mundo. Em 2021 serão lançadas 6 flechas. É um audiovisual que não gerou imagens novas. Uma experiência fruto dos tempos que atravessamos, em que devemos aprender a lidar com a medida do possível, e mesmo assim continuar buscando a beleza. A flecha é uma forma de propagarmos os conteúdos pelos quais versamos no

SELVAGEM, um ciclo de estudos sobre a vida que abre caminhos para a coexistência de saberes tradicionais, científicos e artísticos.

As flechas são destinadas ao público geral e são também um convite para que escolas, universidades, pontos de cultura e projetos comunitários de educação acessem narrativas mais pluriversais. FLECHA SELVAGEM abre caminho para que sejam feitas novas perguntas, disponíveis gratuitamente no nosso canal YouTube com legendas em inglês. As flechas serão acompanhadas de alguns CADERNOS SELVAGEM para download gratuito com informações complementares, propostas de atividades e ativações. Cada flecha é composta por uma narrativa na voz de Ailton Krenak, um roteiro escrito por Anna Dantes, uma irradiante miríade de imagens ‘compostadas’ de diversos arquivos indígenas, artísticos e científicos, além de animações e músicas originais.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4>

Atividade

1. Em grupos, considerem: quais são as cosmogonias (explicações sobre a origem do mundo) que são mencionadas no vídeo? Vocês as conheciam? Percebem algo em comum entre elas?
2. Que relações vocês percebem que há entre as ciências e os mitos fundadores?
3. O vídeo, ao tratar de questões relativas ao DNA, reforça o quanto os mitos de fundação do mundo trazem em si entendimentos que também são desenvolvidos pelas ciências. Que aspectos das ciências vocês percebem nos mitos apresentados no vídeo ou em outros que vocês conheçam?

4. Em grupos, separem os mitos que são apresentados no vídeo e pensem em outros que não são mencionados nele. Cada grupo será responsável pela apresentação de um mito após uma pesquisa de aprofundamento a seu respeito.

5. O trabalho de apresentação das pesquisas dos mitos de origem do mundo pode ser realizado no formato de seminários, ou pode ser organizado como uma exposição pública.

PAPO DE EDUCADORAS E EDUCADORES

É interessante explorar nas atividades 4 e 5 cosmogonias pouco conhecidas na realidade dos estudantes. Podem ser exploradas cosmogonias aborígene, ameríndia, asteca, bakongo, baniwa, bambara, chinesa, daomeana, dessana, dogon, de diferentes etnias indígenas dentro do território brasileiro (guarani, kaxinawá, kokama, munduruku, tupinambá, xavante, yanomami e tantas outras), egípcia, greco-romana, inca, indiana, iorubana, maia, tchokwe.

BIBLIOTECA

Que tal explorar outros livros que trazem outros saberes e outros entendimentos de como o mundo existe? Seguem abaixo algumas indicações:

Antes o mundo não existia: mitologia Desana-Kèhíripõrã. Umusi Pãrõkumu e Tõrãmu Kehíri. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2019.

A terra dos mil povos, de Kaká Werá Jecupé. São Paulo: Editora Peirópolis, 1998.

As serpentes que roubaram a noite e outros mitos, de Daniel Munduruku. São Paulo: Editora Peirópolis, 2001.

Cartas para minha mãe, de Teresa Cardenas. Traduzido por Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2020.

Nós: uma antologia da mitologia indígena. Organização e ilustração de Maurício Negro. São Paulo: Editora Companhia das Letrinhas, 2019.

O príncipe medroso e outros contos africanos, de Anna Soler-Pont e ilustrado por Pilar Míllan. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. Rio de Janeiro, Record, 2020.

SESSÃO DE CINEMA

Aqui estão algumas sugestões de filmes que podem ser explorados em sala de aula a partir das discussões que realizamos até aqui.

A última floresta. Direção: Luiz Bolognesi. Roteiro: Luiz Bolognesi, Davi Kopenawa. Brasil: Gullane; Buriti Filmes, 2021. (74 min)

O botão de pérola. Direção e roteiro: Patricio Guzmán. Chile: Atacama Productions; Valdivia Film; Mediapro; France 3 Cinéma, 2015. (82 min)

(Outros) Fundamentos. Direção: Aline Motta. São Paulo, 2019. (15 min)



2 CORPO

COMEÇANDO A CONVERSA

Como você se vê? O que o seu corpo representa no mundo? A forma como nos enxergamos e como aceitamos (ou não) o nosso corpo é atravessada por uma série de interferências construídas política, social, histórica e economicamente.

Nesse sentido, esta unidade propõe reflexões e atividades que promovam a criticidade em relação à domesticação e à uniformização dos corpos na sociedade contemporânea, mas também aponta saberes e caminhos para pensar a corporeidade como símbolo da resistência e da resignificação cotidiana, grandes marcas da condição humana.

REFLEXÃO COLETIVA - DESCRIÇÕES DE CORPOS E ESTÉTICA

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser trabalhada interdisciplinarmente com a disciplina de artes, explorando autorretratos.

Atividade

Para começarmos a pensar sobre nossa relação com os corpos - nossos e de outras pessoas - partiremos de um exercício de descrição e de um processo de discussão a partir das percepções e compreensões que o descrever suscite:

PAPO DE EDUCADORAS E EDUCADORES

A depender da turma, esta atividade pode ser realizada com duas descrições de cada pessoa: uma feita por ela mesma e outra feita por um colega. O trabalho será de identificar os pares de descrição sobre uma mesma pessoa. Finalmente, a reflexão pode ser conduzida a partir do contraste entre as duas descrições.

1. Descreva a si mesma(o). Como você é fisicamente? O que as pessoas veem? Imagine que você está pintando seu próprio retrato com palavras. Escreva sua descrição em um papel sem utilizar seu nome ou identificar seu gênero.
2. A turma realiza uma leitura coletiva das descrições e procura identificar a pessoa descrita.
3. Reflitam: as descrições feitas correspondem a como as pessoas lhe veem? Em que medida você se vê como as pessoas lhe descreveram?
4. Considerando a discussão, observem os retratos realizados em campanha da Dove.

O filme publicitário “Dove Real Beauty Sketches” foi uma criação para a campanha “Retratos da Real Beleza” da Dove, e atingiu a marca de mais de 100 milhões de visualizações no YouTube tornando-se o vídeo publicitário mais assistido, segundo a empresa Unilever.

O vídeo relata a criação do retrato falado de sete mulheres que deveriam descrever a si próprias para um artista forense. No experimento, elas também foram convidadas a descrever uma outra participante. As mulheres ficavam atrás de uma cortina e se descreviam para que o artista as desenhasse. Ao final, o artista mostrava a cada mulher o retrato que ela própria descreveu e também um outro retrato, construído a partir das opiniões de outra pessoa. As diferenças entre os retratos mostram o quanto as pessoas têm uma imagem piorada de si próprias.



Imagem 5 - Lani
- Campanha
"Retratos da Real
Beleza"

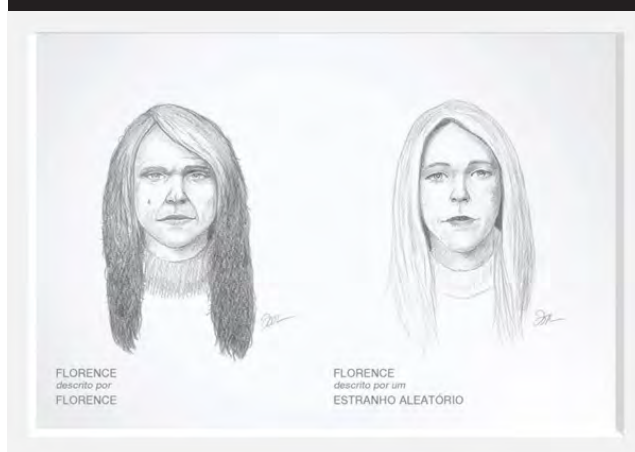


Imagem 6 - Shelly
- Campanha
"Retratos da Real
Beleza"



Imagem 7 - Maria
- Campanha
"Retratos da Real
Beleza"

Imagem 8 - Florence
- Campanha
"Retratos da Real
Beleza"
Imagens disponíveis
em: [https://www.
b9.com.br/36227/
dove-revela-os-
retratos-da-real-
beleza/](https://www.b9.com.br/36227/dove-revela-os-retratos-da-real-beleza/)



5. Aprofundando a discussão:

a) Como você se enxerga e como o outro enxerga você? A Janela de Johari foi um esquema criado pelos psicólogos Joseph Luft e Harry Ingham, para oferecer feedbacks. No entanto, vamos utilizá-la aqui de maneira adaptada como uma estratégia para ajudar a refletir sobre os diversos olhares. Nas atividades anteriores você pode comparar a compreensão de seu próprio corpo com a visão que outra pessoa tem de seus aspectos físicos. Tendo isso em mente, preencha o esquema a respeito de suas características físicas,

percebendo as interseções entre o que você e os outros enxergam e não enxergam em você:

	O que eu enxergo em mim	O que eu não enxergo em mim
O que outra pessoa enxerga em mim		
O que outra pessoa não enxerga em mim		DESCONHECIDO

b) Como a forma de se enxergar está ligada a expectativas sociais?

c) O quanto buscamos nos enquadrar em um padrão? Será que há pessoas ou empresas que lucram com a imposição de uma ideia de corpo “perfeito”? Alguém ganha quando outros se acham feios ou não gostam de sua aparência física?

d) Como você define sua beleza? Quais são as coisas bonitas em você?

6. Leia o poema “Estética” de Cristiane Sobral e escreva um parágrafo respondendo às duas questões propostas: Como seu corpo reflete a sua identidade? Como o “lado de fora” mostra o “lado de dentro”?

PAPO DE EDUCADORAS E EDUCADORES

Que tal tratar um pouquinho sobre a estrutura de parágrafos antes de os estudantes fazerem a atividade? Pode explorar o parágrafo como unidade textual, além de tratar de questões como tópico frasal e ideias secundárias e, ainda, de diferentes estratégias de construção de parágrafos, tais como: alusão histórica, relação causa-consequência, afirmação, enumeração, citação de autoridade etc.



Foto 6 - Cristiane Sobral. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/autoras/>

AUTORAS E AUTORES

Cristiane Sobral nasceu em Coqueiros - RJ e vive em Brasília. Escritora, atriz e professora. Graduou-se em interpretação teatral pela UnB (1998), licenciou-se em artes cênicas pela UCB (2008), mestre em teatro pela UnB (2016), com pesquisa sobre a estética dos

teatros negros brasileiros. Dirigiu a companhia de Teatro Negro “Cabeça Feita” por 15 anos. Ganhadora do prêmio FAC-Culturas afro-brasileiras (2017).

/n SOBRAL, Cristiane. Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz. Edição da autora: Brasília, 2014.

Estética

Cristiane Sobral

Hoje não irei à manicure

Quero um tratamento

A me curar por dentro

Hoje eu não quero ir ao cabeleireiro

Seria necessário converter um país inteiro

Para construir um corte com a expressão da minha identidade.

SOBRAL, Cristiane. Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz.

Edição da autora: Brasília, 2014, p. 22.

PARA REVISAR O TEXTO:

Antes de entregar o seu texto, faça a seguinte checagem:

- A minha letra está legível.
- O texto está visualmente organizado.
- Eu percebo uma relação lógica entre os parágrafos.
- Eu li em voz alta o texto para mim mesmo.
- O parágrafo responde a questão de como meu corpo reflete a sua identidade.
- O parágrafo responde como o meu “lado de fora” mostra o meu “lado de dentro”.

PRODUÇÃO DE TEXTOS - RETRATOS DE RESPEITO, AMOR-PRÓPRIO, DIREITOS E DIGNIDADE

Leia o trecho de uma *resenha** sobre o livro “Mulheres – retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade”.

Com um ar bem leve e colorido, “Mulheres – Retratos de Respeito, Amor-próprio, Direitos e Dignidade” (Ed. Sextante. 160 págs.) é a coletânea das ilustrações de Carol Rossetti em seu projeto Mulheres. A iniciativa, que começou na internet, ganhou força nas redes sociais, alcançou outros países e acabou se tornando livro impresso, retratando mulheres e os conflitos com os quais elas lidam por conta de seus corpos, sua orientação sexual, escolhas, estilo de vida e muitos outros fatores. (...)

As personagens (...) abordam alguns tabus da aparência física da mulher, como depilação, marcas na pele, as formas do corpo, as deficiências físicas e muitos outros aspectos. Além dos detalhes da aparência, é abordada também a forma como as roupas, o cabelo, a maquiagem, as tatuagens e até as unhas interferem na visão que a sociedade tem das mulheres. (...)

“Mulheres – Retratos de Respeito, Amor-próprio, Direitos e Dignidade” é, em um contexto geral, uma forma de apoio às mulheres. Todas as mulheres. O livro busca compreender e aceitar as mais diversas

características e escolhas femininas, respeitando cada mulher como um ser único e independente.

► Para ler a resenha completa, acesse o link abaixo:

<https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/resenha-mulheres-retratos-de-respeito-amor-proprio-direitos-e-dignidade/>

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

Em geral, quando lemos um livro ou assistimos a um filme ou a uma série temos o desejo de comentar, de compartilhar nossas impressões, de indicar ou não para os nossos amigos, de mostrar aquilo que achamos mais interessante, não é verdade!?

A resenha é um gênero textual que cumpre esta função. Trata-se de um texto que se propõe a ser a apresentação do conteúdo de uma determinada obra ou objeto cultural (filme, livro, peça de teatro, exposição de artistas, discos, eventos, séries e programas de TV ou de plataformas de streaming etc.), seguido de uma apreciação crítica sobre ele.

De modo geral, a resenha pode ser dividida em 3 partes (o que não significa 3 parágrafos!), que são:

1. Dados da obra: São as informações das credenciais do/a autor/a ou da obra a ser resenhada. No caso de livros, são informados o nome do autor ou da autora, de tradutores ou ilustradores, o nome do livro, informações sobre a editora e o ano de publicação, a quantidade de páginas. Em caso de filmes, além do nome da obra em si, apresentam-se o nome do/a diretor/a, o país de origem, o ano de lançamento.

2. Síntese do conteúdo: Aqui é apresentado um resumo da obra ou do objeto a ser resenhado. Em linhas gerais, trata-se do resumo da narrativa, no caso de um livro; ou a síntese do enredo, quando se trata de um filme ou série; a descrição geral das peças, no caso de uma exposição de arte. Isto é, a resenha apresenta um apanhado geral do conteúdo para que o leitor tenha uma noção daquilo que compõe a obra.

3. **Apreciação crítica:** É o momento em que o/a autor/a da resenha apresenta o seu juízo de valor acerca daquilo a que se propôs resenhar. Sendo assim, apresenta os pontos positivos e negativos, os méritos e os problemas que a obra traz, aponta elementos significativos para a construção de sentidos, demonstra o seu julgamento, persuadindo os/as leitores/as a também apreciarem ou não aquela obra.

Em suma, a resenha fornece informações e análises com o objetivo de persuadir o leitor acerca de uma determinada obra.

Sabendo disso, retorne ao texto e veja se há nele características que o classificam como uma resenha.

Agora, volte ao texto. Releia-o e responda para si mesmo: O texto sobre o filme “Vida Maria” se parece mais com qual tipo de artigo? Você consegue reconhecer as características do gênero?

Agora, vejamos algumas ilustrações do livro de Carol Rossetti. Aproveitem!



Imagem 9 - Sandra - Retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade



Imagem 10 - Sílvia -
Retratos de respeito,
amor-próprio, direitos
e dignidade

Imagem 11 - Tatiana -
Retratos de respeito,
amor-próprio, direitos
e dignidade



Imagem 12 - Kátia -
Retratos de respeito,
amor-próprio, direitos
e dignidade

ROSSETTI, Carol.
Mulheres - retratos
de respeito, amor-
próprio, direitos e
dignidade. Rio de
Janeiro: Editora
Sextante, 2015.
Imagens cedidas
pela autora.



AUTORAS E AUTORES

Carol Rossetti é de Belo Horizonte, Minas Gerais. Formada em design gráfico (2011), administra um estúdio chamado Café com Chocolate Design. Carol trabalha com ilustrações, feminismo e quadrinhos. Seus principais projetos autorais são “Mulheres: retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade”, “Cores” e “Vento Norte: primeiras histórias”. Seu trabalho já foi destaque em canais midiáticos e eventos internacionais. Ela também atua na cena independente de quadrinhos e publicações autorais, participando de coletivos feministas e feiras gráficas.

Adaptado do currículo lattes (<http://lattes.cnpq.br/9625646957520039>)



Foto 7 - Carol Rossetti. Disponível em www.sexante.com.br/autores/carol-rossetti/

Vamos observar e compreender um pouco mais sobre o trabalho de Carol Rossetti? De modo geral, cada um dos trabalhos segue um esquema semelhante de construção. Vejamos a partir do texto abaixo:

1º) Uma mulher é apresentada com um nome próprio e uma breve descrição.

Descrever é apresentar as características, com maior ou menor grau de detalhe, de alguém ou de algo. Descrever é “desenhar” com as palavras uma pessoa, um objeto, uma paisagem, uma situação.

Ex.:

Sílvia **tem cabelos brancos.**
(Nome próprio) (Breve descrição)

Outro exemplo: **Tatiana** (nome próprio) **tem celulite, e às vezes tem vergonha do seu corpo** (breve descrição).

O uso do nome próprio (Sílvia, Tatiana, Maya, Clara etc.) cumpre importante papel. Primeiro, porque dá **identidade** às mulheres, como se respeitasse a história de cada uma representada no livro. Identifica e demarca as lutas.

Em segundo lugar, porque gera uma **identificação**. Os nomes nos remetem a outras pessoas (irmãs, cunhadas, mães, tias, primas, avós, amigas, colegas de trabalho ou a si mesmas) que vivenciam/ou vivenciaram alguma das situações apresentadas.

Desse modo, as personagens criadas pela autora não são reais, mas dão vida a dilemas e angústias muito verdadeiras que marcam o dia a dia de todas as mulheres.

2º) É apresentada ao leitor uma crítica em relação à descrição da personagem.

Ex.: O pessoal tem mandado ela pintar para não ficar com aparência “descuidada”.

Desse modo, o texto mostra uma das formas de opressão que recai sobre as mulheres. Muitas vezes, o fato de uma mulher deixar os cabelos brancos à mostra é lido como desleixo, como descuido. Isso porque, numa sociedade machista e violenta como a nossa, existe uma espécie de “**ditadura da beleza**”, que se faz ver inclusive pela lógica de que as mulheres devem parecer sempre jovens e bonitas, segundo um padrão irreal. Em nome desse “padrão de beleza irreal”, a maioria das mulheres sofrem e vivem várias frustrações.

É preciso lutar para que as mulheres tenham suas escolhas respeitadas, para que se orgulhem dos seus cabelos brancos, que aceitem suas histórias. O tipo de crítica apresentado é uma forma de nos fazer refletir sobre a questão do amor-próprio, da autoestima, do direito à dignidade de todas as mulheres.

3º) Segue-se uma ilustração destacando a característica da personagem (no caso, os cabelos brancos).

A ilustração não é algo acessório ou secundário. Ela é parte essencial do texto e fundamental para a produção de sentidos. Observe as cores, os traços, o posicionamento da imagem. Tudo isso se comunica diretamente com os nossos sentidos e amplia nossa percepção acerca dos conteúdos articulados no texto.

4º) O texto transforma-se em um diálogo com a personagem, uma espécie de conversa entre a autora e as mulheres, que tenta ressaltar o ponto positivo das características da personagem.

Note que o texto apresenta o nome da personagem como um vocativo, um chamamento – típico das conversas ou de mensagens diretamente dirigidas a uma pessoa.

O **vocativo** é um termo que indica o “chamamento”, “invocação”, “interpelação” de uma pessoa (interlocutor) real ou fictícia. Em uma carta, um bilhete, uma mensagem ou mesmo em uma conversa, utilizamos muito o vocativo para chamar a pessoa com quem o diálogo se estabelece. Veja os exemplos:

Maria, me passa o número do seu telefone.
(vocativo)

Há nesse diálogo um claro desejo de exaltação da mulher. Note que algumas palavras estão destacadas. Elas chamam a atenção para o essencial da mensagem, ou seja, reforçar que as mulheres precisam ter suas escolhas respeitadas, para que se sintam felizes com sua aparência.

Sílvia, pintar o cabelo é uma opção e não uma obrigação! Se você gosta dos seus cabelos brancos, ninguém tem nada que implicar. Idade não é motivo de vergonha! Seu cabelo é lindo e a escolha é sua!

Veja agora, de forma resumida:

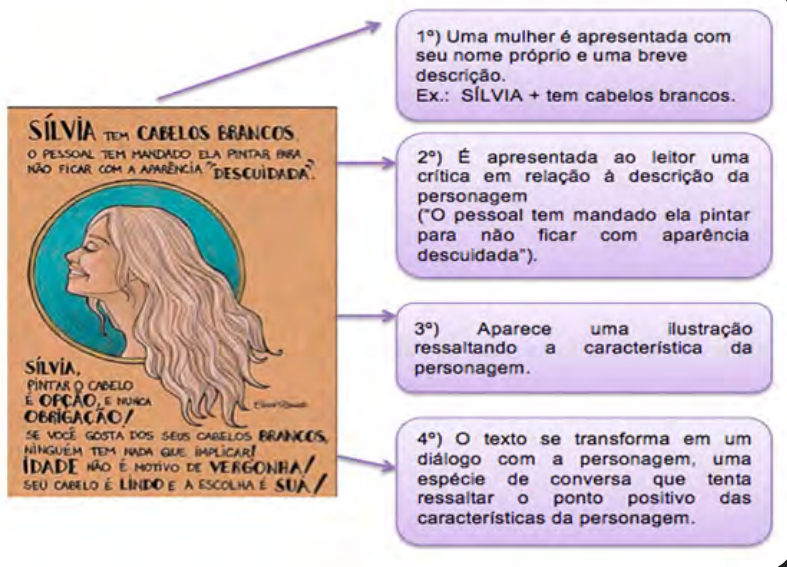


Imagem 13 -
Organização dos
Retratos de respeito,
amor-próprio, direitos
e dignidade.

Atividade

Sabemos que mulheres são constantemente cobradas por sua aparência física, mas, mesmo que o peso seja maior nas mulheres, muitos homens também acabam sendo julgados pelas suas escolhas estéticas e tipos físicos. Agora que você acompanhou como o texto de Carol Rosseti foi construído, a proposta é que você também faça um cartaz seguindo o mesmo modelo da autora e as orientações que se seguem:

Você pode **desenhar** a pessoa que será a imagem central do seu cartaz, homem ou mulher, **recortar** a imagem de uma revista ou mesmo utilizar uma **fotografia** sua. Lembrando que essa escolha deve representar uma característica sua.

Observação: Caso opte por recortar em revistas, dê preferência a uma imagem que não corresponda ao padrão de beleza de que falamos

anteriormente. Lembre-se de que esses padrões correspondem a uma minoria, o que não reflete a realidade da maioria das pessoas.

a) Desenhe ou recorte e cole a imagem no centro da folha.

b) Em seguida, escreva seu **nome** como se fosse esta pessoa e faça uma breve descrição.

c) Por fim, escreva, em tom de diálogo, uma mensagem de empoderamento, de reforço da autoestima, de elevação do amor-próprio para essa pessoa.

REFLEXÃO, DISCUSSÃO E PESQUISA - CAPACITISMO

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser trabalhada interdisciplinarmente com as disciplinas de filosofia e sociologia e com setores responsáveis pelo apoio a pessoas com deficiência, ampliando entendimentos com relação às pessoas com deficiência e aos desafios impostos pelo capacitismo.

Até aqui discutimos como as pressões sociais e os padrões de beleza podem afetar negativamente nossa relação com nosso próprio corpo. Além de exigências que não correspondem à realidade da maioria das pessoas, esses padrões podem gerar adoecimentos, influenciar diferentes tipos de violência e reforçar desigualdades. Você sabe o que é capacitismo? A pesquisadora Mayssara Oliveira (OLIVEIRA, 2020) conceitua o capacitismo como uma série de crenças e práticas que privilegiam um certo tipo de corpo e o tomam como padrão de perfeição e de universalidade. O pensamento e a prática capacitista diminuem tudo o que é diferente desse corpo tido como padrão de perfeição e entendem a deficiência como um estado inferior de ser humano.

Discussão

1. Você já ouviu falar em capacitismo? Como você o explica com suas próprias palavras?
2. Você é uma pessoa com deficiência ou convive com alguma pessoa com deficiência?
3. Como você imagina que é a vida de pessoas com deficiência? Como são suas rotinas diárias? Como é a sua relação com seu próprio corpo? Como é a sua relação com os outros e com o próprio espaço?

Assista ao documentário “História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil”, produzido pela Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

<https://www.youtube.com/watch?v=yv1dnuGgn2k>

4. Você conhecia a história do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil?
5. O documentário trouxe alguma novidade para você? Pensando nisso, preencha o quadro abaixo:

O que você sabia sobre o assunto?	O que você aprendeu sobre o assunto a partir do documentário?

6. As redes sociais podem ser utilizadas como espaço para discussões e trocas positivas. Por meio delas, é possível acompanhar um pouco sobre os interesses e rotinas das pessoas. Nas suas redes sociais você segue algum perfil de pessoa com deficiência? A seguir sugerimos alguns perfis para você acompanhar e conhecer um pouco mais sobre o assunto a partir do ponto de vista de quem convive cotidianamente com alguma deficiência:

@projetopes	@marianatorquato
@lorenaeltzz	@victordimarco
@clarinhamaroficial	@maria.luizalago
@_pequenalo	@delirandomoda
@cacaibauer	@blogueirapcd

7. Você conhece aplicativos que podem auxiliar pessoas com deficiência? Abaixo apresentamos alguns deles.

Hand Talk Tradutor para Libras

O aplicativo traduz texto e áudios para a Língua Brasileira de Sinais e para a Língua Americana de Sinais utilizando um intérprete em 3D.

Disponível em <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.handtalk>



Imagem 14 - Logo aplicativo Hand Talk

Domlexia - Dom e as Letras - Alfabetização

Este aplicativo é um jogo educacional direcionado para crianças com dislexia ou dificuldades de aprendizado em fase de alfabetização.

Disponível em <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.plotkids.domlexia>



Imagem 15 - Logo aplicativo Domlexia

Wheelmap

O Wheelmap é um aplicativo que permite aos usuários encontrar e avaliar lugares acessíveis por cadeiras de rodas no mundo inteiro.

Disponível em <https://play.google.com/store/apps/details?id=org.wheelmap.android.online>



Imagem 16 - Logo aplicativo Wheelmap

Há, no entanto, muitos outros aplicativos direcionados para diferentes necessidades e que permitem uma melhor mediação de relações e a ampliação de acessibilidades. Realize uma ampla pesquisa e monte uma minibiblioteca de aplicativos para ser compartilhada não só com pessoas com deficiência, mas com todos e todas.

VIVÊNCIA E PRODUÇÃO ESCRITA - REIVINDICANDO ACESSIBILIDADE

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser realizada interdisciplinarmente com as áreas de sociologia, história, educação física e outros componentes curriculares que tratem de direitos humanos e processos de luta por garantia de direitos.

Você já considerou como é a acessibilidade nos ambientes por onde você transita? Quando falamos de acessibilidade, é importante perceber que há diferentes tipos. Esta palavra costuma estar mais evidentemente associada a aspectos arquitetônicos e de transporte. No entanto, podemos também considerar a acessibilidade a partir de questões pedagógicas (barreiras nos processos de estudo), atitudinais (barreiras nas atitudes de outras pessoas), comunicacionais (barreiras na realização da comunicação com outros), digitais (barreiras no acesso e uso de ferramentas tecnológicas) etc.

1. Considerando a variedade de aspectos da acessibilidade mencionados, neste momento você fará um exercício de observação para perceber os desafios que pessoas com deficiência enfrentam bem próximo a você. Realize uma caminhada de cerca de 10 minutos em um local costumeiro. Pode ser dentro de casa, pela escola, na quadra, pela vizinhança. Mantenha o olhar atento. Sugerimos que você leve material para fazer anotações, ou você pode utilizar o esquema abaixo para organizar suas observações iniciais.

LOCAL	TIPO DE BARREIRA

Após fazer sua primeira caminhada, complemente suas observações iniciais, tentando perceber se algo foi esquecido.

2. Prepare-se para refazer sua caminhada. Entretanto, desta vez você vai tentar caminhar como alguém com deficiência a experimentar. Por exemplo, tente suprimir sua visão ou escuta, ou ambos, com o uso de uma venda nos olhos ou abafadores de ouvido. Tente reduzir a mobilidade de seu corpo, imobilizando algum(ns) membros, usando muletas ou restringindo-se a uma cadeira de rodas. Procure refazer o mesmo trajeto com cuidado e percebendo as barreiras que você pode não ter notado da primeira vez.

Reveja suas anotações. Acrescente detalhes e o que você possa ter esquecido na primeira caminhada.

3. Para cada barreira identificada considere:

a) O que pode ser feito para torná-la mais acessível? Que intervenções são necessárias?

b) Que sujeitos e setores do governo e do poder público são responsáveis por este tipo de intervenção?

c) Quais são os meios de comunicação com estas instâncias que estão disponíveis para os cidadãos? Pesquise na internet, nos sites oficiais, informações que possam ser úteis para saber como e a quem reivindicar melhorias.

4. Prepare um texto argumentativo reivindicatório a partir do que você identificou e em vista do meio de comunicação mais adequado com a instância escolhida (abaixo assinado, email para autoridades, ouvidoria etc). Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa do que você reivindica. Não deixe de indicar os locais e barreiras que você identificou, bem como apresentar as sugestões para sua adequação de maneira a se tornarem mais acessíveis. Lembre-se de respeitar as particularidades exigidas do gênero de texto argumentativo.

Um texto argumentativo de caráter reivindicatório tem o objetivo de convencer quem o lê a acreditar no que o texto diz e fazer aquilo que ele propõe. Além disso, é importante que:

- os argumentos tenham um embasamento; nunca se deve afirmar algo que não venha de estudos ou informações previamente adquiridas;
- os exemplos dados sejam coerentes com a realidade, ou seja, podem até ser fictícios, mas não podem ser inverossímeis;
- as experiências que comprovem os argumentos sejam também coerentes com a realidade
- caso haja citações de pessoas ou trechos de textos, é importante que sejam razoavelmente confiáveis.

De maneira geral, o texto deve conter uma lógica de pensamentos. Os raciocínios devem ter uma relação entre si e um parágrafo deve continuar o que o anterior afirmava. Além disso, é estratégico imaginar os questionamentos, as dúvidas e os pensamentos contrários à sua argumentação, para, a partir deles, construir melhores argumentos, fundamentados em mais estudo e pesquisa.

Com relação à organização do texto, considere as seguintes orientações:

No início: apresenta-se o assunto e a problemática que o envolve, sempre tomando cuidado para não se contradizer.

Você pode iniciar o seu texto a partir de diferentes estratégias, tais como: a **alusão histórica** (quando se recorre a acontecimentos do passado para promover relações com o presente, demonstrando com isso que as questões discutidas são fruto de uma construção pretérita); a **utilização de dados estatísticos** (interessantes para demonstrar a relevância da discussão em âmbito social); **citação de autoridade** (quando se utiliza a fala de algum/a especialista sobre o assunto sobre o qual o texto trata, legitimando a argumentação que sucederá); por meio de **perguntas** (questões que permitam a problematização do tema e a organização da argumentação a ser desenvolvida, dentre outras, ou ainda valendo-se de um **conceito ou definição** (o verbete do dicionário, por exemplo, em que apareça a conceituação do termo-chave do tema desenvolvido). Escolha a sua estratégia e siga em frente.

No decorrer do texto: são apresentados os argumentos propriamente ditos, junto com exemplificações e citações (se existirem).

Lembre-se de que o texto é um tecido, bem urdido, bem costurado. Para manter a conexão entre as ideias apresentadas dentro dos parágrafos e entre eles são utilizados os conectivos - palavras ou expressões que garantem a relação entre as partes do texto, promovendo a progressividade e a articulação dos argumentos. Veja alguns exemplos:

- Para adicionar informações, utilize conectivos como: Além disso; Ademais; Do mesmo modo.
- Para criar relações de comparação, utilize: Da mesma maneira; Da mesma forma; Assim como; Similarmente.
- Para contrapor ideias: Mas; Porém; Entretanto; Contudo; Todavia; No entanto; Embora; Mesmo que; Apesar de; Por outro lado.
- Para ideia de conformidade: Conforme; Segundo; Consoante; Como; De acordo com.
- Para resumir ideias ou informações: Em resumo; Em suma; Em síntese.

Ao final: as ideias são arrematadas com a conclusão, retomando a tese, isto é, as ideias apresentadas como ponto de partida da argumentação. Essa conclusão deve ser anunciada durante todo o texto, de forma que os leitores serão direcionados para compreender a conclusão.

A conclusão do texto também pode ser anunciada por meio de conectivos (Portanto; Logo; Então; Assim; Por conseguinte; Em conclusão; Em suma). Além disso, a conclusão de um texto pode apresentar propostas de intervenção ou encaminhamentos que sugiram formas de enfrentamento do problema abordado ao longo do texto. No caso de propostas de intervenção, vale a pena ressaltar que devem ser propostas exequíveis, que apresentem coerência com a realidade, que apontem os sujeitos e as ações envolvidas.

Finalmente, este tipo de texto costuma seguir um formato que é interessante observar:

(Nome da cidade e data)

(Endereçamento)

Prezado(s) senhor(es) / Prezada(s) senhora(s), (vocativo)

.....
.....
.....

Atenciosamente / Respeitosamente (despedida formal; fecho)

(O nome / Assinatura do emissor, isto é, a pessoa que enviou a carta)

PARA REVISAR O TEXTO:

Antes de entregar o seu texto, faça a seguinte checagem:

- A minha letra está legível.
- O texto está visualmente organizado.
- Eu percebo uma relação lógica entre as frases.
- Eu li em voz alta o texto para mim mesmo.
- O texto se caracteriza como argumentativo e reivindicatório.
- O texto apresenta conectivos que interligam suas partes.
- O texto apresenta a estrutura adequada ao gênero (Destinatário, Pronome de tratamento, Fecho e Assinatura).

PRODUÇÃO DE MENSAGENS - O QUE O CORPO PODE DIZER

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser trabalhada interdisciplinarmente com as disciplinas de educação física e artes cênicas, de maneira a explorar aspectos mais diversos da expressão corporal.

Você conhece Slams de poesia? Já presenciou ou participou de algum? Originalmente surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos, mas se esparramaram pelo Brasil, marcadamente em regiões periféricas. Slams de poesia são competições, “batalhas” durante as quais poemas autorais são apresentados e recebem notas por um grupo de jurados. Os slams são espaços livres e seus participantes podem falar daquilo que quiserem. Também, por este motivo, têm surgido slams voltados para grupos específicos, onde pessoas muitas vezes invisibilizadas e deixadas à margem podem expor sua poesia, suas demandas, seus desafios e suas esperanças.

Embora sejam momentos muito associados à palavra em sua forma oral, os slams também se abrem para outras expressões da palavra e da poesia. Você consegue imaginar como? De que outras maneiras além da oralidade você pode expressar aquilo que pensa e quer dizer?

Assista ao vídeo do “Slam do Corpo - Poesia em Libras”, com Catharine Moreira e Cauê Gouveia.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=3ls61HbZBOs>

1. Após assistir ao vídeo, responda: que outras estratégias além da palavra oral Chatarine Moreira e Cauê Gouveia utilizaram?
2. Que palavras na Língua Brasileira de Sinais (Libras) mais chamaram a sua atenção na performance Slam do Corpo - Poesia em Libras? Como elas se relacionam com a ideia que transmitem?

3. Assista novamente ao vídeo do Slam do Corpo para perceber como sinalizar outras palavras que você ainda não havia notado. Pratique-as da melhor maneira possível.

4. Você conhece o alfabeto em língua de sinais? Ele pode ser uma primeira aproximação a uma comunicação que não é baseada na fala e na audição. Que tal dizer seu próprio nome utilizando o alfabeto? Que outras palavras você gostaria de soletrar com o auxílio do alfabeto?



Imagem 17 - Alfabeto em língua de sinais. Linguagem de sinais vetor criado por freepik br.freepik.com

5. Em grupos, preparem-se para “escrever” uma mensagem com seus corpos. Que recado, pensamentos ou ideias vocês gostariam de “dizer” aos demais grupos? Vocês podem sinalizar palavras aprendidas com o vídeo, usar palavras soletradas com o alfabeto em língua de sinais, mas também criar outros meios de comunicar sua mensagem utilizando o corpo.

6. Apresentem suas mensagens e percebam: o que os corpos foram capazes de expressar? O que foi compreendido? O que não estava na mensagem original, mas também foi entendido?

LEITURAS E ESCRITA - CABELOS, TRANÇAS, EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser desenvolvida interdisciplinarmente com a disciplina de artes, de maneira a aprofundar compreensões relativas à estética e à produção fotográfica.

Como você lê um texto? Você já refletiu sobre todos os aspectos de um texto que você considera quando lê? Ao ler os textos a seguir - considerando que as imagens também são texto - responda para você mesma(o):

1. Sobre a organização do texto: A quem ele se direciona? A linguagem do texto é compreensível? Que perguntas o texto faz? Quais são as informações mais relevantes? Como as imagens se articulam com as informações do texto?

2. Sobre a sua relação com o texto: Que informações do texto você já conhecia? Que informações você não sabia? Como ele se relaciona com a sua realidade? Que questões ele responde para você? Que conexões você faz a partir do texto?



Foto 8 - Natives Hair Dressing, Zanzibar por Gomes & Sons, A. C. 1870-1900 (approx., Tanzania). The Walther Collection. Disponível em: <https://www.walthercollection.com/en/collection/artworks/inscribed-natives-hair-dressing-zanzibar>

Foto 9 - Comoro girl, por Coutinho Brothers Photographers, 1906. Disponível em: <https://www.oldeastafricapostcards.com/coutinho/>

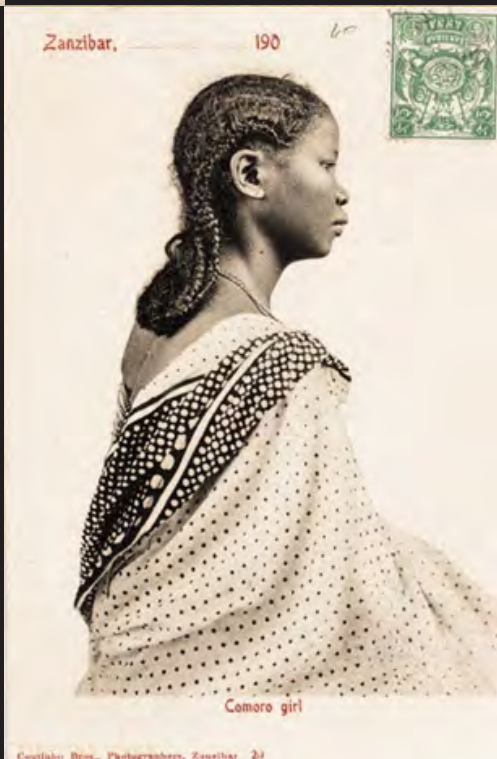




Foto 10 - CO 1069-176-9, por Coutinho Brothers Photographers, Zanzibar. Africa Through a Lens project - The National Archives UK. Disponível em: <https://www.nationalarchives.gov.uk/africa/>

Foto 11 - Natives dressing hair, por Coutinho Brothers Photographers, Zanzibar, 1908. Disponível em: <https://www.oldeastafricapostcards.com/coutinho/>



Foto 12 - Swahili girl, por Coutinho Brothers Photographers, 1906 Disponível em: <https://www.oldeastafricapostcards.com/coutinho/>



Os cabelos são parte importante da identidade das pessoas. Cada pessoa possui uma relação muito íntima e particular com seus cabelos e essa relação é atravessada pelas experiências vividas ao longo da vida. Nas diferentes culturas, os cabelos possuem significados para além da estética. No continente africano, historicamente, os penteados foram carregados de grande simbologia. Os penteados indicavam: estado civil, identidade étnica, região geográfica, religião, classe social, status dentro da própria comunidade, profissão e até detalhes sobre a vida pessoal do indivíduo. Diferentes penteados eram e são utilizados para ocasiões específicas, assim como a cabeça raspada também participa da estética dos penteados africanos, como representação religiosa de ritos de transformação.

A Trança Africana é bastante antiga. Tão importante quanto o desenho é o ato de trançar, que transmite os valores culturais entre as gerações, além de exprimir laços de cuidado. Com a escravidão e o sequestro de pessoas africanas para os continentes americanos, o significado das tranças foi se transformando e elas passaram a ser uma forma de resistência, sobrevivência e de reverência à ancestralidade.

A manipulação dos cabelos é uma forma de linguagem e um dos maiores símbolos da luta pelos direitos dos negros, sendo exaltada em movimentos como os Black Power e os Panteras Negras, e mais especificamente no Brasil, nos Movimentos Negros Unificados e em blocos afro, como o Ilê Ayiê, por exemplo.

No livro “A mulher de pés descalços” a escritora ruandesa Scholastique Mukasonga faz um verdadeiro tributo à mãe e a todas as mulheres da etnia tustis, assassinadas durante o genocídio em Ruanda, país localizado na parte central do continente africano, entre abril e julho de 1994. Misturando histórias autobiográficas com a poesia típica de quem faz literatura, a autora narra a vida e os costumes das mulheres experimentando o medo e o terror da guerra civil, mas também a beleza e o encanto contidos nas miudezas do cotidiano.

Leia abaixo um trecho em que a autora fala da importância do penteado como elemento de identidade das meninas.

Quando o assunto era elegância e boas maneiras, bastava seguir o exemplo e as recomendações de minha mãe: imitar o modo de andar despreocupado e ritmado das matriarcas (a cada passo, elas pareciam ficar no mesmo lugar), lançar um olhar um pouco perdido ao redor e, sobretudo, ao se virar para os outros, manter o olhar baixo (que vergonha, para uma moça, olhar alguém no rosto!), responder com uma voz fina, quase inaudível, um murmúrio doce, um sopro melodioso... Para o corte de cabelo, também era preciso contar com os mais próximos. Não havia cabeleireiros para as mulheres, nem em Gitagata nem em Nyamata; os homens iam ao kimyozi, que tinha o único par de tesouras do vilarejo – além, é claro, de Berkmasse, o

alfaiate – e que tinha instalado uma cadeira para atender os clientes debaixo da grande figueira, na beira da estrada. Assim, era a irmã ou uma amiga que cortava a nossa cabeleira crespa deixando tufos geométricos em forma de meia-Lua que se chamavam *amasunzus* e que as moças usavam antes do casamento. Na França, quando visitei os jardins dos castelos antigos, soube que os reis mandavam cortar os arbustos como fazemos com os cabelos. Não tive coragem de contar ao guia tão sabido a comparação que eu estava fazendo. Ele contava a história de um certo jardineiro chamado Le Nôtre.

Mas os *amasunzus* não eram para as meninas e nem para as adolescentes mais novas. O corte de cabelo que deveríamos usar variava de acordo com a idade. As crianças, tanto meninas quanto meninos, tinham a cabeça raspada com apenas, bem em cima da testa, um pequeno tufo bem redondo, feito um pompom. Na puberdade, perto dos doze, treze anos, podíamos deixar o cabelo crescer. As moças nunca cortavam. Se ficassem longos demais, elas prendiam. Os *amasunzus* não eram usados antes dos dezoito, ou vinte anos. Eles significavam que a moça estava na idade de se casar, que estava buscando um marido, que esperava, como diriam na França, seu príncipe encantado. Ao mesmo tempo, as moças abandonavam o pequeno pedaço de tecido que, até ali, tinham usado como saia, para se vestirem com o pano respeitável das mulheres casadas e mães de família. Os *amasunzus* ajudavam a distinguir as mulheres em idade de casar das já casadas.

Eu nunca pude usar um *amasunzu*. No liceu, em Kigali, eu era nova demais e, além disso, consideravam a vaidade o mais grave de todos os sete pecados capitais juntos. Quando saíamos aos domingos, éramos vigiadas rigorosamente por uma escolta de religiosas. Nada deveria atrair os olhares assanhados dos garotos ou, pior ainda, segundo a irmã Kizito, dos homens casados. Mas quem teria reparado em nós, com aquele uniforme cinza e os cabelos curtos?

Em Butare, na Escola de Serviço Social, era diferente. As modas recentes da cidade, levadas por algumas alunas mais independentes, eram toleradas livremente e até encorajadas pela maioria dos professores. Não deveríamos mais usar o *amasunzu*, costume arcaico e degradante. A palavra de ordem era o alisamento. O novo ideal de beleza da juventude no mundo da moda era ter o cabelo liso. Mas, na escola, apenas algumas privilegiadas tinham o instrumento necessário para a operação: um pente de metal com muitos dentes serrados e um cabo de madeira. Bastava esquentá-lo no fogo e passá-lo nos cabelos crespos e desgrenhados que eles se transformavam em longas mechas lisas e sedosas que ondulavam por cima dos ombros. O que não faríamos para conseguir esse pente milagroso! Mas era quase impossível consegui-lo emprestado. As felizes proprietárias do instrumento achavam melhor manter para si mesmas, filhas de ricos comerciantes ou de funcionários de altos cargos, o monopólio dos cabelos alisados. Porém, esse monopólio arrogante não durou muito. Rapidamente, nós, que éramos pobres e vínhamos do campo, descobrimos, enquanto lavávamos roupa, outro meio de alisar o cabelo. Aos sábados, à tarde, lavávamos e passávamos as roupas. Para passar, usávamos ferros de carvão vegetal. Ainda que o ferro fosse pesado e menos prático do que o pente, ele podia também, se ficasse muito quente, alisar o cabelo. “Vamos passar o cabelo”, dizíamos rindo. Para maior eficácia da operação, untávamos o cabelo com um pouco de banha que discretamente tirávamos das torradas do café da manhã, essa banha deliciosa que era a nossa manteiga! É claro que os resultados nem sempre estavam à altura dos nossos desejos, e de vez em quando nossos cabelos pareciam mais com espinhos de um porco-espinho do que com as mechas longas e macias que desejávamos ter. Contudo, apesar de alguns acidentes, nossos cabelos alisados no ferro de passar podiam rivalizar com cabelos alisados com os pentes das riquinhas. Na França, dez anos depois, logo que cheguei, fui em busca desse pente milagroso que eu tanto desejara: “É para um poodle?”, perguntou a moça do caixa.

Quando voltei a Gitagata de férias com o meu novo penteado, mamãe não soube o que dizer. Pôs a mão nos meus cabelos, foi se sentar no montinho para contemplá-los e concluiu que aquilo era o progresso, *amajyambere*, como dizia o lema da República. Mas ela também achava que o frio das montanhas de Ruanda tinha contribuído para dar um jeito naquilo que o Sol tórrido de Bugesera tinha queimado na minha cabeça.

MUKASONGA, Scholastique. A mulher de pés descalços. São Paulo: Editora Nós, 2017, p. 91-93



Foto 13 - Scholastique Mukasonga, por Editora Nós. Disponível em: <https://editoranos.com.br/nossos-autores/scholastique-mukasonga/>

AUTORAS E AUTORES

Scholastique Mukasonga é uma escritora nascida em Ruanda, no ano de 1956. Foi sobrevivente dos massacres gerados pela guerra civil ruandesa na década de 1990. Atualmente vive e trabalha na Normandia, região da França. Além de “A mulher de pés descalços”, Mukasonga publicou no Brasil “Nossa Senhora do Nilo”, “Baratas” e “Um belo diploma”.

Atividade

Os textos lidos falam, dentre outras coisas, sobre como os cabelos são parte fundamental da nossa identidade. Eles falam de nós e das histórias que carregamos, muitas vezes sem nem ter toda consciência disso. Os cabelos, os penteados, a forma como adornamos a cabeça comunicam diferentes saberes. Pare um pouco, pense e responda em forma de um único parágrafo:

Em sua realidade (no seu bairro, comunidade, quebrada) os cabelos e os penteados demonstram aspectos da identidade das pessoas? De que forma eles representam essa identidade?

Lembre-se de que um parágrafo representa uma unidade textual. Não se trata necessariamente de uma única e longa frase. Na verdade, procure dividir o seu parágrafo em frases que vão sendo costuradas em torno de um determinado assunto. Portanto, o parágrafo deve ser coeso (apresentando relações entre as partes) e coerente (demonstrando equilíbrio entre as ideias).

PARA REVISAR O TEXTO:

Antes de entregar o seu texto, faça a seguinte checagem:

- A minha letra está legível.
- O texto está visualmente organizado.
- Eu percebo uma relação lógica entre as frases.
- Eu li em voz alta o texto para mim mesmo.
- O parágrafo responde à ideia dos cabelos como marca identitária na realidade da minha comunidade.

Após revisar e aprimorar seu parágrafo, organize-se para fazer dele um post (conteúdo criado e divulgado em plataforma na internet) em uma rede social. Para isso, considere acompanhá-lo de algumas fotos dos cabelos da realidade (quebrada, bairro, comunidade) de que você fala. Não deixe de pedir autorização para as pessoas que você fotografar. Você pode usar ferramentas virtuais para a construção deste post. Ao final do trabalho, você tem a opção de realmente postá-lo ou não em suas redes sociais.

PRODUÇÃO DE BELEZAS - O ILÊ AYIÊ

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser realizada interdisciplinarmente com as disciplinas de artes, sociologia, educação física e dança, de maneira a aprofundar compreensões relativas à produção estético-artística negra e do movimento coreográfico do corpo.

Em Salvador, capital da Bahia, há um importante movimento de valorização e preservação das culturas africanas e afrodiaspóricas. O carnaval se tornou um importante espaço para a manifestação desse movimento. A festa, que muitas vezes é vista como pagã e frívola, tornou-se um dos eixos principais pelos quais uma força política e estética negra se manifestou na primeira capital do Brasil. Os chamados blocos afros, após o surgimento dos blocos de afoxés e dos blocos de índios (majoritariamente constituídos por pessoas negras), têm início com a fundação do Ilê Aiyê, em 1º de novembro de 1974.

Fundado em plena ditadura militar, o Ilê Aiyê surgiu no terreiro de candomblé Ilê Axé Jitolu e teve entre seus principais fundadores Vovô e Apolônio, que receberam orientações da líder espiritual Mãe Hilda Jitolu. O bloco surgiu da vontade de um coletivo de pessoas negras que habitavam principalmente o Bairro da Liberdade e tinham o desejo de participar de um carnaval mais democrático. Naquela época, pessoas negras não eram aceitas nos grandes blocos e clubes carnavalescos, portanto, a proposta era criar um bloco de pessoas negras e para pessoas negras, no qual as estéticas e narrativas africanas seriam reverenciadas. Essa atitude provocou uma revolução no Carnaval e na forma com que os corpos negros passaram a ocupar a cidade. Ainda hoje, todo ano o Ilê Aiyê segue homenageando países e personalidades do continente africano e da diáspora negra. Além de uma preocupação estética voltada para o Carnaval, o Ilê Aiyê iniciou a promoção de ações pedagógicas direcionadas para crianças, jovens e adultos, visando promover o acesso a uma educação mais inclusiva e antirracista.

Alguns anos após a sua fundação, o Ilê Aiyê criou a Noite da Beleza Negra, cujo objetivo principal é valorizar a beleza e as habilidades de dança e de interpretação das mulheres negras. Muitas mulheres se preparam o ano inteiro para a noite em que serão homenageadas, e contam com o apoio de outras pessoas que as ajudam na confecção de suas roupas, no preparo das coreografias e em tudo o que precisam para o momento de suas apresentações. Os cabelos crespos e cacheados tornam-se coroas, tranças exibem búzios e palhas da costa, elementos presentes nas religiões de matrizes africanas no Brasil e que também remetem a realidades

africanas. Essas mulheres que serão lembradas como deusas do ébano não são premiadas por terem os corpos mais magros, os cabelos mais lisos, e nem são obrigadas a se encaixarem em padrões de beleza. Na Noite da Beleza Negra, elas dançam e, ao dançarem, saúdam todas as mulheres, em suas mais variadas formas, que diariamente são silenciadas, violentadas e diminuídas no nosso país.

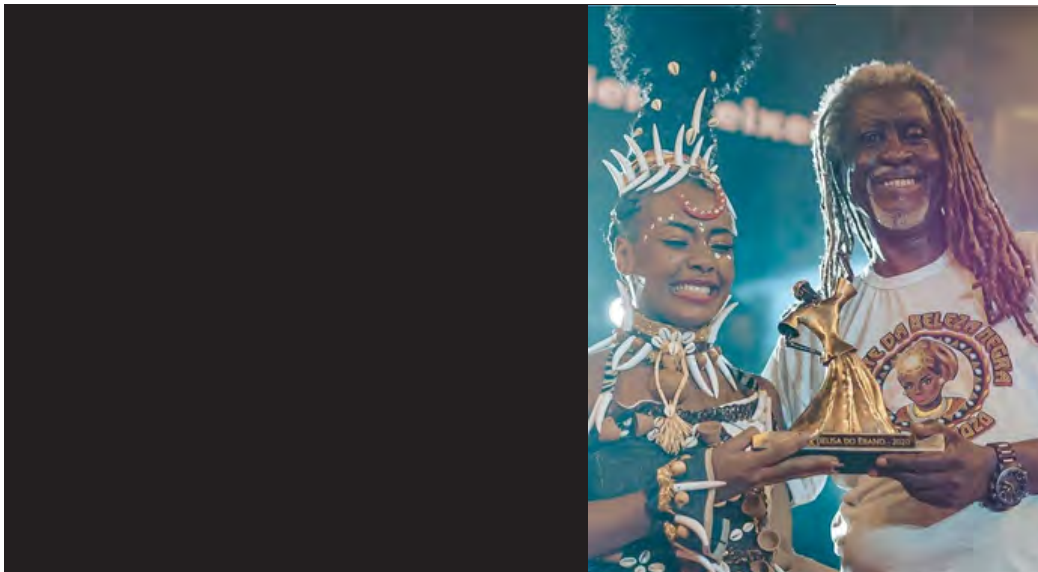


Foto 14 - Noite da Beleza Negra, de André Frutuoso. Reprodução Instagram @blocoileaiye. Disponível em: <https://instagram.com/blocoileaiye?igshid=YmMyMTA2MzY=>



Foto 15 - Noite da Beleza Negra, de André Frutuoso. Reprodução Instagram @blocoileaiye. Disponível em <https://instagram.com/blocoileaiye?igshid=YmMyMTA2MzY=>

Atividade

Toda a turma agora se imagina na sede do Ilê Aiyê, na rua do Curuzu, bairro da Liberdade, em Salvador. Vocês, neste instante, fazem parte do coletivo e estarão juntas e juntos para realizar o desfile da Noite da Beleza Negra. As alunas negras serão as deusas do ébano da atividade e as demais alunas e alunos, responsáveis por ajudá-las na confecção de seus figurinos e coreografia. Um grupo também estará responsável pela decoração do espaço onde o desfile acontecerá. Dois alunos serão os anfitriões da noite e anunciarão a entrada das deusas do ébano e as apresentarão para os demais. Elas serão apresentadas por seus interesses, habilidades e outras características que julguem importantes e que não se reduzam a aspectos físicos.

Nas plataformas digitais é possível ter acesso a gravações de Noites da Beleza Negra para servirem de inspiração e a discos do Ilê Aiyê para usar como fundo musical das apresentações.

PAPO DE EDUCADORAS E EDUCADORES

Pode ocorrer de que na turma haja uma baixa representatividade de estudantes negras para desfilar como as deusas do ébano. Em vista da trajetória do Ilê Aiyê e do objetivo da Noite da Beleza Negra de colocar em evidência a beleza e as habilidades de dança e de interpretação de mulheres negras, nossa sugestão é de que, no caso de haver poucas ou nenhuma estudante negra no grupo, esta questão seja discutida pelo grupo antes de qualquer definição outra para a realização da atividade.

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL - TRISTE, LOUCA OU MÁ

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser organizada interdisciplinarmente com as disciplinas de artes e informática, como meio de ampliar os subsídios para a produção audiovisual sugerida.

Assista ao videoclipe de “Triste Louca ou má”, segundo single de SOLTASBRUXA, primeiro álbum oficial de “Francisco, el Hombre”. Gravado em La Habana, Cuba. Francisco, el Hombre - Triste, Louca ou Má (OFICIAL).

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>

Atividade

Este é um trabalho necessariamente coletivo e colaborativo. A partir das reflexões feitas até o momento, organizem-se em grupos para realizar uma produção de vídeo. Os vídeos deverão ser curtos e apresentar corpos que questionam o padrão de beleza. Ao final, sugerimos a realização de um festival de vídeos, que pode ser entremeadado de debates e reflexões.

BIBLIOTECA

Que tal explorar outros livros que trazem outros saberes e outros entendimentos sobre os nossos corpos? Seguem abaixo algumas indicações:

Amoras, de Emicida. Ilustrado por Aldo Fabrini. São Paulo: Editora Companhia das Letrinhas, 2018.

As mulheres Abayomi, de Adilson Passos. Lauro de Freitas -BA: Editora Solisluna, 2018.

Aziza - a preciosa contadora de sonhos, de Cássia Valle e Luciana Palmeira. Ilustrações de Edson de Souza. Editora Malê, 2022.

De onde você veio, Odé?, de Niní Kemba Náyò. Ilustrado por Edson de Souza. Salvador: Liteafro infantil, 2021.

Extraordinário, de R. J. Palacio. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2013.

Meu crespo é de rainha, de bell hooks. Ilustrado por Chris Raschka. São Paulo: Editora Boitatá, 2018.

O Cabelo de Lelê, de Valéria Belém. Ilustrado por Adriana Mendonça. São Paulo: Editora IBEP, 2007.

Pretinha de Ébano vai à África, de Kalypsa Britto. Ilustrado por Pakapym.laçu, BA, 2021.

Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz, de Cristiane Sobral. Brasília: Edição do Autor, 2014.

Um amor de cabelo, de Mathew A. Cherry. Ilustrado por Vashti Harrison. São Paulo: Editora Galera, 2020.

SESSÃO DE CINEMA

Aqui estão algumas sugestões de filmes que podem ser explorados em sala de aula a partir das discussões que realizamos até aqui.

Como estrelas na terra. Direção: Aamir Khan. Roteiro: Amole Gupte. Índia, 2007 (165 min)

Felicidade por um fio. Direção: Haifaa Al Mansour. Roteiro Adam Brooks. EUA: Netflix; Marc Platt Productions; Badabing Pictures, 2018 (98 min)

Fitas. Direção: Erica Milsom. Roteiro: Adam Burke; Matthias De Clercq; Erica Milsom. EUA: Pixar Animation Studios, 2020

Float. Direção e roteiro: Bobby Rubio. EUA: Pixar Animation Studios, 2019

Intocáveis. Direção: Olivier Nakache; Éric Toledano. França: Quad production; Ten Films; Chaocorp; Gaumont; TF1 Films Production, 2011 (112 min)

Hoje eu quero voltar sozinho. Direção e roteiro: Daniel Ribeiro. Brasil: Lacuna Filmes, 2014 (96 min)

Pequena Miss Sunshine. Direção: Jonathan Dayton e Valerie Faries.
Roteiro: Michael Arndt. EUA: Fox Searchlight Pictures; Big Beach Films;
Bona Fide Productions, 2006

Um amor de cabelo. Direção: Matthew A. Cherry, Everett Downing
Jr., Bruce W. Smith. Sony Pictures Animation, 2019



3 COMUNIDADE

COMEÇANDO A CONVERSA

Comunidade diz respeito não somente a um espaço físico, mas ainda às pessoas que habitam um lugar e aos saberes e entendimentos que existem a partir destas pessoas neste local. Assim, pensar sobre comunidade passa por olhar para o ambiente físico, para as gentes e também para os pensamentos que são construídos e que constroem o viver neste local e entre estas pessoas.

A que comunidade você pertence e como essa comunidade reverbera em quem você é? Como é o lugar, o espaço e como ele se relaciona com outros lugares e espaços? Quem são as pessoas e como elas se relacionam entre si e com o lugar? Quais são os conhecimentos e pensamentos que representam estas pessoas e este espaço, e como se relacionam com saberes e entendimentos de/em outras comunidades?

LEITURA, REFLEXÃO E CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS - QUARTO DE DESPEJO

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser feita em articulação com as áreas de matemática, artes, sociologia e arquitetura, explorando como aspectos da sociedade se materializam nos espaços físicos.

Abaixo você poderá ler trechos do livro “Quarto de despejo”, da escritora Carolina Maria de Jesus. O livro foi sucesso de vendas em seu lançamento e despertou curiosidades diversas em muitas pessoas. Enquanto lê, anote quais sensações a escrita da autora desperta em você e compartilhe quais aspectos mais imediatos você acredita que podem ter despertado o interesse do público.

15 DE JULHO DE 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.

Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doia-me. Comecei tossir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O ônibus atirou um garoto na calçada e a turba afluiu-se. Ele estava no núcleo. Dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa.

Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoraí e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: — Vai buscar agua mamãe!

15 DE MAIO DE 1958

Tem noite que eles improvisam uma batucada e não deixa ninguém dormir. Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz:

—Os políticos protegem os favelados.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitoraes. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Camara dos Deputados não criou um progeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.

...Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

19 DE MAIO DE 1958

Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer.

...O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na

gaiola de ouro que é o Catete[11]. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome.

...Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro:

—Olha o pão doce, que está na hora do café!

Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer. Todas as famílias que residem na favela tem filhos. Aqui residia uma espanhola Dona Maria Puerta. Ela comprou um terreno e começou economisar para fazer a casa. Quando terminou a construção da casa os filhos estavam fracos do pulmão. E são oito crianças.

... Havia pessoas que nos visitava e dizia:

— Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo.

... Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa.

... Lavei o assoalho porque estou esperando a visita de um futuro deputado e ele quer que eu faça uns discursos para ele. Ele disse que pretende conhecer a favela, que se for eleito há de abolir as favelas.

... Contemplava extasiada o céu cor de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar posou nos arvoredos que existe no inicio da rua Pedro Vicente. As folhas movia-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha Patria. (...) Toquei o carrinho e fui buscar mais papéis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: "Ri criança. A vida é bela". Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a epoca esta apropriada para dizer:

“Chora criança. A vida é amarga”.

(...)

... Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros. Muitos catam sapatos no lixo para calçar. Mas os sapatos já estão fracos e aturam só 6 dias. Antigamente, isto é de 1950 até 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas. 1957, 1958, a vida foi ficando causticante. Já não sobra dinheiro para eles comprar pinga. As batucadas foram cortando-se até extinguir-se. Outro dia eu encontrei um soldado. Perguntou-me:

— Você ainda mora na favela?

— Porque?

— Porque vocês deixaram a Radio Patrulha em paz.

— É o dinheiro que não sobra para a aguardente.

... Deitei o João e a Vera e fui procurar o José Carlos. Telefonei para a Central. Nem sempre o telefone resolve as coisas. Tomei o bonde e fui. Eu não sentia frio. Parece que o meu sangue estava a 40 graus. Fui falar com a Polícia Feminina que me deu a notícia do José Carlos que estava lá na rua Asdrubal Nascimento. Que alívio! Só quem é mãe é que pode avaliar. (...)

Cheguei na rua Asdrubal Nascimento, o guarda mandou-me esperar. Eu contemplava as crianças. Umas choravam, outras estavam revoltadas com a interferência da Lei que não lhes permite agir a sua vontade. O José Carlos estava chorando. Quando ouviu a minha voz ficou alegre. Percebi o seu contentamento. Olhou-me. E foi o olhar mais terno que eu já recebi até hoje.

... As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

O texto de Carolina Maria de Jesus pode chamar a atenção por sua linguagem, que se difere daquela que geralmente encontramos em textos escritos. Mais adiante, refletiremos mais detidamente sobre variação linguística e podem ser retomadas algumas impressões a respeito deste texto da autora.



Foto 16 - Carolina Maria de Jesus assinando seu livro Quarto de Despejo em 1960. Arquivo Nacional. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/37020960316>

AUTORAS E AUTORES

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora, compositora e poetisa. Uma das autoras mais importantes da literatura brasileira, conhecida por sua escrita memorialista. Seu livro mais conhecido, “Quarto de Despejo: O diário de uma favelada” (1960), teve a tiragem inicial de dez mil exemplares esgotada em apenas uma semana e já foi traduzido para mais de treze idiomas desde o seu lançamento. A obra descreve as vivências da autora no período de 1955 a 1960, enquanto catadora de papel e moradora da favela do Canindé, em São Paulo.

Autodidata, Carolina Maria de Jesus começou a escrever ainda criança, apesar de ter frequentado a escola por apenas 2 anos. Em 2021, em uma homenagem póstuma, a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ reconheceu a autora como Doutora *Honoris Causa*.

Atividade

1. Ao nomear o livro como “Quarto de despejo” para relatar a sua experiência enquanto moradora da Favela do Canindé, a autora faz uma referência metafórica entre os dois espaços distintos. Na sua opinião, por que a autora compara o Canindé a um quarto de despejo?

2. Além da favela do Canindé ser descrita como um cômodo de uma casa, outros espaços da cidade também são classificados em referência a ambientes diferentes dessa mesma construção, como é possível perceber no seguinte trecho: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”. A partir da descrição de Carolina Maria de Jesus, desenhe esta casa que ela classifica como São Paulo.

2. Agora que você percebeu como Carolina descreve e, assim, “desenha” sua cidade, perceba como é a sua própria cidade. Caso você esteja no Distrito Federal, procure considerar todo o espaço do DF. Quais são seus espaços mais conhecidos e menos conhecidos? Quais são seus espaços mais privilegiados e menos privilegiados? Qual é o seu lugar na cidade?

3. Imagine que a sua cidade é como uma casa. Desenhe sua cidade como você a percebe a partir desta reflexão. Compartilhe seu desenho com os colegas. Como vocês percebem os espaços da cidade? Quais são as semelhanças e diferenças em suas impressões? Quais são os lugares que vocês habitam nesta cidade/casa?

4. Vamos olhar agora para nossa própria casa e fazer o seu levantamento. Para esta atividade, você precisará de uma folha de papel branco A4 e outras duas folhas de papel manteiga. Siga os seguintes passos:

- Na folha branca, faça o desenho da planta baixa da sua residência, levando em consideração a proporção de cada cômodo.
- Utilize o primeiro desenho como matriz e base para os próximos que virão, copiando em cada folha de papel manteiga colocada por cima dele o desenho da planta e o nome dos respectivos cômodos.
- Em cada folha de papel manteiga, crie uma das legendas abaixo:

LEGENDA 1: para o aspecto FUNCIONALIDADE, com uma cor para cada uma das seguintes atividades:

COR 1 – Locais de dormir;

COR 2 – Locais de lazer (estudo, conversa, esporte etc.);

COR 3 – Locais de higiene pessoal;

COR 4 – Locais de cerimonial (receber visitas, lugar de culto etc.);

COR 5 – Locais de limpeza (lavar roupa, lavar utensílios);

COR 6 – Locais de preparação e consumo de alimentos;

COR 7 – Locais de armazenamento;

LEGENDA 2: para o aspecto USO/OCUPAÇÃO DE GÊNERO, indicando com um símbolo (tracinho, pontinhos, ou outros de sua preferência como: laço, bigode, bola, estrela, etc) os locais de uso ocupados por pessoas do sexo masculino ou feminino, ou de ambos. A densidade do símbolo indicará a intensidade de utilização.

Após os desenhos e aplicação das legendas, sobreponha as folhas de papel manteiga à de papel branco e reflita: Quais partes da sua casa são mais frequentadas por pessoas de cada sexo? Quando sobrepomos o aspecto da funcionalidade dos cômodos e a ocupação da casa, essa ocupação transparece alguma desigualdade? O que isso pode representar em relação à divisão de tarefas da sua casa? Você acha que dentro de nossa casa existem relações de poder diversas?

LEITURA, PESQUISA E PRODUÇÃO ESCRITA - ECOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS, COISAS DE PRETO E PROGRAMAS DE ÍNDIO

A literatura de Carolina Maria de Jesus alçou muitos voos, cruzou o oceano e encontrou leitoras e leitores nas mais diversas partes do mundo. Uma delas foi Françoise Ega. Nascida em 11 de novembro de 1920, em Morne-Rouge, em Martinica, e falecida em 7 de março de 1976, em Marselha, na França. Ega cresceu em um meio muito humilde. Mãe de seis crianças, passou a trabalhar como faxineira para sustentar a família. E, no trajeto para o trabalho, costumava ler a revista “Paris Match”. Em uma dessas leituras, deparou-se com um texto sobre Carolina e seu diário. A partir daí, Ega passou a escrever cartas para a escritora brasileira entre 1962 e 1964, as quais nunca foram enviadas, mas ganharam a forma de um livro – “Cartas a uma negra”, publicado em 2020. As cartas de Françoise Ega, em diálogo intenso com a escritora brasileira, falam das agruras do racismo, das desigualdades sociais que, guardadas as devidas proporções, se assemelham ao redor do planeta.

Leia abaixo a primeira carta de Françoise Ega dirigida a Carolina.

Maio de 1962

Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs. Todos leem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço, e tanto é assim que as outras pessoas, por mais indiferentes que sejam, ficam impressionadas com as suas palavras. Faz uma semana que comecei estas linhas, meus filhos se agitam tanto que não tenho muito tempo para deixar no papel o turbilhão de pensamentos que passa pela minha cabeça. Estou indignada. Uma jovem da minha terra me contou coisas sobre a sua vida na casa onde trabalha que jurei verificar. Ganho um dinheiro e já posso fazer um balanço: sou faxineira há cinco dias, meus empregadores estão incomodados porque claramente não sou uma recém-chegada; falo de Champs-Élysées, Touraine ou da igreja

Notre-Dame de la Garde com muita naturalidade. Eles não podem, sem mais nem menos, me chamar de Marie ou Julie. Aliás, nem estão preocupados com isso: não me chamam de nome nenhum.

Quinze dias se passaram e ninguém me perguntou como eu me chamava nem pediu a minha carteira de identidade, é incrível!

Dois jovens moram lá, a mais velha está cursando as aulas preparatórias para as grandes écoles de exatas, a outra estuda para o baccalauréat. [2] A mais velha me ignora — está entupida de equações. Ela diz um preguiçoso “Bom dia, senhora”. Eu pergunto onde devo guardar seus sutiãs. Ela nem me responde.

A segunda diz do mesmo jeito “Bom dia”, “Boa noite”, “Até mais”, porém ganhou o meu respeito: no seu quarto, não havia bituca de cigarro, mas tirei de sua gaveta dez cabinhos de maçãs devidamente devoradas. Eu a vi revisar uma lição mordiscando com muita desenvoltura o talo da fruta; depois dessa imagem simpatizei com ela, apesar de sua arrogância de controladora. Há também um adorável garoto, de cabelos ruivos, simples e gentil. Entre nós dois, o papo é fácil. A patroa, cuja idade regula com a minha, entrincheirou-se atrás de uma fachada ridícula de dignidade e rigidez. Às vezes ela a esquece e vira uma pessoa sorridente; entretanto, isso dura pouco. Sou a empregada.

A patroa solta depressa um “Bom dia”. Eu, quando chego, digo: “O dia está lindo, né?”.

Já o patrão, eu o encontro ao chegar, quando ele está saindo para trabalhar na sua clínica para gente nervosa. Na verdade, foi ele que me contratou. Ele é muito alto. Por sinal, todos são altos naquela casa. Trata-se de alguém ponderado, de gestos calculados; tem olhos azuis tão cheios de bondade que não consigo imaginá-lo fazendo algo ruim. A senhora é versátil, eu acho, mas todas as mulheres são assim.

(EGA, Françoise. Cartas a uma negra: narrativa antilhana. São Paulo: Editora Todavía, 2020, p. 3-4).

AUTORAS E AUTORES

Françoise Ega nasceu na Martinica, região pertencente à França, no ano de 1920, e trabalhou como empregada doméstica para sustentar a sua família. Tornou-se escritora e ativista social em defesa das causas dos imigrantes caribenhos na França. Lançou apenas um livro em vida, “Le Temps des Madras: récit de la Martinique”, no ano de 1966, e teve duas outras publicações póstumas. No Brasil, até o momento, apenas “Cartas a uma negra” foi traduzido e publicado.



Foto 17 - Françoise Ega. Fonte: Editora Todavia. Disponível em: <https://todavialivros.com.br/autores/francoise-ega>

Atividade

Você sabia que o sucesso estrondoso de “Quarto de despejo” fez com que duvidassem de que o livro havia sido realmente escrito por Carolina Maria de Jesus? Na época, suspeitava-se de que o livro fosse de autoria de um jornalista que supostamente queria aplicar um golpe midiático para alavancar as vendas. Essa lamentável confusão exemplifica como o racismo age na produção de imaginários que beneficiam pessoas brancas em detrimento de pessoas negras. Apesar da grandeza de sua obra, Carolina Maria de Jesus foi e é exotizada enquanto escritora. É comum a referência a suas marcas identitárias na justificativa da sua leitura. Expressões como “negra”, “pobre”, “favelada”, “com apenas dois anos de escolaridade”, “catadora de papel” são traços marcantes, comumente utilizados para apresentá-la, ao invés de ser apresentada apenas como escritora. O que acontece com Carolina Maria de Jesus, infelizmente, é o que acontece com mulheres negras em geral. Como podemos perceber, a língua e as escolhas discursivas que fazemos estão inseridas em jogos de poder. Desta forma, algumas expressões utilizadas em determinados contextos trazem consigo uma carga muitas vezes negativa que reflete como a sociedade trata determinados indivíduos.

Por exemplo, a expressão “é coisa de preto” normalmente é usada de forma pejorativa, diminuindo pessoas negras e reforçando uma série de violências ligadas a uma crença falsa de que pessoas negras são menos habilidosas ou cuidadosas em suas atividades. Da mesma forma, a expressão “programa de índio” é utilizada de forma preconceituosa para discriminar pessoas indígenas. Por outro lado, ao assumirmos o aspecto social da língua, podemos passar a percebê-la como mutável, passível de transformações e de superação de práticas prejudiciais e discriminatórias. Assim como acreditamos que podemos evoluir em nossas práticas, também o podemos fazer em relação ao uso da língua.

Com isso em mente, propomos a seguinte atividade, a fim de subverter o uso pejorativo das expressões “é coisa de preto” e “é programa de índio”:

1. Em duplas, escolham uma personalidade afro-brasileira e uma indígena e façam uma pesquisa sobre suas contribuições para a nossa sociedade. Lembrem-se de procurar levantar os feitos intelectuais, políticos, artísticos e sociais dessas pessoas o máximo que puderem.
2. Produzam um cartaz para cada personalidade com o nome e a foto da pessoa em local de destaque, e, como subtítulo, embaixo da foto, escreva: “é coisa de preto (preta)...”, no cartaz sobre a personalidade negra; e “é programa de índio”, no cartaz sobre a personalidade indígena.
3. Em seguida, escreva um parágrafo de até 10 linhas contendo os feitos memoráveis de cada uma dessas pessoas.
4. Após a confecção dos materiais, os cartazes serão apresentados para toda a turma em forma de seminário. Discutam quais dessas personalidades e histórias sobre elas eram de conhecimento das alunas e alunos.
5. Por fim, os cartazes deverão compor um grande mural a ser exposto, de preferência, em um espaço de trânsito e destaque para a comunidade escolar.

Veja o exemplo abaixo:

Nome como título

Abdias do Nascimento

foto

verbos no infinitivo

frase motivadora

É coisa de preto...

ser artista plástico, escritor, teatrólogo, ator e militante antirracista. Ser fundador do Teatro Experimental do Negro, do Museu de Arte Negra e do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro). Ser o primeiro deputado federal a dedicar seu mandato à luta contra o racismo e ser senador da República.

Imagem 18 - Exemplo de cartaz "É coisa de preto". Foto: Paulo Moreira para Agência O Globo. Disponível em: www.blogs.oglobo.globo.com

A seguir, sugerimos algumas personalidades de destaque para sua pesquisa. Fiquem à vontade para incluir nomes que não foram citados. É importante que as duplas tomem cuidado para não repetir os nomes:

Personalidades afro-brasileiras	Personalidades indígenas
Lélia Gonzalez	Eliane Potiguara
Beatriz Nascimento	Cristine Takuá
Sueli Carneiro	Kaká Werá
Djamila Ribeiro	Naine Terena
Neusa Santos Souza	Carlos Papá
Machado de Assis	Sônia Guajajara
Tia Ciata	Sandra Benites
Raul Bopp	Glicéria Tupinambá
Milton Santos	Cacique Babau
Glória Maria	Sueli Maxakali
Laudelina de Campos Mello	Julie Dorrico
Ruth de Souza	Daniel Munduruku
D. Ivone Lara	Txai Suruí
Emanoel Araújo	Almir Suruí
Mãe Stella de Oxossi	Graciela Guarani
Guerreiro Ramos	Denilson Baniwa
Luiz Gama	Jaidier Esbell
Francisco José do Nascimento	Maria Pankararu

A Plataforma Ancestralidades também oferece um ótimo acervo para consulta de biografias e trajetórias: <https://www.ancestralidades.org.br/biografias-e-trajetorias>

LEITURA, REFLEXÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS - PERIFERIAS E CENTROS

A literatura ao longo dos séculos foi importante veículo de questionamento e de transgressão das normas, do status, das verdades. Os poemas de Meimei Bastos a seguir podem causar algum estranhamento já a partir de seu título e dão seguimento a essa sensação ao relacionar-se com as realidades periféricas e seus atritos com a noção de centro. Leia-os procurando perceber como estão relacionados um com o outro.

QUEBRAD I	QUEBRAD II
<p>Meimei Bastos</p> <p>de um lado, dia, do outro, ainda noite. quem levanta de madrugada pra enfrentar o corre do mundo tem, às vezes, dessas alegrias de ver o céu manchado de um laranja preguiça.</p> <p>desses fenômenos que só acontecem [aqui.</p> <p>é que a minha quebrada fica no ponto exato da terra onde dá de ver o céu mais bonito.</p>	<p>Meimei Bastos</p> <p>na minha quebrada além de peita e broca barata tem uma hora do dia (aquela em que o sol começa a se pôr aqui pra nascer em outras quebradas) que os paralelepípedos de concreto e areia refletem a luz absorvida de todo dia. somando com a do poste que no automático acende ainda no claro (deve tá aí a minha birra com essas paradas programadas, que só fazem o que têm de fazer na hora que mandam, sem nem pensar em uma outra lógica menos lógica que a do relógio, que na hora errada manda eles acender. vai entender!), daí, até virar breu mesmo é miliano.</p> <p>aqui, no cumprimentar nós olha nos ói, dá bom dia pra tia, pro menor na quina, pra mina da padaria, pro tio do verdurão. não tem bisu errado, não tem de querer ser, pois nós já é.</p>

BASTOS, Meimei. Um verso e mei. Rio de Janeiro: Malê Edições, 2017, p. 11; 19.



Foto 18 - Meimei Bastos, por Bento Viana para a Revista Traços nº 43, outubro de 2020. (Associação Traços de Comunicação e Cultura, Brasília-DF)

AUTORAS E AUTORES

Meimei Camila Silveira Alves **Bastos** nasceu em 1991, na cidade de Ceilândia, no Distrito Federal, é escritora, arte-educadora e atriz. Atua no cenário cultural do DF em movimentos sociais, saraus, cineclubes, que versam sobre

as temáticas negra e periférica. Tem poemas publicados em antologias e nas redes sociais. “Um verso e mei” é o seu primeiro livro, publicado em 2017, pela Editora Malê.

Atividade - Sobre os poemas

1. O que o título pode revelar sobre os poemas?
2. Você consegue visualizar o lugar que os poemas descrevem? Como ele é? Quais são suas características?
3. Segundo o eu lírico, o que torna este lugar diferente de todos os outros?

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

A voz que fala no poema é chamada de eu lírico. É o eu lírico que se expressa falando dos sentimentos, das alegrias, das dores, das memórias etc. No poema, o eu lírico apresenta o seu estado de alma e, assim, nós também passamos a pensar de forma diferente no nosso próprio mundo interior. O eu lírico é uma entidade ficcional criada pelo/a autor/a

Em outras palavras, o/a autor/a é a pessoa que escreve a obra. O eu lírico é uma construção discursiva do/a autor/a que se manifesta dentro do texto.

4. Embora o texto se assemelhe à língua falada, existe uma sonoridade que é característica do gênero poético. Você percebe esta sonoridade? Onde ela está?

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

O poema, ainda que não possua métrica regular, ou rimas demarcadas, possui a musicalidade como um traço característico fundamental. Paralelismos, aliterações, assonâncias, repetições, refrões, entre outros, são exemplos de recursos de sonoridade e de formas de explorar esteticamente o lirismo originário do gênero. O poema é pertencente ao que se pode chamar de gênero lírico, remontando aos séculos passados, em que o texto era complementado por instrumentos musicais, como o alaúde, a harpa, a lira. Com o passar do tempo, o poema tornou-se autônomo em relação à canção, mas manteve a musicalidade a partir dos seus recursos estéticos e sonoros.

5. Em que medida as imagens apresentadas nos poemas se assemelham ao seu lugar, à sua comunidade?

6. Textos de outros gêneros também podem evocar imagens como as construídas na poesia. Leia o trecho abaixo do “Guia afetivo da periferia” e procure perceber como as imagens que ele “desenha” recordam as imagens construídas por Meimei Bastos.

Na laje do Cezarão, o pôr do sol vem cor de ouro avermelhado ao longe e acompanhado de sons de crianças brincando e de bife na frigideira. É o melhor pôr do sol da cidade do Rio de Janeiro. É tragante a ponto de você não conseguir nem aplaudir. As mais de cinco mil casas do conjunto começam uma a uma a acender suas lâmpadas. O ponto de ônibus recebe de volta aqueles que foram atrás de sustento. Outras crianças amarram linha em pedaços de meia, galhos de árvores e notas de dinheiro, puxando e assustando quem passa perto.

Guia afetivo da periferia. (FAUSTINI, 2009, p. 51).

7. Considerando as leituras feitas até o momento, pense sobre o seu lugar. Como ele é? Como são os detalhes? Quem também habita este espaço? O que no seu lugar evoca afeto para você? Escreva então um parágrafo afetivo do seu espaço no mundo.

PARA REVISAR O TEXTO:

Antes de entregar o seu texto, faça a seguinte checagem:

- A minha letra está legível.
- O texto está visualmente organizado.
- Eu percebo uma relação lógica entre as frases.
- Eu li em voz alta o texto para mim mesmo.
- O parágrafo descreve aspectos do meu espaço no mundo.
- O parágrafo mostra como tenho afeto por este lugar.

Atividade - Pensando em variação linguística a partir dos poemas Quebrad I e Quebrad II

Uma das principais características das línguas é a sua variabilidade.

Sim! As línguas variam... e variam muito! Elas se modificam, se transformam, ganham novas palavras, novos jeitos de falar uma mesma coisa, mudam de região para região etc.

Basta observar a realidade ao nosso redor. Uma pessoa do Rio Grande do Sul tem um jeito muito característico de falar. Em geral, é fácil de notar. Afinal, não é apenas o sotaque, ou seja, o modo como ela fala, mas também existem palavras e expressões que são típicas de sua região. O mesmo acontece com um falante da Bahia ou do Pará, por exemplo.

Também é possível notar que as pessoas mais jovens não falam exatamente do mesmo modo que seus avós. E nós todos, de hoje em dia, falamos bem diferente de como se falava em nosso país nos séculos XVI, XVII, XVIII, por exemplo.

Quer um exemplo? Veja o início da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel de Portugal, escrita no ano de 1500, quando os portugueses aportaram no Brasil:

Senhor,

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer.

Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf

Diferente, não é!? Isso acontece porque a língua também varia conforme o tempo vai passando. Existem palavras que nem se usam mais e outras novinhas em folha, que nasceram das nossas necessidades de nos comunicar.

Agora, pense um pouco e responda: Em uma entrevista de emprego você fala da mesma maneira como conversa com seus amigos em uma confraternização?

Vamos entender um pouco mais sobre isso... Leia o trecho abaixo e responda às questões que se seguem:

A variação é inerente às línguas, porque as sociedades são divididas em grupos: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam numa região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma ou outra classe social e assim por diante. [...] Quando alguém começa a falar, sabemos se é de São Paulo, gaúcho, carioca ou português.

José Luiz Fiorin, 2002, p. 27.

1. Em primeiro lugar, releia a frase: “A variação é inerente às línguas”. Qual o significado da palavra “inerente”?

a) Pesquise no dicionário (ou na internet) o significado dessa palavra.

b) Reescreva a frase utilizando um sinônimo da palavra “inerente”.

2. Agora, releia o trecho inteiro com um pouco mais de calma. O autor afirma que a língua varia por diversos motivos e cita alguns deles. Agora, responda as questões abaixo:

a) Você concorda que os mais jovens e os mais velhos falam de forma diferente? Você consegue pensar em algum exemplo para justificar a sua resposta?

b) Um sujeito que mora na zona rural e um outro que mora no centro urbano, em geral, falam da mesma maneira?

c) Como é possível saber se o falante é mineiro, gaúcho ou baiano? Explique que marcas da fala de cada um poderia ajudar a identificar a sua região.

PAPO DE EDUCADORAS E EDUCADORES

Que tal aproveitar esta discussão sobre variação linguística e também explorar questões relativas a preconceito linguístico? Um material que pode ser utilizado como apoio é o livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?*, de Marcos Bagno (São Paulo: Edições Loyola, 1999).

3. Releia os poemas Quebrad I e Quebrad II. Meimei Bastos usa termos que estão na boca das pessoas, mas não nos dicionários. Liste-as.

4. Você conhece estas palavras? São as mesmas que você e as pessoas da sua comunidade usam? Há outras palavras que vocês utilizam que não estão nos poemas de Meimei Bastos? Quais? Onde elas são mais utilizadas? Por quem elas são mais utilizadas?

5. Em pequenos grupos, reúnam as palavras mais significativas para vocês e organizem um dicionário com elas. Ele não precisa

seguir inteiramente a estrutura de dicionários, vocês podem utilizar imagens, desenhos, músicas como exemplos.

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

Você conhece o ABC do DF?

<https://www.metropoles.com/materias-especiais/abc-do-df-conheca-as-gurias-mais-faladas-em-brasilia>

REFLEXÃO, DISCUSSÃO E ARGUMENTAÇÃO - MOBILIDADE URBANA

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser trabalhada juntamente com as áreas sociologia e geografia e urbanismo, de maneira a ampliar entendimentos sobre a questão da mobilidade urbana.

A palestra “Pare de procurar vagas para estacionar”, de Renata Florentino, aborda um dos principais desafios da contemporaneidade – a mobilidade urbana. Nela, a autora apresenta o problema, defende um ponto de vista, apresenta argumentos e contra-argumentos, faz uso de dados estatísticos, propõe reflexões e caminhos possíveis para solucionar o problema.

Assista à TED Talk “Pare de Procurar Vaga Para Estacionar!”, sobre mobilidade urbana, com Renata Florentino.

<https://www.youtube.com/watch?v=q3NIZwOyWQE>

TED Ideas worth spreading



Foto 19 - Renata Florentino. Arquivo da autora

AUTORAS E AUTORES

Renata Florentino de Faria Santos é Doutora em Ciências Sociais na Unicamp, tendo pesquisado “mobilidade e megaeventos”. Ela é mestra em Sociologia pela UnB. Já atuou como Secretária Institucional da ONG Rodas da Paz, pesquisadora do Observatório das Metrôpoles e coordenadora do GT Mobilidade Urbana do Movimento Nossa Brasília. Renata também organiza intervenções urbanas para o Dia Mundial Sem Carro desde 2008.

As questões abaixo têm como objetivo mapear as principais informações apresentadas pela autora. Para responder, reveja o vídeo e discuta com os seus colegas.

1. Qual o problema central que será debatido pela autora?
2. Ao longo de sua fala, a autora apresenta uma série de “mitos” que devem ser questionados em torno da mobilidade urbana. Que mitos são esses?
3. Quais as principais consequências dos problemas relativos à mobilidade urbana que afetam a qualidade de vida das pessoas?
4. Em determinado momento, a autora faz uso de dados estatísticos. Quais são esses dados? Tente identificar a fonte de onde a autora retira esses dados. Qual a importância de utilizar dados estatísticos na defesa de um argumento?
5. A autora aponta algumas possibilidades de solução ou intervenções que podem transformar a realidade apresentada.

Quais são essas possibilidades? Que propostas de solução são apresentadas?

6. De modo geral, qual a ideia principal que a autora defende em relação ao problema da mobilidade urbana?

Diante disso, para organizar melhor as informações, produza um quadro, um esquema ou um mapa mental em que você possa visualizar as ideias apresentadas ao longo da palestra. Veja o modelo abaixo:

Qual o problema central apresentado no texto?	O que a autora defende?	Quais são os argumentos que a autora utiliza para defender os seus argumentos?	Quais são as possibilidades de solução? Quais os caminhos que devem ser trilhados?

A palestra de Renata Florentino é um exemplo de um texto dissertativo-argumentativo oral. Dissertativo porque expõe com clareza um determinado assunto. Argumentativo porque defende um ponto de vista (a tese). Para defender esse ponto de vista, a autora faz uso de argumentos, que são as ideias, as informações, os dados, as relações que sustentam essa tese. Em geral, os textos dissertativos-argumentativos discutem questões sociais da atualidade e fazem uso de uma linguagem mais formal, isto é, da norma padrão.

Após (re)ver o vídeo, organizar as informações, escreva você mesmo um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: Mobilidade urbana – desafios e perspectivas. Você poderá utilizar a mesma estrutura da palestra, as mesmas informações e argumentos. Mas também poderá pesquisar outras fontes, buscar novas informações, apresentar novos argumentos.

Para desenvolver a sua produção de texto, tente escrever baseado na estrutura a seguir:

1º parágrafo – Introdução:

Para introduzir o texto, pense nas seguintes questões: Qual o problema a ser discutido? Por que é importante discutir o tema? Como esse problema afeta a vida da sociedade?

2º parágrafo – Argumentação:

Procure construir seus argumentos a partir de causas e consequências do problema.

3º parágrafo – Argumentação:

Pesquise dados estatísticos que possam dar sustentação à sua argumentação. Pode também propor relações com outros textos sobre o mesmo assunto.

4º parágrafo – Conclusão:

Em suas considerações finais, apresente propostas de intervenção. Pense em saídas possíveis diante das questões discutidas. Quais as possibilidades de resolução do problema?

IMPORTANTE:

Escrever é um exercício contínuo e processual. Portanto, é muito importante que você planeje o seu texto e faça um rascunho. Só depois escreva no espaço destinado.

PARA REVISAR O TEXTO:

Antes de entregar o seu texto, faça a seguinte checagem:

- A minha letra está legível.
- O texto está visualmente organizado.
- Os parágrafos têm tamanhos parecidos, isto é, estão proporcionais.
- Eu percebo uma relação lógica entre os parágrafos.
- Eu li em voz alta o texto para mim mesmo.

MÚSICA, REFLEXÃO E PRODUÇÃO VISUAL - PERIFERIA EM MAPA MENTAL

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser articulada com a área de música, trabalhando aspectos do rap enquanto expressão musical.

Brasília é nacional e internacionalmente conhecida pela região do Plano Piloto, que foi planejada como a nova capital do Brasil. No entanto, observamos que há muitas outras regiões que circundam o traçado do “avião”, compondo a periferia brasiliense e a paisagem do Distrito Federal como um todo. Neste rap, Gog coloca estas regiões ao redor em evidência.

Brasília Periferia

GOG

Mas Só Pra Te Lembrar

Periferia É Periferia Em Qualquer Lugar

É Só Observar:

Baú Sempre Lotado, Vida Dura

Cheia De Sonhos

Não Importa Seja No Varjão

Na Agrovila Ou Em Santo Antônio

Periferia Cresce Noite E Dia

Já Se Perdeu De Vista

Cidade Osfaya, Queiroz, Morro Santa Rita

Parque Nápoles, Beatriz, Vargem Bonita

Verdade Seja Dita:

Mão Ao Alto É Um Assalto

Ninguém É Recebido Assim

Na Vila Planalto, No Jardim Planalto

Não Conhecem, Não Frequentam Levantam Suspeita
Gente Nota 10, Ponte Alta, Saia Velha, Jardim Zuleika
E De Repente O Pessoal Do Sol Nascente
Nova Friburgo, Novo Oriente Surpreende
Com Ideias Inteligentes
Detalhe, Surpreende A Quem Nunca
Botou Nenhuma Fé Na Gente



Foto 20 - GOG, por
Marcos Caviccioli,
para a Revista Piauí.
Disponível em:
<https://piaui.folha.uol.com.br/>

AUTORAS E AUTORES

GOG, nome artístico de Genival Oliveira Gonçalves, é um rapper nascido em Sobradinho-DF. Referência do rap brasileiro, é um dos rappers mais premiados do hip-hop brasileiro. Começou a fazer sucesso nos anos 1990 e desde então já gravou mais de 10 álbuns. Tem sua própria gravadora e inclusive lançou novos grupos. É autor do livro “A rima denuncia” (2010).

1. GOG chama a atenção para a relação entre as periferias e os centros urbanos e, ao fazer isso, também indica vários espaços periféricos do Distrito Federal. Conjuntamente, reflitam:

a) Vocês conhecem as periferias mencionadas por GOG? Em caso negativo, que espaços periféricos vocês conhecem? Como são estes lugares?

b) Segundo o rap, quais são os mitos, crenças e preconceitos sobre a periferia? Você conhece outros?

c) Segundo o rap, quais são as surpresas que a periferia apresenta? Você percebe outras?

2. Vocês acreditam que é preciso mudar a imagem que as pessoas têm das periferias? Que coisas poderiam ser mostradas, colocadas em evidência? Construam um mapa mental com ideias, iniciativas, relações, espaços, inovações, belezas (específicas ou mais gerais) de diferentes regiões periféricas que vocês acreditam que são desconhecidas ou pouco conhecidas e merecem ter grande visibilidade.

Um mapa mental é um diagrama, uma sistematização visual de ideias. Por meio dele, os diferentes aspectos de uma questão são organizados de maneira que possamos compreender como se ligam e interligam, sendo ainda possível indicar, nas linhas que ligam cada item, o tipo de relação que se percebe. Há várias ferramentas disponíveis na internet que podem auxiliar na construção de um mapa mental. Em geral, parte-se de uma ideia central, que é colocada no centro do mapa, e a partir dela são criadas ramificações. No entanto, não há uma maneira certa ou única de fazer um mapa mental.



Imagem 19 - Exemplo de mapa mental
Infográfico vetor criado por freepik - br.freepik.com

Assim, sugere-se que a ideia central do seu mapa seja o nome da região periférica que vocês escolheram e que a partir daí vocês utilizem sua imaginação. Explore diferentes tipos de tracejados, diferentes cores, incluam imagens que vocês julguem pertinentes para registrar e apresentar os lugares, as iniciativas e inovações, as curiosidades e coisas belas deste espaço.

REFLEXÃO, LEITURA E DESCRIÇÃO - PERIFÉRIAS NÃO URBANAS

CONECTANDO SABERES

Esta atividade pode ser feita em articulação com as áreas de sociologia, geografia e história, enfatizando comunidades periféricas não urbanas, tais como remanescentes quilombolas, comunidades tradicionais, populações ribeirinhas e indígenas.

O termo periferia originalmente refere-se aos arredores de um determinado centro. Trata-se de um contorno, um perímetro em relação a este centro. Neste sentido, periferia e centro são definidos um em relação ao outro - e marcadamente em relação a processos histórico-sociais que reconhecem um espaço como centro e outro como periferia.

Na atualidade, a palavra periferia tem sido mais frequentemente utilizada como sinônimo de espaços urbanos afastados ou nos limites externos das cidades, caracterizados como regiões ocupadas por pessoas em situação de vulnerabilidade. Assim, o termo tem sido associado a bairros mais pobres, favelas, loteamentos clandestinos nas regiões urbanas. No entanto, é importante ressaltar que a noção de periferia é, fundamentalmente, uma indicação geográfica, não podendo ser considerada como determinante da condição de vida das pessoas, como um rótulo de desigualdade.

É importante considerarmos também que as periferias não são somente urbanas, mas também rurais, ribeirinhas, quilombolas,

assentamentos, entre outras. Se ampliarmos a noção de periferias, podemos percebê-las como espaços de constituição de comunidades que compartilham um espaço geográfico, mas, mais que isso, significa estar inserido ou não dentro de um sistema de poder em que há grupos privilegiados e outros desassistidos. Nesse sentido, todos os segmentos sociais que não são abraçados por políticas públicas e ações institucionais são periféricos, ou seja, são colocados à margem, à distância dos centros de poder. Muitas vezes, os bairros periféricos não foram constituídos pela vontade de seus habitantes em morar em um espaço distante dos centros de poder da cidade, mas foram distanciados desse centro por uma série de fatores excludentes.

Por outro lado, as periferias em toda sua diversidade estão muito além de espaços de vulnerabilidade socioeconômica, sendo também espaços de efervescência artística, cultural, histórica, gastronômica, entre outros. Enquanto o centro está fechado em si, em um engessamento de poucas formas de ser, as periferias apresentam-se enquanto espaços de expansão e de múltiplas possibilidades. Desta forma, políticas públicas que garantam a dignidade das pessoas que habitam zonas periféricas, com acesso a saúde, segurança e educação gratuitas e de qualidade, e o combate a quaisquer pensamentos discriminatórios que reduzam pessoas que moram em periferias devem ser asseguradas.

AUTORAS E AUTORES

Antônio Bispo dos Santos, conhecido também como **Nego Bispo**, é original de Francinópolis, no Piauí. É morador do Quilombo Saco-Curtume (PI), formado por mestras e mestres de ofícios, lavrador, ativista político e militante nos movimentos quilombola e de luta pela terra.

/n BISPO, Antônio. Colonização, quilombos: modos e significados. Brasília, 2015.



Foto 21 - Nego Bispo. Disponível em www.coletiva.org.br

Considerando a noção de periferias não urbanas, leia a seguir o poema de Nego Bispo, procurando perceber como ele se relaciona com estes espaços.

Fogo!...Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.
Fogo!... Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.

Fogo!... Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.
Fogo!... Queimaram Pau de Colher...
E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades
que os vão cansar se continuarem queimando

Porque mesmo que queimem a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade.

BISPO, Antônio. Colonização, quilombos: modos e significados.
Brasília, 2015. p. 45.

1. A respeito do poema de Nego Bispo, reflita:

a) Quais são os espaços periféricos que ele menciona? Onde estão localizados? Você conhece a história desses lugares? Você já ouviu falar de Palmares? Conhece a história de Canudos? E de Caldeirões e Pau de Colher?

b) O poema de Nego Bispo apresenta uma recursividade, indicando eventos que se repetem continuamente. A que se referem estes eventos? O fato de que seguem se repetindo pode indicar que realidades?

c) Quais são algumas características de comunidade que o poema apresenta? Você reconhece estes aspectos em outras comunidades?

2. A partir da reflexão realizada, responda:

a) Que outros espaços periféricos não urbanos você conhece e qual é a sua relação com estes espaços?

b) Você conhece pessoas que vivem ou viveram nestes locais?

c) Na sua opinião, quais são suas características mais marcantes?

d) Você percebe movimentos de resistência nestas comunidades?

3. Após responder as questões, prepare-se para escrever a respeito de um espaço periférico não urbano. Você pode conversar com pessoas que viveram ou vivem neste local ou partir de suas próprias experiências no lugar. Você experimentará escrever uma descrição considerando uma variedade de aspectos deste espaço: características físicas; sujeitos e saberes; histórias para além da História.

RELEMBRANDO

Uma descrição apresenta, com maior ou menor detalhamento, traços, qualidades, particularidades de algo ou alguém. Assim, descrever é apresentar por meio de palavras. Para saber mais sobre esta tipologia textual, retorne à unidade 2, “Corpo”, na atividade “Produção de textos - Retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade”.

REFLEXÃO E PROJETO - NOSSO MUSEU

Definir o que é um museu é uma tarefa muito mais complexa do que parece. Se antes os museus eram entendidos como instituições elitistas, excludentes e voltadas unicamente para a contemplação e turismo, atualmente, demanda-se que os museus, além de importantes instrumentos de preservação da memória de um povo, também trilhem o caminho da diversidade cultural, da retomada de referências que foram negadas e silenciadas, da promoção do diálogo cultural, da convivência, e do posicionamento diante à resolução de problemas sociais.



The image shows a digital project page for the 'Museu da Imagem Itinerante da Maré (MIIM)'. At the top left, there is a green box labeled 'PROJETO' and a dark grey box with '2019' and 'Ano de Fundação' below it. The main title is 'Museu da Imagem Itinerante da Maré (MIIM)' in bold black text, followed by a green subtitle: 'Um dos menores museus do mundo, capaz de guardar um acervo infinito'. Below this is a green box labeled 'INTRODUÇÃO' containing a paragraph of text. To the right of the text is a photograph of a yellow cardboard box with 'MIIM' printed on it, containing several small, colorful figurines. At the bottom left, there are sections for 'ENDEREÇO' (Rua Oliveira 70, Baixa do Sapateiro, Maré | Rio de Janeiro) and 'CONTATOS' (Melhor contato: museumiim@gmail.com, Saiba mais: museumiim.com.br). The page footer includes 'REDE FAVELA SUSTENTÁVEL' and a green box with the number '19'.

PROJETO 2019 Ano de Fundação

Museu da Imagem Itinerante da Maré (MIIM)

Um dos menores museus do mundo, capaz de guardar um acervo infinito

INTRODUÇÃO

O MIIM funciona em uma caixa de papelão, do tamanho de uma caixa de sapatos. O MIIM é um museu diferente, não tem endereço, é uma proposta museológica itinerante e em função do ato de imaginar lugares populares como a favela da Maré. Antes de iniciar a visita, o visitante assina o livro de presença, uma caderneta que também é guardada na caixa. Para a curadoria final, são relacionados três temas: cultura, vida cotidiana e política das imagens na Maré, abrangendo o período de formação da favela, de 1940 até os dias atuais. O acervo de imagens não está completo, ele pretende chegar a 100 imagens só na exposição dos monoculares.

ENDEREÇO
Rua Oliveira 70, Baixa do Sapateiro
Maré | Rio de Janeiro

CONTATOS
Melhor contato: museumiim@gmail.com
Saiba mais: museumiim.com.br

REDE FAVELA SUSTENTÁVEL 19

Imagem 20 - Projeto Museu da Imagem Itinerante da Maré (MIIM). Fonte: https://favelasustentavel.org/wp-content/uploads/2020/11/2020-11-Guia_Museus_Memorias_ESPELHADO.pdf

O Museu da Imagem Itinerante da Maré (MIIM) é um dos exemplos de museus que quebram os padrões arcaicos. Conheça um pouco mais sobre a proposta do MIIM apresentada na página anterior.

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

Assista ao clipe **Ginga**, de Sara Tavares. A música e o videoclipe da cantora e compositora portuguesa com ascendência Cabo-verdiana é cheio de referências afetivas à sua ancestralidade e constitui um espaço virtual de memórias da diáspora africana:

https://www.youtube.com/watch?v=_Y9vqzOWG8E

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

O livro infantil “Da minha janela”, de Otávio Júnior, convida para uma leitura afetiva e uma viagem de encontro íntimo ao apresentar a favela onde o escritor mora, no Rio de Janeiro. A obra, vencedora do prêmio Jabuti, é um chamado para observarmos o mundo que nos cerca e uma oportunidade para descobrirmos diferentes perspectivas sobre as realidades. O que você vê pela sua janela?



1. Na sua opinião, o que faz de um museu um espaço social importante? Que tipos de artefatos um museu deve conter? Quais histórias merecem ser contadas e preservadas? O que você gostaria de conhecer em um museu?

2. Você agora está recebendo um convite para realizar a curadoria do museu da sua comunidade. Pesquise sobre as histórias, entreviste pessoas que moram no seu bairro e organize um inventário de pequenos artefatos que fazem da sua comunidade um lugar único no mundo. Assim como o Museu Itinerante da Maré, escolha uma caixa, uma mala ou qualquer outro espaço que você julgue interessante e que possa ser transportado. Reúna nele o acervo de memórias do seu bairro com fotos e diferentes objetos que considere significativos. Para compor o acervo, desenhe ou imprima um mapa da sua comunidade e marque nele os lugares que você elegeu como importantes na construção da história.

PAPO DE EDUCADORAS E EDUCADORES

Projeto: O museu dos museus itinerantes. Esta proposta pode ser ampliada para vários grupos de estudantes e tratar de diferentes comunidades, gerando ao fim uma grande exposição de museus itinerantes.

BIBLIOTECA

Que tal explorar outros livros que trazem outros saberes e outros entendimentos de como o mundo existe? Seguem abaixo algumas indicações:

Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. São Paulo: Todavia, 2019.

Clara da Luz do Mar, de Edwidge Danticat. São Paulo: Todavia, 2021.

Meu quintal é maior que o mundo, de Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2015.

Museu da Pessoa (<https://museudapessoa.org/>).

Museu da Imagem e do Som (<https://mis-sp.org.br/>).

SESSÃO DE CINEMA

Aqui estão algumas sugestões de filmes que podem ser explorados em sala de aula a partir das discussões que realizamos até aqui.

Conterrâneos velhos de guerra. Direção e roteiro: Vladimir Carvalho. Brasil, 1990. (175 min)

A alma da gente. Direção: David Meyer; Helena Solberg. Brasil: Radiate Filmes, 2013. (83 min)

Branco sai, preto fica. Direção: Adirley Queirós. Brasil: Cinco da Norte, 2014. (90 min)

Medianeras. Direção e roteiro: Gustavo Taretto. Argentina; Espanha; Alemanha: Eddie Saeta S.A. Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales (INCAA) Instituto de la Cinematografía y de las Artes Audiovisuales (ICAA), 2011. (95 min)

Ya no estoy aquí. Direção e roteiro: Fernando Frías de la Parra. México: PPW Films; Panorama Global; Agencia Bengala, 2019. (112 min)



4 MUNDO

COMEÇANDO A CONVERSA

Neste capítulo, vamos ampliar nossa discussão tentando abraçar o mundo. É importante ressaltar que o mundo tal qual nos é apresentado por meio de projeções cartográficas e com a ideia de fronteiras territoriais é também um mundo inventado. Imagine a seguinte situação: olhe para o lugar onde você se encontra agora, este lugar pode ser a sua casa, a sala de aula ou qualquer outro espaço para onde você levou este livro e que possui barreiras físicas e imaginárias que fazem com que você o perceba como tal. Por exemplo, digamos que você esteja agora no seu quarto. Este é o seu quarto porque há paredes ou objetos que o delimitam enquanto seu quarto. Mas, além disso, há também um acordo na sua casa, entre as pessoas que moram nela, que este espaço físico está disponível para seu uso e você é a pessoa responsável por mantê-lo organizado e funcional. Essa segunda concepção a respeito de seu quarto é uma decisão política e social, definida pelas pessoas que dividem moradia com você.

Da mesma forma, as fronteiras também são acordos políticos, econômicos e sociais mais do que meramente geográficos. Agora, imagine

que você utilize este mesmo quarto desde que você nasceu e que nele estão os objetos e as histórias que você construiu ao longo de sua vida. Porém, um dia, uma pessoa desconhecida resolve dividir seu quarto ao meio e tirar de você a possibilidade de continuar nele; e essa pessoa se diz agora dona de tudo o que havia neste cômodo, pois ele não é mais o seu quarto, mas, por exemplo, a cozinha dessa pessoa. Essa situação imaginária pode soar ridícula e impossível de acontecer em muitos casos, porém, ela representa o que aconteceu e acontece com diversos povos há muitos anos.

O bairro, a cidade, o estado, o país e o continente onde você mora e hoje entende como tal, nem sempre tiveram essas mesmas divisões, percepções e fronteiras. Quando nos prendemos a ideias rígidas em relação a movimentos e espaços que não são fixos e nem universais, geralmente temos como resultado lamentável, intolerância, dor, xenofobia, racismos etc., e precisamos olhar para tudo isso com atenção enquanto humanidade. Assim, nesta seção propomos possibilidades de expansão da compreensão de mundo e de irmandade enquanto habitantes do planeta.

LEITURA E ANÁLISE - O HOMEM, AS VIAGENS E SEU TEXTO, CONTEXTO E INTERTEXTOS

O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade escreveu “O homem; as viagens”, poema em que a incessante busca humana por descobrir o(s) mundo(s) é posta em destaque. Leia e saboreie o poema abaixo:

O homem; as viagens

Carlos Drummond de Andrade

O homem, bicho da terra tão pequeno

Chateia-se na terra

Lugar de muita miséria e pouca diversão,

Faz um foguete, uma cápsula, um módulo

Toca para a lua

Desce cauteloso na lua

Pisa na lua

Planta bandeirola na lua

Experimenta a lua

Coloniza a lua

Civiliza a lua

Humaniza a lua.

Lua humanizada: tão igual à terra.

O homem chateia-se na lua.

Vamos para Marte - ordena a suas máquinas.

Elas obedecem, o homem desce em marte

Pisa em marte

Experimenta

Coloniza

Civiliza

Humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.

Vamos a outra parte?

Claro - diz o engenho

Sofisticado e dócil.

Vamos a vênus.

O homem põe o pé em vênus,

Vê o visto - é isto?

Idem

Idem

Idem.

O homem funde a cuca se não for a júpiter

Proclamar justiça junto com injustiça

Repetir a fossa
Repetir o inquieto
Repetitório.
Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
Só para tever?
Não-vê que ele inventa
Roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
Mas que chato é o Sol, falso touro
Espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
Do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
Só resta ao homem
(Estará equipado?)
A difícilíssima dangerousíssima viagem
De si a si mesmo:
Pôr o pé no chão
Do seu coração
Experimentar,
colonizar,
civilizar
Humanizar
o homem
Descobrir em suas próprias inexploradas entranhas
A perene, insuspeitada alegria
de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond de. As impurezas do branco. In.: Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

Você pode ouvir Drummond declamando seu poema (<https://www.youtube.com/watch?v=pt5wAezlIFQ>) ou uma animação criada a partir dele (<https://www.youtube.com/watch?v=dltfogJD8A-o>).

AUTORAS E AUTORES

Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1902, na cidade de Itabira, em Minas Gerais. Foi funcionário público durante a maior parte de sua vida, mas destacou-se como um dos grandes poetas brasileiros, além de publicar contos e crônicas. É autor de *Sentimento do mundo*, *José*, *A rosa da pavo* e de dezenas de outros livros que tematizam liricamente o cotidiano e a beleza da vida, das memórias, da palavra. Faleceu em 1987.

Para conhecer mais da vida e da obra de Drummond, visite:

<https://www.carlosdrummond.com.br/>



Foto 22 - Carlos Drummond de Andrade por Rogério Reis/ Instituto Ling. Disponível em: www.institutoling.org.br

Atividade

Vamos agora pensar e analisar o texto a partir de três categorias: o texto, o contexto e o intertexto. Você conhece cada uma delas?

O texto: Uma das especificidades da literatura é colocar a linguagem em primeiro plano, explorando suas potencialidades criativas e intensificando seus sentidos. O texto literário chama a atenção para a sua forma e isso é essencial para a eficácia de sua mensagem. Para tanto, é preciso estar atento aos recursos de linguagem utilizados na

tessitura do texto: a brincadeira com a linguagem, os recursos sonoros, a multiplicidade de significados etc. Tudo isso gera a singularidade de um texto literário.

Sendo assim, releia o poema de Carlos Drummond de Andrade e reflita sobre as questões abaixo:

1. O poema de Drummond, ao tratar da eterna insatisfação humana, apresenta uma estrutura marcada pela repetição ou por formas que buscam uma certa equivalência estrutural. Identifique como se dão essas repetições ou formas equivalentes.
2. Pensando na relação entre o que o poema diz e como o poema diz, responda: qual(is) o(s) sentido(s) dessas repetições?
3. O eu lírico utiliza no poema as formas “col-onizar” (versos 47-48) e “con-viver” (verso 63), em lugar de “colonizar” e “conviver”. Pense e reflita com os seus colegas: por que o eu lírico opta por escrever tais palavras dessa maneira?
4. No poema existem palavras cujo significado não se encontram nos dicionários, ou seja, são criadas pelo poeta. É o caso das palavras “insiderável” (verso 42) e “dangerosíssima” (verso 52). À invenção de palavras novas se dá o nome de neologismo. Releia os versos e discuta com os seus colegas: qual o sentido dessas duas palavras no poema? Se você fosse convidado a escrever o significado dessas palavras para um dicionário, como você as definiria?
5. Ao longo do poema, as palavras “experimental”, “colonizar”, “civilizar” e “humanizar” apresentam sentido positivo ou negativo? Tente justificar a sua resposta.

O contexto: O texto literário está sempre ligado a duas temporalidades: ao mesmo tempo em que nos faz refletir sobre a nossa vida e sobre

o tempo em que vivemos no momento de nossa leitura, também nos relembra o tempo e o mundo do momento em que ele foi produzido. Isto é, o texto é produto de uma determinada época, revelando valores, crenças, ideologias, visões de mundo de um contexto, mas também se expande para oferecer lentes com as quais enxergamos o nosso tempo no presente.

Sabendo disso, reflita sobre as questões abaixo:

6. O poema de Drummond foi publicado no livro *As impurezas do branco*, em 1973. As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por uma disputa acirrada entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética em diversos setores, incluindo a chamada “corrida espacial”. Pesquise sobre esse fato e responda: como o poema de Drummond reflete criticamente sobre este momento?

7. Na década de 1970, as preocupações de ordem ecológica começam a ganhar mais espaço denunciando os desequilíbrios que o modelo econômico da modernidade gera para a humanidade. Sendo assim, é possível perceber, no poema, uma discussão sobre a relação entre homem e natureza?

8. O fascínio do ser humano pelo domínio do espaço sideral ou pelo pleno domínio sobre a natureza é cada vez mais visível na contemporaneidade. Pesquise notícias ou reportagens que tratem deste assunto. Agora responda: o poema de Carlos Drummond de Andrade ainda é atual? Por quê?

Os intertextos: Todo texto é resultado de outros textos. A isso chamamos **intertextualidade**, o que significa dizer que há uma relação entre os textos, um diálogo que vai sendo tecido ao longo da história. Há formas de intertextualidade mais explícitas, o que leva o leitor a reconhecer a influência ou a presença de outros textos, como no caso das paródias ou paráfrases, por exemplo, e formas menos explícitas. No primeiro verso de Drummond (“O homem, bicho da terra

tão pequeno”) é possível perceber uma intertextualidade com Os Lusíadas, do autor português Luís Vaz de Camões. Observe:

*“No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme, e se indigne o Céu sereno
Contra **um bicho da terra tão pequeno?**”*

(Canto I, estrofe 106).

9. Diante disso, responda: você já ouviu falar em Os Lusíadas, de Camões? Sabe do que se trata essa obra? Se sabe, compartilhe com os seus colegas o seu conhecimento. Se não sabe, a tarefa é pesquisar sobre esse grande poema, buscar informações sobre o seu assunto principal, sobre o seu contexto e sobre a sua importância.

10. Depois disso, pense nas seguintes questões: você acredita que a presença da mesma expressão, nos dois textos, é mera coincidência? E qual relação se poderia estabelecer entre os dois textos?

LEITURA E REFLEXÃO - O MUNDO EM MAPAS E O QUE ELES NOS DIZEM

CONECTANDO SABERES

Este trabalho pode ser realizado interdisciplinarmente com as áreas de geografia e história, examinando processos e disputas na constituição de cartografias.

Os mapas são os registros mais antigos do pensamento geográfico. A humanidade, desde os primórdios, possui a necessidade social de registrar o espaço onde vive. Além de ferramenta de localização, os mapas são um importante instrumento de orientação e de possibilidade de expansão territorial das civilizações. O trabalho de cartografia foi essencial especialmente durante as expedições das grandes navegações e invasões dos séculos XV e XVI, por exemplo. A cartografia nunca foi uma ciência exata e neutra que representa exatamente o espaço e as realidades, ela é uma representação adaptada da realidade.

Mas, para que possamos entender melhor esse ponto, pensemos nos mapas como textos repletos de sentido. Geralmente, entendemos textos como um conjunto de palavras, mas, para chegarmos a algumas conclusões importantes, precisamos ampliar esta noção. Texto é uma manifestação da linguagem capaz de transmitir informações de sentido completo. Dessa forma, podemos perceber que textos podem ser produzidos de forma escrita ou oral. Mas, ampliando um pouco mais o conceito, percebemos que não precisamos sequer de palavras para que haja comunicação. Portanto, imagens, sons, expressões, cheiros, entre outros, também podem constituir textos. Em outras palavras, textos são eventos discursivos e, como tal, além de criar e sustentar relações de poder, também nos oferecem pistas sobre as situações de dominação das sociedades.

Então, ao entendermos os mapas como textos, podemos refletir sobre as formas escolhidas de representação dos espaços. Questionar quais mapas são escolhidos para utilização em espaços de poder e quais vozes estão sendo consideradas nessas representações. Por exemplo, alguns dos mapas mais utilizados representam a Europa no centro da imagem, ainda que a Terra seja uma circunferência elíptica que está em constante movimento, e o centro é uma posição relativa e temporária.

Atividade

1. Observe os mapas abaixo. Quais diferenças você identifica entre ambos? Quais fatos históricos e políticos estavam em curso quando

os mapas foram produzidos? Você consegue perceber alguma correspondência entre os momentos históricos e as escolhas de representações nos mapas?



Imagem 21 - Atlas náutico do mundo, dito atlas Miller, presumidamente por Lopo Homem, 1519, folha 5. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002607s/f1.item>

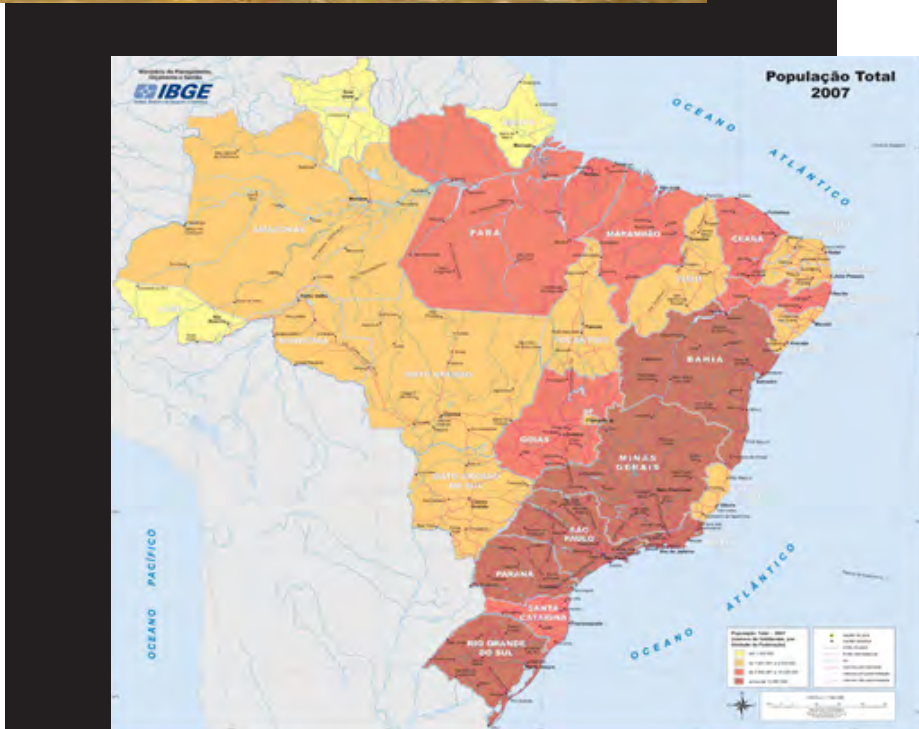


Imagem 22 - População Total do Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2007. www.ibge.gov.br

2. Observe a figura abaixo. Que leituras são possíveis fazer a partir da obra América Invertida (1943), de Joaquín Torres García?

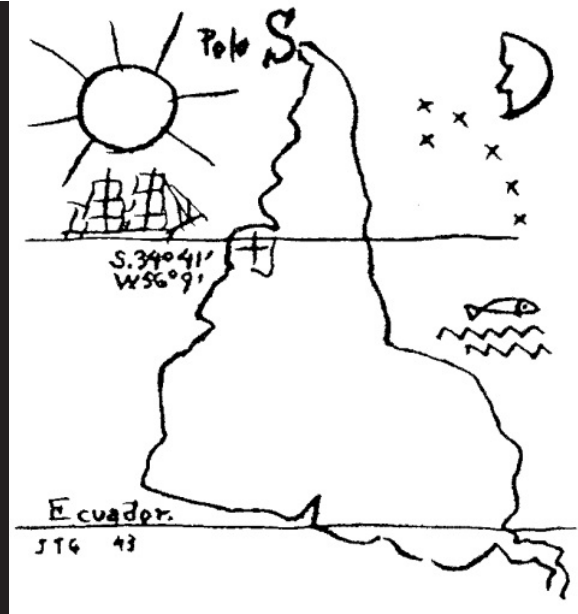
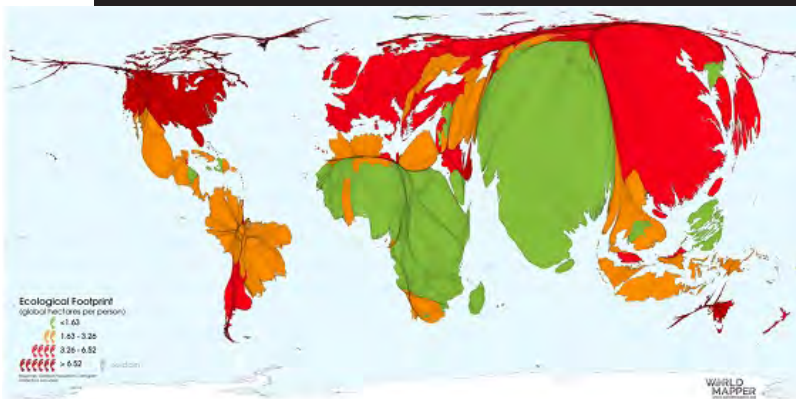


Imagem 23 - América Invertida de Joaquín Torres García, 1943. Disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Joaqu%C3%ADn_Torres_Garc%C3%A9a_-_Am%C3%A9rica_Invertida.jpg



Tradução da legenda do mapa:
 Pegada ecológica
 (hectares globais por pessoa)
 < 1,63
 1,63 - 3,26
 3,26 - 6,52
 > 6,52
 sem informação
 Mapa base: Cartograma populacional em grade
 Antártica excluída

Imagem 24 - Pegada ecológica - hectares globais por pessoa, 2019. Disponível em: <https://worldmapper.org/maps/grid-ecologicalfootprint-2019-population/>

3. O mapa (Imagem 24) apresentado na página anterior representa o mundo a partir de uma pegada ecológica e não de uma representação do espaço físico. Nele, observamos cores e tamanhos que indicam a responsabilidade de cada nação com o consumo dos recursos naturais. O que se pode inferir a partir deste mapa? Que outros tipos de mapas poderiam ser construídos levando em conta outros aspectos relevantes das sociedades? Você conhece algum?

4. Imagine que você acaba de receber um convite para a importante tarefa de desenhar o mapa do mundo a partir da sua visão. Escolha cores, desenhos e como centralizar os continentes que compõem o planeta Terra. Você pode se basear nos mapas já conhecidos, e é importante se lembrar que a cartografia, ainda que não seja totalmente exata, é uma ciência baseada em dados reais.

REFLEXÃO E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL - NOSSA RELAÇÃO COM O MUNDO

Assista ao curta-metragem “HOMEM” (MAN) de Steve Cutts.

A animação olha o relacionamento da humanidade com o mundo natural.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdaICIU>

Atividade

1. Para você, o que mais chama a atenção na animação? Por que você acha que o autor decidiu intitulá-la “Homem”?

2. Como a música apoia a história que está sendo narrada? Que tipo de emoções ela provoca?

3. Este é um tipo de texto sem muitas palavras, mas uma fica bem visível: welcome (bem-vindo). Como ela se relaciona com o final da história e contribui para a ironia apresentada na narrativa?

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

De acordo com Mauro Ferreira, ironia é uma figura de linguagem em que o sentido geral do enunciado possibilita perceber a intenção do falante de criticar, censurar ou ridicularizar alguém ou alguma coisa.

In: FERREIRA, Mauro. Aprender e praticar Gramática. São Paulo: Editora FTD, 2011.

4. A animação discute a relação do homem com o meio ambiente e o mundo. Como esta relação é retratada no filme? Apresente exemplos retirados do filme.

5. Reflitam em grupos: Qual é a sua relação com o mundo e o meio ambiente?

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

Após uma reflexão inicial, que tal fazer um teste para perceber o tamanho da sua atual pegada ecológica?

<http://pegadaecologica.org.br/>

Em 2020, em vista da pandemia e do isolamento social, Steve Cutts atualizou o filme e criou “HOMEM 2020” (MAN 2020), que pode ser visto no link a seguir.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=DaFRheiGED0>

6. Como a mensagem desta segunda animação se relaciona à primeira?

7. Reflitam em grupos: Como pode ser a sua relação com o mundo e o meio ambiente?

8. Após a reflexão, organizem em duplas um roteiro para uma animação na qual você vai retratar a sua relação com o mundo e o meio ambiente, procurando mostrar como ela é e como pode ser.

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

Roteiros audiovisuais são um gênero textual específico que pode ser estruturado de diversas maneiras. Para exercícios iniciais, sugerimos a realização de roteiros técnicos em duas colunas: áudio e vídeo. Você pode se inspirar no exemplo a seguir:

ÁUDIO	VÍDEO / BACKGROUND / EFEITOS
- Qual é o seu lugar no meio ambiente?	- Árvore do cerrado em evidência. - Aparece balão com a pergunta escrita.
- Este é o meu lugar. - Sons de pássaros, água corrente e outros animais ao fundo.	- Zoom out da árvore. - Vê-se um amplo espaço natural e a árvore está no canto esquerdo da imagem. É possível ver pássaros e outros animais.
- E este também é o meu lugar. - Sons de insetos, de folhas rasgadas e outros semelhantes.	- Zoom in na árvore. - Vê-se o detalhe do local onde o tronco toca o chão. É possível ver insetos e outros seres minúsculos.

9. Produzam a animação que vocês roteirizaram. Vocês podem utilizar estratégias diferentes das usadas por Steve Cutts e a animação pode ser feita com a técnica e as ferramentas que vocês decidirem ser as melhores para o que propõem.

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

Há diferentes técnicas de animação que podem ser exploradas para esta atividade, como animação tradicional (a partir de desenhos), em *stop motion*, digital em 2D ou 3D. Assim, vocês podem experimentar a técnica com a qual tenham mais afinidade ou que seja mais apropriada para a mensagem que pretendem passar. No caso das animações digitais, aplicativos gratuitos estão disponíveis na internet.

DECLAMAÇÃO, ESCUTA E COMPREENSÃO DE TEXTO - RÉPTEIS

É muito comum sermos apresentados a poemas na sua forma escrita. No entanto, este é um gênero textual que é construído com a intenção de ser declamado, de ser falado e ouvido. Declamar não é simplesmente ler as palavras como são encadeadas na poesia. Há um ritmo, uma musicalidade na declamação que nem sempre está evidente no texto escrito.

Neste momento você vai experimentar simplesmente ouvir um poema sendo declamado - e não acompanhado de seu texto escrito. Procure na internet o vídeo-poema Répteis, de Adriana Lisboa (<https://www.adrianalisboa.com/video-poemas>), que é a autora e quem também o declama.

1. Ouça o poema uma primeira vez. Que palavras ou ideias lhe chamaram a atenção? Que sensações você experimentou ao ouvir o poema sem poder acompanhar o texto escrito?
2. Ouça o poema uma segunda vez. Há outras expressões ou noções que chamam sua atenção? Como você sentiu ouvindo o texto uma segunda vez?

3. Anote algumas palavras, frases ou pensamentos que você associa ao poema que acabou de ouvir. Ouça o poema uma terceira vez. Complemente a sua lista.

4. O vídeo-poema apresenta imagens que alguém decidiu que faziam sentido para aquilo que estava sendo declamado. Neste momento você fará a proposta de uma imagem que possa representar o poema como um todo. Ela não precisa estar associada ao que o vídeo-poema ilustrou, pois deve ser um reflexo da sua escuta, das suas sensações e das suas anotações. Você pode produzir um desenho, uma pintura, uma colagem, um mosaico, uma escultura etc.

5. Agora que você teve a experiência de ouvir um poema sendo recitado, que tal organizar um momento de declamação de poemas? Reúna amigos, escolham suas poesias favoritas, tirem seus próprios poemas dos cadernos e vivam a experiência de declamar e ouvir.



Foto 23 - Adriana Lisboa por Julie Harris. Disponível em www.adrianalisboa.com

AUTORAS E AUTORES

Adriana Lisboa nasceu no Rio de Janeiro em 1970. Graduiu-se em música/flauta transversal pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Uni-Rio) e é mestre em literatura brasileira e doutora em literatura comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Já atuou em várias universidades fora do Brasil como palestrante, escritora residente e pesquisadora visitante. É romancista, poeta e contista, tendo recebido diversos prêmios por suas obras. Publicou também para o público infantojuvenil e seus livros foram traduzidos em mais de vinte países.

[/n https://www.adrianalisboa.com/biografia](https://www.adrianalisboa.com/biografia)

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS - PIRAHÃS

Muitas vezes nos percebemos em conflito com o tempo. Passamos momentos nos achando novos demais para algumas coisas, ou mesmo velhos demais para outras. Na maior parte das vezes, temos dificuldade em estarmos presentes por inteiro e estamos sempre pensando em várias coisas ao mesmo tempo, ou fazendo mais de uma coisa simultaneamente. E isso não acontece somente em ocasiões tediosas, acontece também quando estamos nos divertindo, mas pensando em alguma tarefa que temos que realizar, ou em alguma conversa que tivemos no dia anterior, ou ansiosas/os por um encontro logo mais. É comum escutarmos alguém culpar, não sem razão, o mundo digital e a nossa preocupação em não apenas viver os momentos que estamos vivendo, mas partilhá-los em redes sociais e acompanhar a quantidade de curtidas e engajamentos que nossas fotos podem gerar, fazendo com que não vivamos a experiência do presente por completo, pois o pensamento se divide em vários lugares e tempos. Todas essas coisas, além de tantas outras que não citamos aqui, podem despertar em nós sentimentos como angústia, ansiedade, sensação de desencaixe ou de descontrole da própria vida. Doutrinas filosóficas e religiosas diversas ressaltam a importância de práticas que nos permitam focar no momento presente e alcançar estados de tranquilidade, como, por exemplo, a meditação ou entonação de mantras, rosários etc.

Para dar prosseguimento à próxima atividade, permita-nos contar um pouco sobre os Pirahãs, um povo seminômade que vive às margens do rio Maici, no estado do Amazonas. Como acontece cotidianamente com indígenas brasileiros, os pirahãs são costumeiramente alvos de missionários que tentam catequizá-los e incuti-los a ideia de que seus costumes, práticas, saberes e língua são errados, fazendo com que abandonem tudo o que acreditam e que rege suas vidas em troca de uma nova fé e a promessa de uma redenção futura. Apesar dos mais de três séculos desde o primeiro contato com invasores portugueses, os pirahãs recusam-se a aprender outras línguas, como o português, e a abandonar suas práticas. A língua pirahã, que significa “cabeça reta”, pode ser falada,

sussurrada, cantada e até mesmo assobiada. Algo impressionante sobre a língua pirahã é que, entre outras coisas, ela não possui passado ou futuro. Os pirahãs estão sempre no momento presente, o que faz deles conhecedores enciclopédicos da fauna e da flora que os cerca, além de não enfrentarem com a mesma intensidade as angústias que o mundo ocidental nos infringe, como medo do futuro ou culpa em relação a algo ocorrido no passado. O linguista estadunidense Daniel Everett foi um dos missionários que fracassou na tentativa de catequizar os pirahãs e conta ter sido ele quem mudou suas próprias crenças. Everett, depois de pesquisar e viver vários anos entre os pirahãs, tornou-se ateu e hoje dedica-se ao estudo da língua e às características culturais impressas nela. Por ser a cultura indissociável da língua, as condições nas quais os pirahãs vivem refletem seu modo de expressar seus pensamentos.

Refleta e busque experimentar. Onde podemos buscar estratégias para estarmos presentes e inteiros? Como podemos viver o presente? Você tem experimentado algum sentimento de deslocamento com o tempo também? Que tal compartilharmos em grupo estratégias que nos permitam equilibrar as emoções?

Agora, depois de conhecer os pirahãs e imaginar estratégias para estar inteiros e inteiras no momento presente, voltemos a olhar com atenção para o português que falamos no Brasil. Ao contrário da língua pirahã, possuímos fundamentalmente três diferentes tempos verbais: pretérito, presente e futuro. Esses tempos verbais são marcados em relação a um ponto de referência: o tempo presente expressa o que acontece simultaneamente; o pretérito expressa o que é anterior ao ponto de referência; e o futuro ao que é posterior a esse ponto.

Em relação ao ponto de referência, há duas maneiras que podemos ordenar o tempo: em relação ao momento da fala e em relação ao momento instaurado no texto. Para isso, precisaremos olhar detidamente para cada um dos tempos verbais em relação ao momento da fala e ao momento do texto.

Vejam os **presente**:

Caminho agora por sua rua.

ou

Estou caminhando por sua rua.

O ato de caminhar acontece no instante em que a pessoa relata a ação.

Vejamos o passado em relação ao momento presente da fala:

Ontem caminhei por sua rua

O ato de caminhar é anterior ao momento em que se relata a ação.

E, então, vejamos o futuro do presente do relato:

Mais tarde voltarei a caminhar por lá.

A ação de caminhar é posterior ao momento do relato.

Quando marcamos o tempo no texto e o relacionamos com outros tempos, temos duas possibilidades que trataremos aqui, a primeira em relação ao pretérito e a segunda, ao futuro.

Começemos pelo **pretérito**:



Ontem ele caminhou.

Na situação descrita, o ato de caminhar é anterior ao momento do relato.

Agora, observe:

Ele caminhava quando tropeçou.

Em relação ao momento do relato, a ação de caminhar e de tropeçar já havia acontecido. Portanto, são descritas no passado.

Se o marco temporal estiver no passado, os fatos podem ser anteriores, simultâneos ou posteriores a ele. Além disso, a indicação de perfeição ou de imperfeição de um tempo verbal está relacionada à conclusão da ação no tempo proposto.

Voltemos à frase anterior:

Ele caminhava quando tropeçou.

Neste caso, a ação de caminhar é concomitante ao momento em que tropeçou, mas trata-se de uma ação em andamento, não finalizada, e por isso, chamamos de **pretérito imperfeito**. Quando comparamos à primeira frase “ontem ele caminhou”, observamos que a primeira relata uma ação concluída, enquanto a segunda não, por isso a primeira está no pretérito perfeito e a segunda no pretérito-imperfeito.

Ele já tinha guardado o celular quando tropeçou.

Na situação descrita, a ação de guardar o celular é anterior ao marco temporal passado, momento em que tropeça, e é finalizada naquele momento. Portanto, **pretérito mais-que-perfeito**.

Quando tropeçou ele viu que cairia.

O momento da queda é posterior ao marco temporal passado de tropeçar. Portanto, é o **futuro do pretérito**.

No caso de relacionarmos o marco temporal do texto com o **futuro**:



Mais tarde voltarei a caminhar por lá.

O marco temporal inscrito no relato, momento da caminhada, é posterior. Ou seja, vai acontecer depois.

Se o marco estiver no futuro, os fatos também podem ser simultâneos, anteriores ou posteriores em relação a ele.

Quando são simultâneos, geralmente usamos o verbo estar no **futuro do presente + gerúndio**:

Quando você passar por minha rua, estarei trabalhando.

A ação de passar acontece no momento do desenrolar da ação de trabalhar.

Quando são anteriores, usamos o **futuro do presente composto** (verbo ter no futuro + particípio):

Já terei saído de casa, quando você passar por minha rua.

A ação de sair acontece antes do marco temporal futuro da ação de passar pela rua.

Quando são posteriores, utilizamos o **futuro do presente**:

Quando você passar por minha rua, vou fingir que não estou.

A ação de fingir que não está é posterior ao marco temporal futuro de passar pela rua.

Vivemos em uma sociedade que nos lança desafios e cobranças múltiplas em relação ao modo com que lidamos com o tempo e isso transparece em nossa língua. Como pudemos ver, temos três tempos fundamentais e modos específicos de ordenar cada um deles. A articulação temporal de um texto cria diversos efeitos de sentido e atentar-se a isso pode nos ajudar a melhor lidar e transmitir efeitos que desejamos na nossa comunicação e a estarmos atentos, por meio da nossa língua, ao tempo que estamos vivendo.

Atividade

Experimente fazer três relatos. No primeiro, relate tudo o que se lembra que aconteceu em sua vida no dia de ontem. No segundo, relate o que você está fazendo no momento. E, no terceiro, faça um relato de tudo o que pretende fazer no dia de amanhã. Escreva e perceba a predominância dos tempos verbais em sua produção textual.

PAPO DE EDUCADORAS E EDUCADORES

O trabalho com verbos pode ser ampliado para trabalhar noções como advérbios e expressões com valor adverbial.

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS - CARTA ÀS FUTURAS GERAÇÕES

O texto de Ailton Krenak reflete sobre os desafios impostos pela pandemia de Covid-19 e sobre como este fato pode nos levar a uma reflexão mais profunda acerca das diversas dimensões da vida humana:

as relações entre homem e natureza, as relações sociais e econômicas, a consciência – individual e coletiva – do que é ser de fato humano. O texto de Davi Kopenawa, por sua vez, ainda que não aborde diretamente a pandemia, fala sobre processos de morte e de medo enfrentados em momentos críticos, mas também sobre a impermanência e renovação de ciclos, de fortalecimento e de continuidade por meio da esperança.

O amanhã não está à venda

Ailton Krenak

Vivemos hoje esta experiência de isolamento social, como está sendo definido o confinamento, em que todas as pessoas têm de se recolher. Se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. Assistimos a uma tragédia de gente morrendo em diferentes lugares do planeta, a ponto de na Itália os corpos serem transportados para a incineração em caminhões.

Essa dor talvez ajude as pessoas a responder se somos de fato uma humanidade. Nós nos acostumamos com essa ideia, que foi naturalizada, mas ninguém mais presta atenção no verdadeiro sentido do que é ser humano. É como se tivéssemos várias crianças brincando e, por imaginar essa fantasia da infância, continuassem a brincar por tempo indeterminado. Só que viramos adultos, estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdades entre povos e sociedades. De modo que há uma sub-humanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela - e isso também foi naturalizado.

[...]

Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro

ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. [...] Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos.

[...]

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

[...]

A nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta pela manhã com o sol, deixa os pássaros cantar, as correntezas e as brisas se moverem, cria esse mundo maravilhoso para compartilhar, e o que a gente faz como ele? O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. “Filho, silêncio”. A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: “Silêncio”. Esse é também o significado do recolhimento.

KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 3-6.

AUTORAS E AUTORES

Ailton Alves Lacerda **Krenak** é jornalista e escritor. Nasceu em 1953, na região do vale do Rio Doce, território do povo Krenak, local onde a atividade mineradora tem gerado graves problemas de ordem ambiental. Krenak é ativista

do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. Contribuiu também para a criação da União das Nações Indígenas (UNI). Em 2016 foi condecorado com o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Em 2020, recebeu o prêmio Juca Pato de intelectual do ano, concedido pela União Brasileira de



Foto 24 - Ailton Krenak por Eduardo Fujise e Gideoni Junior/Itaú Cultural. Disponível em: www.encyclópédia.itaucultural.org.br

A queda do céu

Davi Kopenawa e Bruce Albert

Antigamente, éramos realmente muitos e nossas casas eram muito grandes. Depois, muitos dos nossos morreram quando chegaram esses forasteiros com suas fumaças de epidemia e suas espingardas. Ficamos tristes, e sentimos a raiva do luto demasiadas vezes no passado. Às vezes até tememos que os brancos queiram acabar conosco.

Porém, a despeito de tudo isso, depois de chorar muito e de pôr as cinzas de nossos mortos em esquecimento, podemos ainda viver felizes. Sabemos que os mortos vão se juntar aos fantasmas de nossos antepassados nas costas do céu, onde a caça é abundante e as festas não acabam. Por isso, apesar de todos esses lutos e prantos, nossos pensamentos acabam se acalmando.

Somos capazes de caçar e de trabalhar de novo em nossas roças. Podemos recomeçar a viajar pela floresta e a fazer amizade com as

pessoas de outras casas. Recomeçamos a rir com nossos filhos, a cantar em nossas festas reahu e a fazer dançar os nossos espíritos xapiri. Sabemos que eles permanecem ao nosso lado na floresta e continuam mantendo o céu no lugar.”

KOPENAMWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 79

AUTORAS E AUTORES

Para lembrar o autor **Davi Kopenawa**, retorne à unidade 1 “Ancestralidade”, na atividade “Conhecendo as mais velhas e os mais velhos”.

Atividade de Produção de texto

Tomando as reflexões de Aílton Krenak e Davi Kopenawa como ponto de partida, produza uma **carta pessoal dirigida às futuras gerações** relatando os desafios do nosso tempo e propondo possibilidades na direção de um futuro mais justo, mais harmonioso e mais humano.

Você pode imaginar a sua carta como um texto em uma garrafa lançada ao mar, como um recado que ficará preservado em uma cápsula do tempo e será lida daqui a algumas décadas ou como uma carta para os seus descendentes. Enfim, use a sua criatividade. Apenas lembre-se de que se trata de uma mensagem dirigida à posteridade. Pense que ela poderá ser uma alerta para os seres humanos do futuro com a potencialidade de fazê-los olhar para o passado, pensar o presente e projetar um futuro melhor.

Relembrando:

Existem vários tipos de carta: carta pessoal, carta comercial, carta aberta, carta de leitor etc. A carta pessoal é um gênero, cujas características essenciais são:

- Local e data. Uma carta sempre se inicia localizando de onde e quando o sujeito que escreve está produzindo sua mensagem.
- Vocativo. É o chamamento a quem a carta se dirige (Caro amigo; Prezado diretor; Querida tia etc.).
- Mensagem. É o teor da carta, o conteúdo, a mensagem. Em se tratando de uma carta pessoal, a linguagem utilizada pode ser menos formal ou admitir coloquialismos e formas mais despojadas de escrita.
- Fecho. Trata-se da saudação que encerra a carta (Um grande abraço; Saudades; Com carinho etc.).
- Assinatura. Nome de quem escreve a mensagem.

PARA REVISAR O TEXTO:

Antes de entregar o seu texto, faça a seguinte checagem:

- A minha letra está legível.
- O texto está visualmente organizado.
- Os parágrafos têm tamanhos parecidos, isto é, estão proporcionais.
- Eu percebo uma relação lógica entre os parágrafos.
- Eu li em voz alta o texto para mim mesmo.
- O meu texto apresenta os elementos essenciais de uma carta (local e data, vocativo, mensagem, saudação e assinatura).

REFLEXÃO E PROJETO - INTERVENÇÕES

Extrapole a reflexão individual das cartas às futuras gerações para um projeto mais amplo. A ideia é realizar uma reflexão coletiva e uma proposta de intervenção para uma relação diferente com o mundo.

Projeto:

1. Façam um levantamento coletivo de questões inquietantes na nossa relação com o mundo. Podem ser questões além daquelas relativas ao meio ambiente.

2. Em pequenos grupos, escolham uma das questões e pensem em possibilidades de intervenção que possam trazer reflexão, consciência ou ainda soluções para a questão inquietante escolhida. Vocês podem pensar em campanhas de conscientização, realização de mutirões, cursos ou eventos, reorganização de rotinas, o que quer que achem adequado diante da questão inquietante e da sua instituição de ensino.

a) A proposta de intervenção deverá ser pensada localmente. Sua ação será direcionada inicialmente para dentro da sua instituição de ensino. Como vocês podem trazer o mundo para dentro da escola?

b) Embora a intervenção seja local, considerem a possibilidade de realizar parcerias com a sociedade civil, grêmios, associações, OnGs e até mesmo com organismos internacionais.

APROFUNDANDO E EXPLORANDO

Organizações não governamentais (OnGs), associações e grêmios são maneiras por meio das quais a sociedade civil se organiza em instituições. Elas têm estruturas e maneiras de operar diferentes, mas, em geral, são instituições que buscam trabalhar em prol de questões levantadas pela sociedade civil que nem sempre são tratadas a contento pelo Estado ou pela iniciativa privada.

Organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e suas agências específicas, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e a Organização Mundial do Comércio (OMC) são instituições criadas coletivamente e reunindo diversas nações. Os organismos internacionais trabalham em prol de objetivos comuns destes países em diferentes áreas, fomentando ainda sua relação de cooperação.

c) Organizem a proposta, preparem um cronograma de ações, percebam a necessidade de contatos e autorizações, bem como de recursos. Considerem como vocês podem buscar os recursos necessários.

3. Realizem a intervenção e façam seu registro especialmente a partir de material audiovisual e componham um registro único da proposta como um todo. Pode ser um álbum de fotos, uma produção de vídeo, um relatório de atividade, o que a imaginação de vocês permitir.

4. Coletivamente, façam uma avaliação da intervenção realizada considerando especialmente:

O que queríamos?	O que conseguimos?	O que conseguimos que nem imaginávamos?

BIBLIOTECA

Que tal explorar outros livros que trazem outros saberes e outros entendimentos de como o mundo existe? Seguem abaixo algumas indicações:

Árvore generosa, de Shell Silverstein. São Paulo: Editora Companhia das Letrinhas, 2017.

A vida não é útil, de Ailton Krenak. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

As cidades invisíveis, de Ítalo Calvino. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1990.

Obax, de André Neves. São Paulo: Editora Brinque-Book, 2010.

Sonhos em tempo de guerra: memórias de infância, de Ngugi wa Thiongo. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca Azul, 2015.

SESSÃO DE CINEMA

Aqui estão algumas sugestões de filmes que podem ser explorados em sala de aula a partir das discussões que realizamos até aqui.

Amanhã. Direção: Cyril Dion; Mélanie Laurent. Roteiro: Cyril Dion. França: Move Movie; Mars Films; Mely Productions, 2017.

Persépolis. Direção: Vincent Paronnaud; Marjane Satrapi. Roteiro: Marjane Satrapi; Vincent Paronnaud. França, EUA: 2.4.7 Films; France 3 Cinéma; The Kennedy/Marshall Company, 2008.



GLOSSÁRIO

Parecia o fim, mas é só mais um começo.

Durante suas reflexões passando por ancestralidade, corpo, comunidade e mundo você registrou em um glossário palavras e termos não necessariamente novos para você, mas que se mostraram relevantes para as considerações e ponderações que fizemos.

Neste momento você vai retomar o seu glossário e, por conseguinte, também parte das reflexões que foram feitas. Releia as palavras e as ideias que você registrou associadas a cada uma delas. As ideias se repetem em outras palavras? Há palavras que se relacionam ou se contrapõem? Ao final deste percurso de pensares, você possui outros entendimentos destas palavras? Em caso afirmativo, complemente o seu glossário com estas ideias.

Após rever e complementar as palavras, considerando os significados que você construiu, prepare-se para escrever. A sugestão neste primeiro momento é você escrever um acróstico. Acrósticos são composições feitas a partir das letras iniciais de uma palavra que, em geral, é escrita no sentido vertical. Abaixo você encontra um exemplo de acróstico a partir da palavra glossário.

Gentes de todas as partes
Leituras de todas as artes
Onde saberes se encontram
Sobre histórias que encantam.
São pensares e reflexões
Ancorados em experiências
Redirecionando ações
Inspirando revoluções
Orquestrando vivências.

Escolha uma ou duas palavras que foram extremamente significativas para você e tome-as como ponto de partida para seu acróstico. Procure colocar nele não somente os significados das palavras, mas as outras conexões que o percurso até aqui tem mostrado entre elas e entre você.

Organizem uma exposição na qual os vários acrósticos poderão ser lidos por todas e todos.



REFERÊNCIAS

18 - Drummond - "O Homem; As viagens". Edição: Felipe Breier, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pt5wAezlIFQ>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ALMEIDA, Amanda de. Dove revela os retratos da real beleza. **B9**. 15 abr. 2013. Disponível em: <https://www.b9.com.br/36227/dove-revela-os-retratos-da-real-beleza/>. Acesso em: 11 ago 2021.

ALMEIDA JR., Ataíde de; CAIXÊTA, Heloísa; RANGEL, Yza. **ABC do DF**. Metrôpoles. Disponível em: <https://www.metrolopes.com/materias-especiais/abc-do-df-conheca-as-gurias-mais-faladas-em-brasilia>. Acesso em: 28 jul. 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz? São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BASTOS, Meimei. **Um verso e mei**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

BISPO, Antônio. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília, 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <https://www.carlosdrummond.com.br/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

CAMINHA, Pero Vaz. [**A carta de Pero Vaz de Caminha**]. 1500. 1 carta. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Cultrix, 2004.

CORREIO DA MANHÃ. Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil, oferecendo autógrafos de seu livro "Quarto de Despejo", no qual relata o cotidiano e sentimentos experimentados pela comunidade da favela. 1960. 1 fotografia. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/37020960316>. Acesso em: 04 ago. 2021.

COUTINHO BROTHERS PHOTOGRAPHERS. Comoro girl, 1906. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.oldeastafricapostcards.com/coutinho/> . Acesso em 20 ago. 2021.

COUTINHO BROTHERS PHOTOGRAPHERS. CO 1069-176-9 Africa through a lens project. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.nationalarchives.gov.uk/africa/> . Acesso em 20 ago. 2021.

COUTINHO BROTHERS PHOTOGRAPHERS. Natives dressing hair, 1908. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.oldeastafricapostcards.com/coutinho/> . Acesso em 20 ago. 2021.

COUTINHO BROTHERS PHOTOGRAPHERS. Swahili girl, 1906. 1 fotografia.
Disponível em: <https://www.oldeastafricapostcards.com/coutinho/> .
Acesso em 20 ago. 2021.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In.: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coords.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

DANTES, Anna; KRENAK, Ailton; DESCHAMPS, Madeleine. **Selvagem: ciclo de estudos**. Disponível em: <http://selvagemciclo.com.br>. Acesso em: 06 ago. 2021.

EGA, François. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. São Paulo: Editora Todavia, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, p. 10-11.

FAUSTINI, Marcus Vinicius. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar Gramática**. São Paulo: Editora FTD, 2011.

FIORIN, José Luiz. "Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico". In. SILVA F.L. da & MOURA, H.M de M. (orgs.) **O Direito à Fala**: a questão do preconceito linguístico. Florianópolis: Editora Insular, 2002.

FLECHA 1 - A serpente e a canoa. Direção: Anna Dantes. Produção: Madeleine Deschamps. Orientação e narração: Ailton Krenak. Narração introdução: Daiara Tukano, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4>. Acesso em: 06 ago. 2021.

FRITZEN, Silvino José. Janela de johari: exercícios vivenciais de dinâmica de grupo, relações humanas e de sensibilidade. 23ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

FUNDÃO, Turma do. Resenha: mulheres - retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade. **Superinteressante**. 28 mar. 2016, atualizado em 04 jul. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/resenha-mulheres-retratos-de-respeito-amor-proprio-direitos-e-dignidade/>. Acesso em: 07 jan. 2021.

GINGA: Sara Tavares. Realização: Nuno Miranda. Produção: Pedro Avillez Costa & Kriolscope. [Portugal]: Sony Music Entertainment, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Y9vqzOWG8E. Acesso em: 26 jul. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GOMES & SONS, A. C. Natives hair dressing, Zanzibar, 1870-1900. 1 fotografia. **The Walther Collection**. Disponível em: <https://www.walthercollection.com/en/collection/artworks/inscribed-natives-hair-dressing-zanzibar>. Acesso em: 20 ago. 2021.

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Editora Record, Rio de Janeiro, 2019.

GRUPO DE TRABALHO MEMÓRIA E CULTURA DA REDE FAVELA SUSTENTÁVEL. **Museus e memórias: guia**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://favelasustentavel.org/wp-content/uploads/2020/11/2020-11-Guia_Museus_Memorias_ESPELHADO.pdf. Acesso em: 30 jul. 2021.

HISTÓRIA do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil. Produção: Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yv1dnuGgn2k>. Acesso em 17 ago. 2021.

HOMEM, Lopo. Atlas náutico do mundo, dito atlas Miller. 1519. 1 atlas. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002607s/f1.item>. Acesso em: 18 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **População total do Brasil**. 2007. 1 atlas. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 18 ago. 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2018.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MAN. Direção: Steve Cutts, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdalCIU>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MAN 2020. Direção: Steve Cutts, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DaFRheiGED0>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MUKASONGA, Scholastique. **A mulher de pés descalços**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

O HOMEM; as viagens. (Carlos Drummond de Andrade). Produção: Larissa Terra, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dltogJD8A-o>. Acesso em: 30 jul. 2021.

OLIVEIRA, Mayssara Reany Jesus. **Discursos e letramentos de estudantes com deficiência intelectual no contexto da educação inclusiva do DF**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

PARE de procurar vaga para estacionar. Palestra de Renata Florentino. Produção: TEDxTalks, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q3NIZwOyWoe>. Acesso em: 04 ago. 2021.

RIGUEIRA, Marta Maria Gonçalves; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Vida Maria**: configuração familiar e herança cultural em uma comunidade nordestina. Disponível em: <http://www.ppged.ufv.br/seminariofamiliapoliticassociais>.

ROSSETI, Carol. **Mulheres – retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade**. São Paulo: Editora Sextante, 2015.

SANTOS, Antonio Bispo. Colonização, quilombos: modos e significados. Brasília, 2015.

SETE autores contam as lições que receberam dos avós. **Blog da Letrinhas**. 24 jul. 2020. Disponível em: <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Sete-autores-contam-as-licoes-que-receberam-dos-avos> . Acesso em: 07 jan. 2021.

SOBRAL, Cristiane. **Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz**. Edição da autora. Brasília, 2014.

TRISTE, louca ou má (oficial): Francisco, el hombre. Direção: Rafael Câmara, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>. Acesso em: 07 jan. 2021.

VIDA Maria. Direção: Márcio Ramos, 2006. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 . Acesso em: 11 nov. 2020.

WORLDMAPPER. **Ecological footprint per capita 2019**. 1 mapa. Disponível em: <https://worldmapper.org/maps/grid-ecologicalfootprint-2019-population/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

WWF; AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS; FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL; MNISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Pegada ecológica. Disponível em: <http://pegadaecologica.org.br/> . Acesso em: 02 ago. 2021.



AUTOR E AUTORAS

Rafael Batista de Sousa é professor do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB, Campus São Sebastião. É doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), onde também defendeu o seu mestrado, pesquisando as relações entre literatura e sociedade. Licenciado em Letras - Português, pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Seus estudos e interesses se voltam para a literatura (para leitores grandes e pequenos), para os escritos autobiográficos do sistema literário brasileiro e para o ensino de literatura.

É pai do Antônio, com quem tem aprendido muito sobre a poesia da vida.

Carolina Soares Mendes é professora do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB, Campus São Sebastião. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília - UnB, é mestra pela mesma universidade, onde também licenciou-se em Letras-Inglês e bacharelou-se em Letras-Português. Possui especialização em Dinâmica dos Grupos pela SBDG.

Sabia desde criança que queria ser professora. É apaixonada pela educação, pela literatura e pela diferença que elas podem fazer. Entusiasta de processos participativos e do potencial da juventude, acredita nas pessoas - especialmente quando fazem junto. Sempre que pode, coloca o pé na estrada em busca de se maravilhar com as belezas do mundo. Está em busca de um olhar decolonial.

Jaqueline Coêlho é professora do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB, Campus São Sebastião. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília- UnB, é mestra pela mesma Universidade, onde também obteve o grau de licenciada, com intercâmbio na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Portugal. Sua dissertação ganhou menção honrosa no Prêmio de Teses e Dissertações: Luiz Antônio Marcuschi, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Atua em pesquisas sobre Estudos Críticos do Discurso e Estudos Feministas Decoloniais.

Uma das sensações que mais gosta de sentir é a de que está aprendendo algo novo e descobriu que a melhor maneira de seguir aluna é sendo professora, que o mundo é escola e que vamos melhor em grupo. Deseja seguir se encantando com a vida e nunca ter a ilusão de que o aprendizado é finito.

Ao nomearmos este livro *Peles de imagens*, reverenciamos a complexidade do pensamento Yanomami e reconhecemos nossa limitação em escapar da produção acadêmica tão fechada em desenhos de palavras materializados em peles de imagens. Por outro lado, ansiamos pela possibilidade de alteridade, em que não precise haver negação ou silenciamento de saberes em detrimento de outros, lançando uma aposta miúda e apaixonada de encontro e fortalecimento mútuos. Por sua vez, a assunção da relação dialética entre discurso e outros elementos da prática social é orientadora das atividades e reflexões que buscamos compartilhar a partir deste material, que propõe *o texto como leitura e produção de mundos*, ou seja, por meio do texto modificamos o mundo enquanto somos por ele nós mesmos modificados.

A obra foi construída a partir das vivências das autoras e do autor junto a estudantes de diversos cursos e nasceu da experiência de trabalhos elaborados em equipe e realizados de forma colaborativa na busca pela construção de práticas inclusivas que visavam promover a sensação de pertencimento, a ampliação das bases epistemológicas e a interdisciplinaridade como ferramentas de enfrentamento à evasão e adaptação curricular durante a pandemia da COVID-19. O projeto foi motivado pela experimentação de atividades em sala de aula e sua contínua avaliação, aliada especialmente a reflexões conjuntas e constantes sobre o lugar da educação e de processos formativos na realidade brasileira, permeada de desigualdades e de relações assimétricas. E, cientes disso, procuramos promover o cumprimento efetivo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº9.394/1996, das Leis nº 10.639/2003, 11.645/2008 e 12.990/2014, do Parecer CNE/CP nº 03/2004, da Resolução CNE/CP nº 01/2004, assim como o Plano Nacional De Implementação Das Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação Das Relações Étnico-raciais E Para O Ensino De História E Cultura Afro-Brasileira E Africana.

Por se tratar de um material que articula leitura, análise e produção textual a partir de uma diversidade de questões da realidade, ele pode ser utilizado em componentes curriculares não exclusivamente ligadas à leitura e produção de texto desde o Ensino Médio e Ensino Médio Integrado, passando por cursos Técnicos Concomitantes e Subsequentes, na Educação de Jovens e Adultos, em cursos de Formação Inicial e Continuada, bem como em cursos livres. A proposta é que estudantes possam circular por diferentes gêneros textuais, possibilitando uma formação mais próxima dos usos sociais da língua, necessária à plena vivência cidadã, mas que também propicie experiências de autoconhecimento e de reflexão acerca das estruturas que moldam as diferentes dimensões da vida social.

Assim, partindo de reflexões individuais e coletivas que possibilitem a construção do conhecimento, poderão ser imaginados e realizados textos escritos em diversos gêneros, mas também produções orais, audiovisuais, projetos e trabalhos interdisciplinares que apenas entrevemos e que estão por ser concebidos por docentes de diferentes áreas. Inspiradas e inspirado em Drummond, desejamos assim provocar e convidar docentes e discentes para “A difícilíssima e perigosíssima viagem De si a si mesmo”. Isto não impede que aqueles que cheguem a esta obra optem por trilhar caminhos outros, sem se inquietarem com uma sequência pré-determinada.